

Ministério da Educação
Universidade Federal de Uberlândia
Escola de Educação Básica

Entre palcos e laboratórios

os múltiplos passos de um corpo
que ensina ao aprender e aprende ao ensinar

Bruno Gonzaga Teodoro

Uberlândia – MG
2025

Bruno Gonzaga Teodoro

**Entre palcos e laboratórios: os múltiplos passos de um corpo
que ensina ao aprender e aprende ao ensinar**

Memorial apresentado ao Colégio de Aplicação Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (CAp Eseba/UFU), como requisito parcial para promoção à classe de professor titular na carreira de Magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico.

**Banca examinadora
Titulares**

Profa. Dra. Sônia Bertoni

Professora Titular Faculdade de Educação Física – UFU

Prof. Dr. Sérgio Teixeira

Professor PEB V Escola Estadual Américo Renê Gianetti

Profa. Dra. Sírley Cristina Oliveira

Professora Titular IFTM Uberlândia Centro

Prof. Dr. Márcio Bonesso

Professor Titular IFTM Uberlândia Centro

Suplentes

Prof. Dr. Christian Alves Martins

Professor no Colégio de Aplicação Eseba/UFU

Prof. Dr. Reinaldo Tronto

Professor IFSP campus Sertãozinho

Uberlândia – MG

2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

T314e
2025

Teodoro, Bruno Gonzaga, 1985-

Entre palcos e laboratórios [recurso eletrônico] : os múltiplos passos de um corpo que ensina ao aprender e aprende ao ensinar / Bruno Gonzaga Teodoro. - 2025.

Memorial Descritivo (Promoção para classe E - Professor Titular) - Universidade Federal de Uberlândia, Colégio de Aplicação.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.me.2025.21>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Professores universitários - formação. I. Universidade Federal de Uberlândia. Colégio de Aplicação. II. Título.

CDU: 378.124

André Carlos Francisco
Bibliotecário-Documentalista - CRB-6/3408

Agradecimentos

Primeiramente, eu gostaria de agradecer ao privilégio que tive na vida de realizar vários sonhos: trabalhar com o que gosto (sem romantização), poder fazer mestrado e doutorado, ter tido a oportunidade de fazer pesquisa de alta qualidade, ter vivido fora do país, ter a oportunidade de conhecer várias partes do nosso país.

Agradeço aos meu pai Leônio e minha mãe Jussânia por serem inspiração na minha vida, exemplos de carinho, cuidado, amor e empatia.

Agradeço a minha esposa Milane pelo companheirismo, parceria de vida, de alma, de amor e dedicação por nossa família. Por ser minha inspiração diária de amor e esperança por uma sociedade mais igualitária. Por me inspirar com a escrita do seu TCC na graduação em Dança da UFU. Me inspiro, admiro tudo em você Milane!

Agradeço as minhas filhas Eloá e Lis. Filhas, vocês são a maior motivação de vida do papai. Fonte de inspiração e aprendizado diário. A existência de vocês transformou e transforma minha vida diariamente. Amo muito vocês.

Obrigado meus irmãos Diego, Felipe, Daiane e Gui, amo vocês.

Agradeço aos meus companheiros e amigos da área de Educação Física da ESEBA: Tiago, Cléber, Sumaia e Vickele. Vocês são profissionais em que me inspiro diariamente. É uma honra e privilégio poder dividir grande parte da minha carreira com vocês.

Agradeço a todos os amigos da ESEBA, IFSP, USP e UFV e de todos os lugares que passei nesta vida acadêmica. Pois a vida presta. E os amigos fazem parte desta jornada.

Por fim gostaria de agradecer a todos meus alunos e alunas, pois a minha maior motivação enquanto professor e poder ensinar e aprender com todas as trocas que fazemos no dia a dia.

Resumo

Este texto é um memorial para promoção à classe de professor Titular da carreira do Ensino Básico Técnico e Tecnológico (EBTT) da Universidade Federal de Uberlândia. Apesar de toda pompa e formalidade que são atribuídas a este momento, escrevi este memorial de uma maneira muito livre e espontânea sobre memórias desde a infância até hoje. Como tenho lido muito material sobre antirracismo e decolonialidade do saber, tentei fazer uma correlação dessas leituras com meus estudos e tudo que vivi. Tentei também não hierarquizar os tipos de conhecimento, colocando no mesmo nível de importância meus conhecimentos científicos, populares e artísticos. Dividi a escrita deste memorial da seguinte maneira: Introdução, Dualismo Corpo-Mente, A Universidade – Um mundo se abriu, Especialização e Mestrado, O Instituto Federal de São Paulo, A Escola de Educação Básica (ESEBA-UFU), Conclusão. Na introdução refleti sobre este momento sobre como falar de si sem alimentar somente o ego, será que é possível? Escrevi um pouco sobre como enxergo o dualismo corpo e mente como um limitador do nosso desenvolvimento enquanto seres e enquanto nação de fato próspera. Após isto, apresentei um pouco sobre as memórias da infância e adolescência e como isso impactou na minha formação humana e de valores que tenho e acredito. Em seguida da minha vivência na Universidade Federal de Uberlândia enquanto estudante de graduação, depois sobre minhas experiência e estudos na especialização e mestrado. Toda esta trajetória foi essencial para que eu ingressasse na carreira de professor EBTT no Instituto Federal de São Paulo em 2010 e conseguisse minha redistribuição para ESEBA-UFU em 2017, dos quais descrevo em detalhes o que foi desenvolvido nestas duas instituições ao longo do texto. Esta escrita foi uma jornada de muita reflexão e um momento terapêutico de mergulhar para dentro do meu eu e repensar nas possíveis trajetórias daqui em diante.

Sumário

Introdução	8
1. Dualismo Corpo-Mente.....	12
2. Trajetória de formação humana na infância e adolescência.....	20
2.1 Nascimento, infância, família e escola	20
2.2 Adolescência: shows, festas, organizações de eventos e entrada na Universidade	23
3. A Universidade: um mundo se abriu	26
3.1 A entrada na Universidade.....	26
3.2 Vivências na graduação	27
4. Especialização e Mestrado.....	38
4.1 Especialização (Pós-Graduação <i>Latu Sensu</i>)	38
4.2 Mestrado	41
5. O Instituto Federal de São Paulo (setembro de 2010 a outubro de 2017)	52
5.1 O Ingresso.....	52
5.2 Ensino	54
5.2.1 Ensino Médio	55
5.2.2 Licenciatura	65
5.2.3 Mestrado	65
5.3 Extensão	67

5.4 Pesquisa	78
5.5 Gestão/Comissões	94
6. A Escola de Educação Básica da UFU (de outubro de 2017 até hoje)	96
6.1 Chegada na ESEBA	97
6.2 Ensino	98
6.2.1 Currículo e aulas	99
6.2.2 Jogin e Festivais	109
6.2.3 Esporte Escolar	116
6.2.4 Ensino por Ciclos	122
6.3 Pesquisa	124
6.3.1 Projeto Saúde na Escola	125
6.3.2 Projeto Metodologias Ativas	128
6.3.3 Qualidade de vida	129
6.3.4 Ensino Por Ciclos	132
6.4 Extensão	137
6.4.1 Meditação	137
6.4.2 Jornal Diário de Ideias	139
6.4.3 Dança ESEBA	139
6.5 Formação Inicial de acadêmicos de licenciatura	156
6.6 Gestão	162
7 Conclusão	169
Referências	172

Introdução

Como se dá a formação humana?

Como se tornar um(a) intelectual?

Como se despir dos egos ao falar de si mesmo?

Como se despir dos egos ao avaliar o(s) outros?

O que precisamos enquanto sociedade para vivermos melhor?

Essas e outras perguntas pairam sobre minha cabeça há um certo tempo. Vivo na agonia de tentar desvendar como em uma sociedade machista, homofóbica, misóginia e racista; posso eu, um homem branco, heteronormativo, me colocar de uma maneira a ressignificar tudo que este tipo de identidade construída ao longo da história.

Parafraseando a banda Francisco El Hombre na música “Triste, Louca ou Má”, o que te define enquanto ser?

Uma família te define?

Uma religião te define?

Uma esposa/esposo te define?

Um emprego te define?

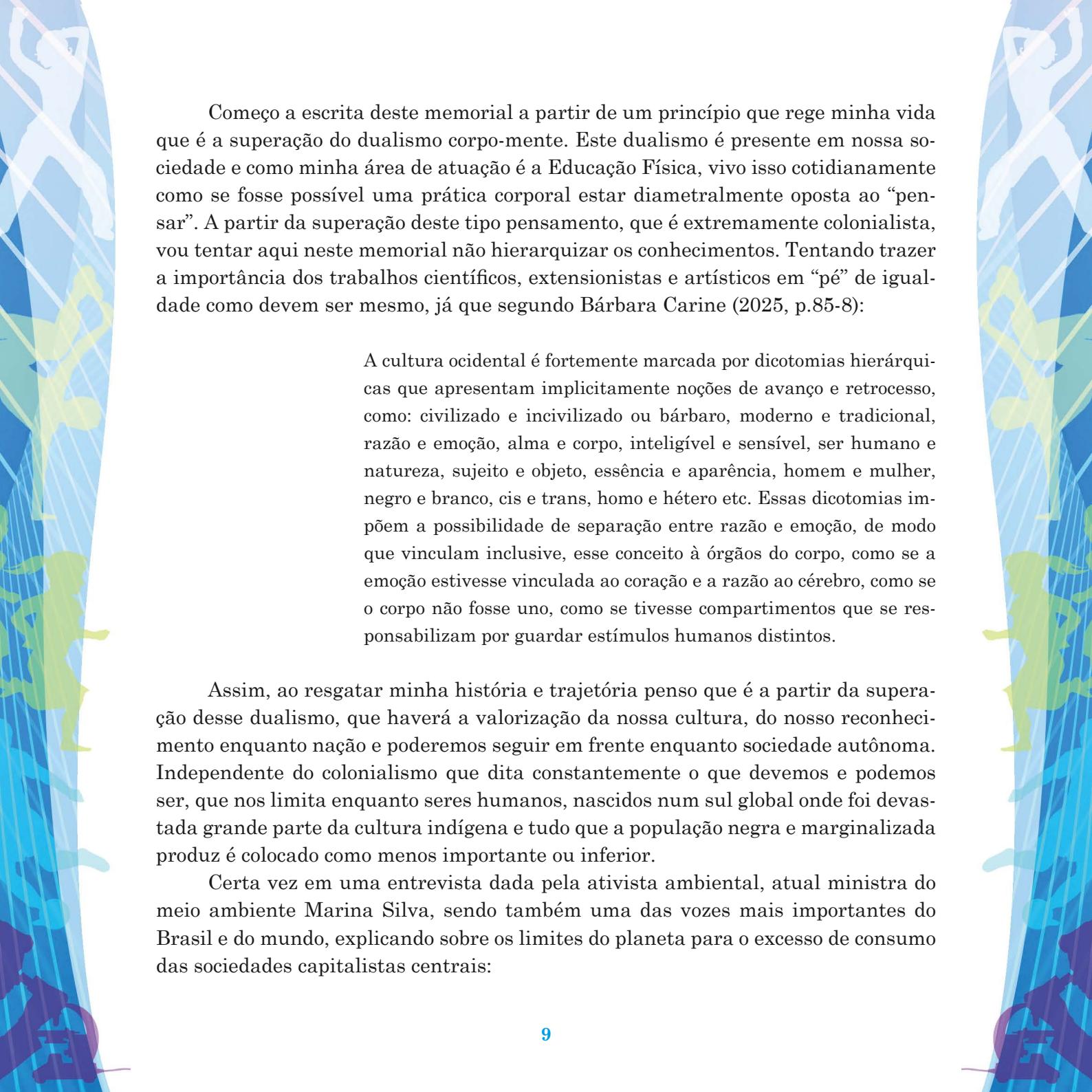
Uma graduação te define?

Um doutorado te define?

Um currículo lattes te define?

Um estágio nos Estados Unidos te define?

E assim, tentando me despir de tudo que eu achava que me definia enquanto ser humano, começo a escrita deste memorial no qual tento resgatar tudo que vivi agora, com a compreensão de que nada pode ser separado do que estudei. Aliás, não deve ser separado. Toda a história deve fazer parte de nós, enquanto seres em constante formação. Aceitando os erros, entendendo antigos comportamentos ruins, mas seguindo em frente, adiante, tentando olhar com otimismo para o futuro principalmente pelo fato de que meu trabalho é com crianças. Preciso acreditar que teremos um futuro melhor e incentivar as crianças a acreditarem nisso também.

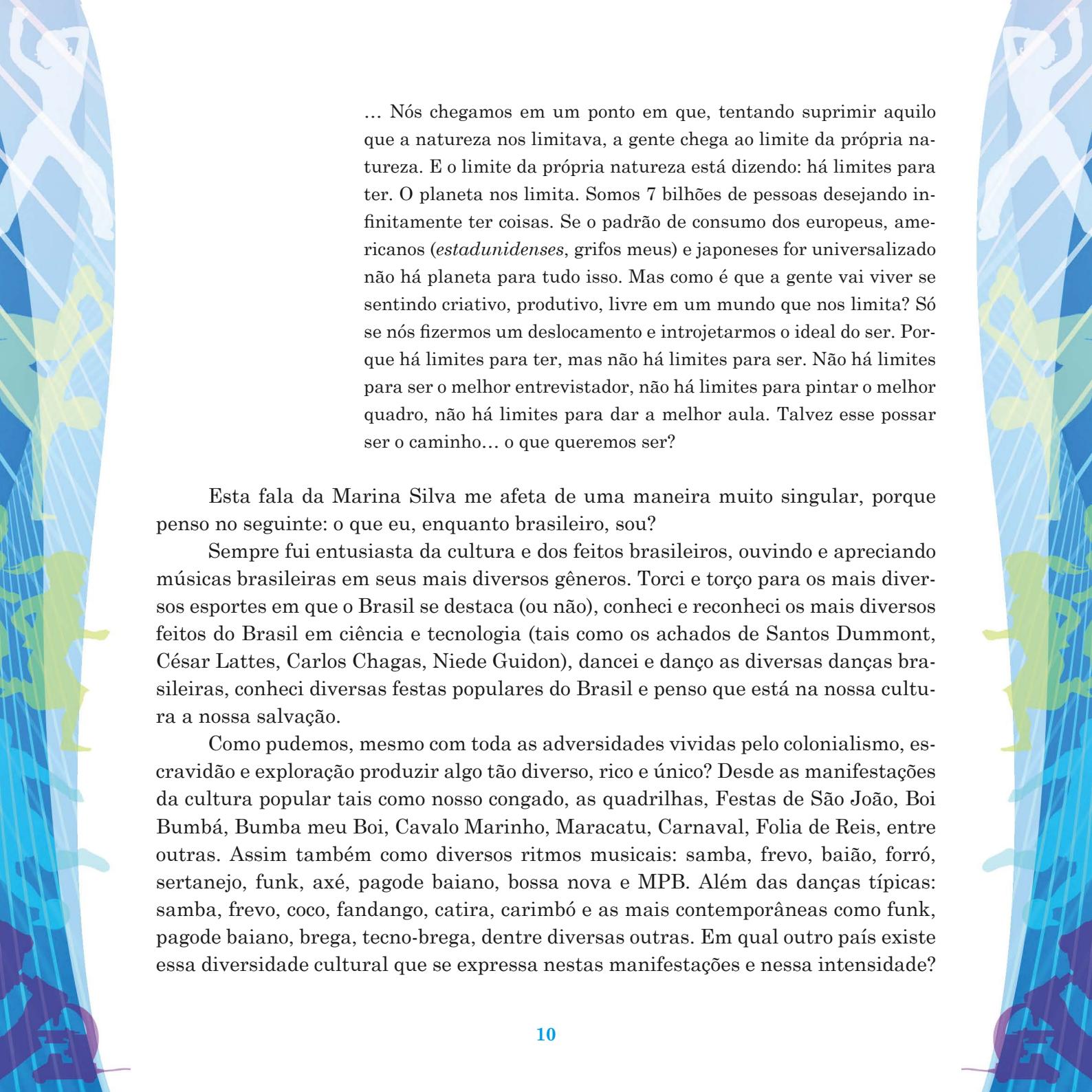


Começo a escrita deste memorial a partir de um princípio que rege minha vida que é a superação do dualismo corpo-mente. Este dualismo é presente em nossa sociedade e como minha área de atuação é a Educação Física, vivo isso cotidianamente como se fosse possível uma prática corporal estar diametralmente oposta ao “pensar”. A partir da superação deste tipo pensamento, que é extremamente colonialista, vou tentar aqui neste memorial não hierarquizar os conhecimentos. Tentando trazer a importância dos trabalhos científicos, extensionistas e artísticos em “pé” de igualdade como devem ser mesmo, já que segundo Bárbara Carine (2025, p.85-8):

A cultura ocidental é fortemente marcada por dicotomias hierárquicas que apresentam implicitamente noções de avanço e retrocesso, como: civilizado e incivilizado ou bárbaro, moderno e tradicional, razão e emoção, alma e corpo, inteligível e sensível, ser humano e natureza, sujeito e objeto, essência e aparência, homem e mulher, negro e branco, cis e trans, homo e hétero etc. Essas dicotomias impõem a possibilidade de separação entre razão e emoção, de modo que vinculam inclusive, esse conceito à órgãos do corpo, como se a emoção estivesse vinculada ao coração e a razão ao cérebro, como se o corpo não fosse uno, como se tivesse compartimentos que se responsabilizam por guardar estímulos humanos distintos.

Assim, ao resgatar minha história e trajetória penso que é a partir da superação desse dualismo, que haverá a valorização da nossa cultura, do nosso reconhecimento enquanto nação e poderemos seguir em frente enquanto sociedade autônoma. Independente do colonialismo que dita constantemente o que devemos e podemos ser, que nos limita enquanto seres humanos, nascidos num sul global onde foi devastada grande parte da cultura indígena e tudo que a população negra e marginalizada produz é colocado como menos importante ou inferior.

Certa vez em uma entrevista dada pela ativista ambiental, atual ministra do meio ambiente Marina Silva, sendo também uma das vozes mais importantes do Brasil e do mundo, explicando sobre os limites do planeta para o excesso de consumo das sociedades capitalistas centrais:

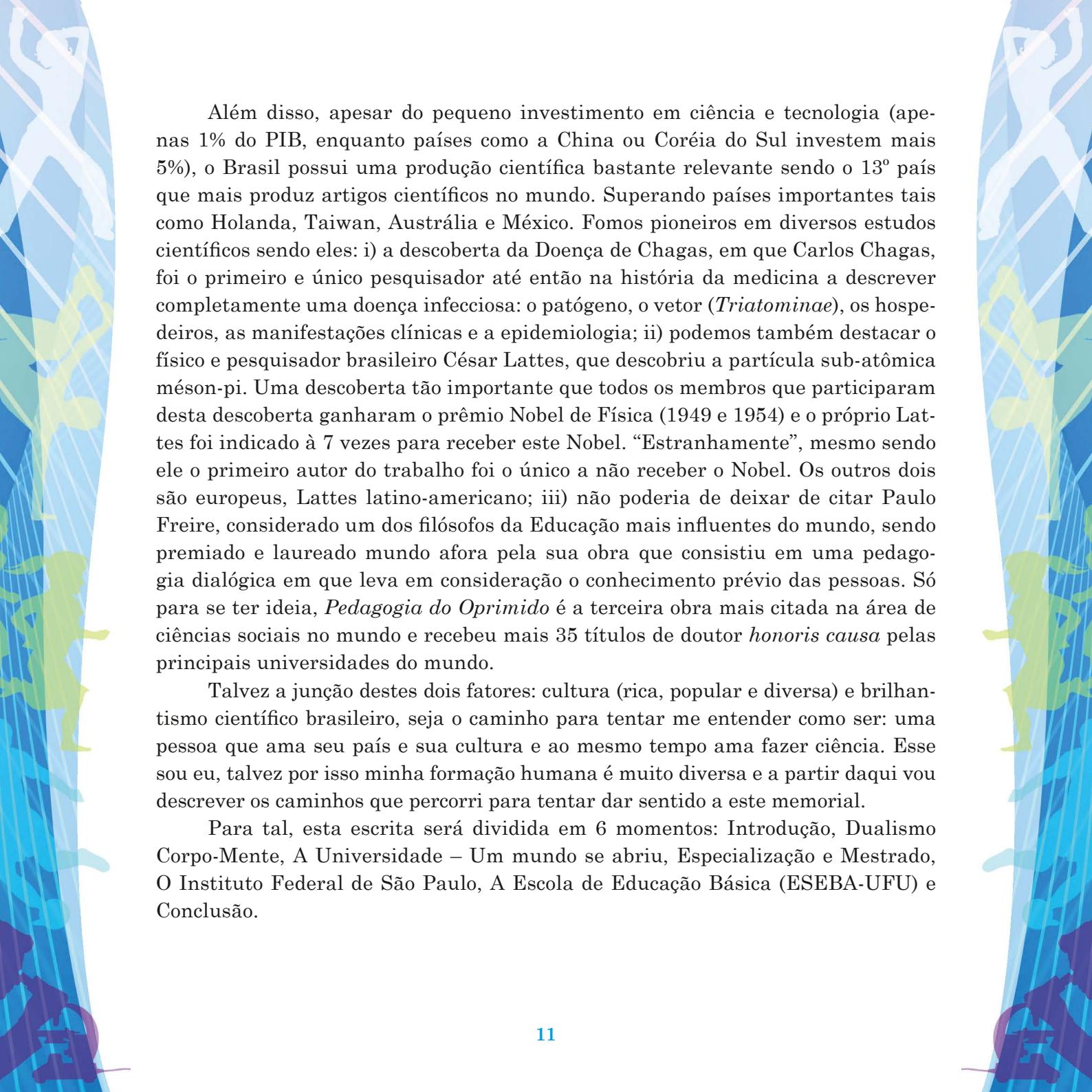


... Nós chegamos em um ponto em que, tentando suprimir aquilo que a natureza nos limitava, a gente chega ao limite da própria natureza. E o limite da própria natureza está dizendo: há limites para ter. O planeta nos limita. Somos 7 bilhões de pessoas desejando infinitamente ter coisas. Se o padrão de consumo dos europeus, americanos (*estadunidenses*, grifos meus) e japoneses for universalizado não há planeta para tudo isso. Mas como é que a gente vai viver se sentindo criativo, produtivo, livre em um mundo que nos limita? Só se nós fizermos um deslocamento e introjetarmos o ideal do ser. Porque há limites para ter, mas não há limites para ser. Não há limites para ser o melhor entrevistador, não há limites para pintar o melhor quadro, não há limites para dar a melhor aula. Talvez esse possa ser o caminho... o que queremos ser?

Esta fala da Marina Silva me afeta de uma maneira muito singular, porque penso no seguinte: o que eu, enquanto brasileiro, sou?

Sempre fui entusiasta da cultura e dos feitos brasileiros, ouvindo e apreciando músicas brasileiras em seus mais diversos gêneros. Torci e torço para os mais diversos esportes em que o Brasil se destaca (ou não), conheci e reconheci os mais diversos feitos do Brasil em ciência e tecnologia (tais como os achados de Santos Dumont, César Lattes, Carlos Chagas, Niede Guidon), dancei e danço as diversas danças brasileiras, conheci diversas festas populares do Brasil e penso que está na nossa cultura a nossa salvação.

Como pudemos, mesmo com toda as adversidades vividas pelo colonialismo, es-cravidão e exploração produzir algo tão diverso, rico e único? Desde as manifestações da cultura popular tais como nosso congado, as quadrilhas, Festas de São João, Boi Bumbá, Bumba meu Boi, Cavalo Marinho, Maracatu, Carnaval, Folia de Reis, entre outras. Assim também como diversos ritmos musicais: samba, frevo, baião, forró, sertanejo, funk, axé, pagode baiano, bossa nova e MPB. Além das danças típicas: samba, frevo, coco, fandango, catira, carimbó e as mais contemporâneas como funk, pagode baiano, brega, tecno-brega, dentre diversas outras. Em qual outro país existe essa diversidade cultural que se expressa nestas manifestações e nessa intensidade?



Além disso, apesar do pequeno investimento em ciência e tecnologia (apenas 1% do PIB, enquanto países como a China ou Coréia do Sul investem mais 5%), o Brasil possui uma produção científica bastante relevante sendo o 13º país que mais produz artigos científicos no mundo. Superando países importantes tais como Holanda, Taiwan, Austrália e México. Fomos pioneiros em diversos estudos científicos sendo eles: i) a descoberta da Doença de Chagas, em que Carlos Chagas, foi o primeiro e único pesquisador até então na história da medicina a descrever completamente uma doença infecciosa: o patógeno, o vetor (*Triatominae*), os hospedeiros, as manifestações clínicas e a epidemiologia; ii) podemos também destacar o físico e pesquisador brasileiro César Lattes, que descobriu a partícula sub-atômica méson- π . Uma descoberta tão importante que todos os membros que participaram desta descoberta ganharam o prêmio Nobel de Física (1949 e 1954) e o próprio Lattes foi indicado à 7 vezes para receber este Nobel. “Estranhamente”, mesmo sendo ele o primeiro autor do trabalho foi o único a não receber o Nobel. Os outros dois são europeus, Lattes latino-americano; iii) não poderia de deixar de citar Paulo Freire, considerado um dos filósofos da Educação mais influentes do mundo, sendo premiado e laureado mundo afora pela sua obra que consistiu em uma pedagogia dialógica em que leva em consideração o conhecimento prévio das pessoas. Só para se ter ideia, *Pedagogia do Oprimido* é a terceira obra mais citada na área de ciências sociais no mundo e recebeu mais 35 títulos de doutor *honoris causa* pelas principais universidades do mundo.

Talvez a junção destes dois fatores: cultura (rica, popular e diversa) e brilhantismo científico brasileiro, seja o caminho para tentar me entender como ser: uma pessoa que ama seu país e sua cultura e ao mesmo tempo ama fazer ciência. Esse sou eu, talvez por isso minha formação humana é muito diversa e a partir daqui vou descrever os caminhos que percorri para tentar dar sentido a este memorial.

Para tal, esta escrita será dividida em 6 momentos: Introdução, Dualismo Corpo-Mente, A Universidade – Um mundo se abriu, Especialização e Mestrado, O Instituto Federal de São Paulo, A Escola de Educação Básica (ESEBA-UFU) e Conclusão.

1

Dualismo corpo-mente

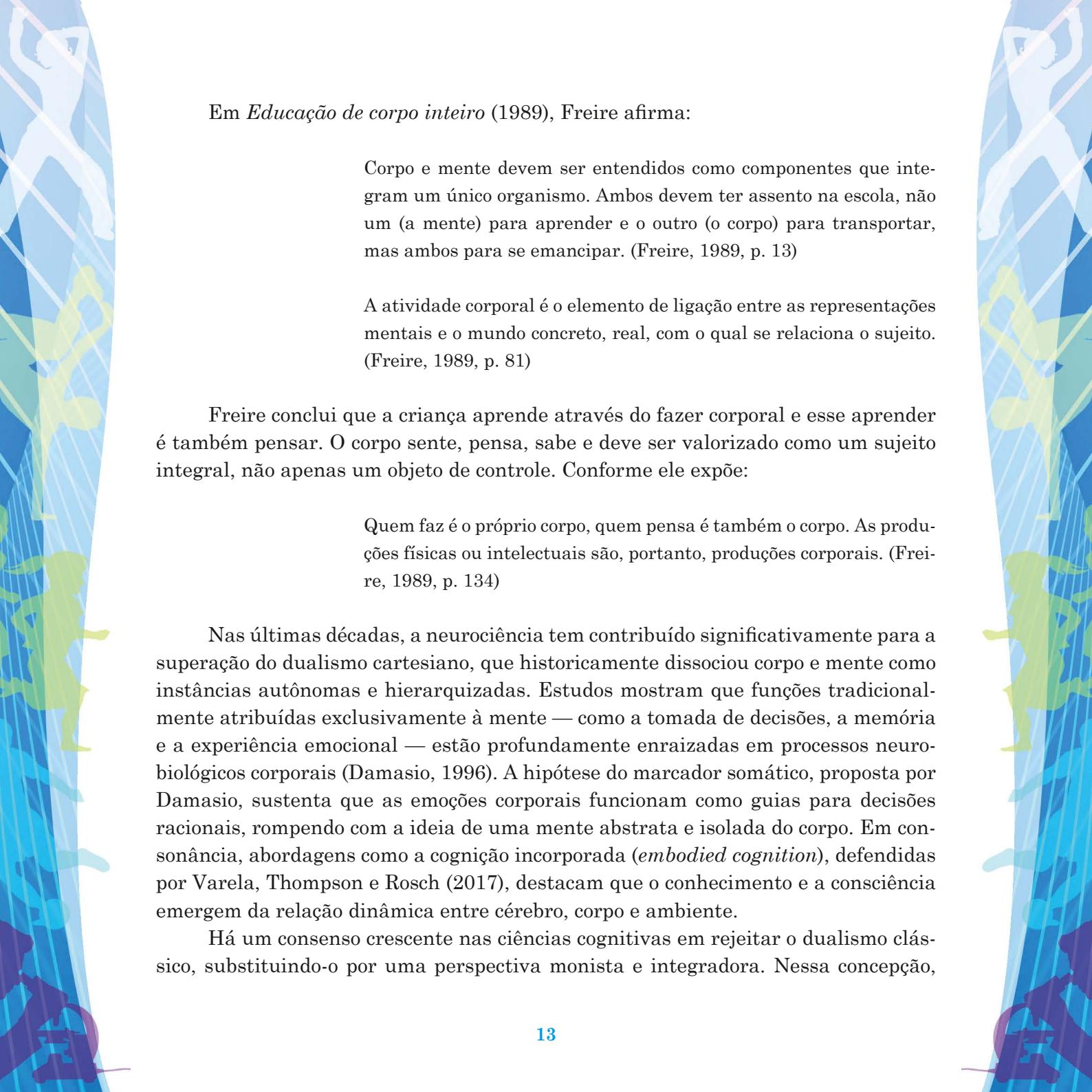
Por que resolvi falar disso aqui?

O dualismo corpo e mente é uma questão que afeta diretamente a minha área de conhecimento e, consequentemente, o meu dia a dia enquanto professor de Educação Física. Desde a minha graduação, ouço piadas do tipo: “Ah, vocês não estão fazendo faculdade, estão brincando”; “Nossa, deve ser muito bom ficar fazendo esporte o dia inteiro e não precisar estudar!” Essas falas continuam quando começo a atuar como professor de Educação Física no Ensino Médio do Instituto Federal de São Paulo: “Ah, mas você não dá aula, só deixa os/as meninos/as brincando”; “Na sua aula, as crianças não precisam estudar.” E essas falas continuam até os dias atuais, sendo inclusive faladas por professores que são altamente qualificados, mas ainda estão sobre a óptica deste dualismo.

Estas falas e piadas são frutos da visão equivocada que nós temos uma cabeça/mente/cérebro pensante e um corpo inanimado sem pensamento. Logo, segundo esta visão, toda ação do corpo é independente de um pensamento. Consequentemente, toda área que tem como objeto de estudo o movimento corporal é irracional ou irrelevante ou inferior a outras áreas do conhecimento.

Internamente, sou muito bem resolvido com esta questão por saber que tanto do ponto de vista filosófico; quanto do ponto de vista da neurociência, esse dualismo está sendo fortemente refutado. Mas, com tantos séculos de divulgação desta visão que é basicamente colonialista, sua prática ainda é muito reproduzida na nossa sociedade, inclusive academicamente.

Do ponto de vista filosófico vou me ater a um autor que fez parte da revolução de produção de conhecimento que a área de Educação Física viveu no final dos anos 1980 e começo dos anos 1990: João Batista Freire.



Em *Educação do corpo inteiro* (1989), Freire afirma:

Corpo e mente devem ser entendidos como componentes que integram um único organismo. Ambos devem ter assento na escola, não um (a mente) para aprender e o outro (o corpo) para transportar, mas ambos para se emancipar. (Freire, 1989, p. 13)

A atividade corporal é o elemento de ligação entre as representações mentais e o mundo concreto, real, com o qual se relaciona o sujeito. (Freire, 1989, p. 81)

Freire conclui que a criança aprende através do fazer corporal e esse aprender é também pensar. O corpo sente, pensa, sabe e deve ser valorizado como um sujeito integral, não apenas um objeto de controle. Conforme ele expõe:

Quem faz é o próprio corpo, quem pensa é também o corpo. As produções físicas ou intelectuais são, portanto, produções corporais. (Freire, 1989, p. 134)

Nas últimas décadas, a neurociência tem contribuído significativamente para a superação do dualismo cartesiano, que historicamente dissociou corpo e mente como instâncias autônomas e hierarquizadas. Estudos mostram que funções tradicionalmente atribuídas exclusivamente à mente — como a tomada de decisões, a memória e a experiência emocional — estão profundamente enraizadas em processos neurobiológicos corporais (Damasio, 1996). A hipótese do marcador somático, proposta por Damasio, sustenta que as emoções corporais funcionam como guias para decisões racionais, rompendo com a ideia de uma mente abstrata e isolada do corpo. Em consonância, abordagens como a cognição incorporada (*embodied cognition*), defendidas por Varela, Thompson e Rosch (2017), destacam que o conhecimento e a consciência emergem da relação dinâmica entre cérebro, corpo e ambiente.

Há um consenso crescente nas ciências cognitivas em rejeitar o dualismo clássico, substituindo-o por uma perspectiva monista e integradora. Nessa concepção,

os processos mentais são compreendidos como inseparáveis do funcionamento corporal, sendo as produções físicas e intelectuais manifestações de um mesmo sistema orgânico (Freire, 1997). Essa mudança de paradigma repercute profundamente na educação e na psicologia, ao exigir práticas pedagógicas que valorizem o corpo como agente de cognição, emoção e aprendizagem, reconhecendo o ser humano como uma totalidade indissociável.

Há ainda, um tema que estudei diretamente no meu doutorado em Bioquímica na USP de Ribeirão Preto – SP que rejeita este dualismo corpo-mente. Algumas substâncias que são produzidas pelo músculo esquelético quando ele se contrai, atuam como hormônios (produzido por um órgão, mas atua em outro). Isto é uma quebra de paradigma para ciência, pois inicialmente acreditava-se que somente as glândulas ou órgãos endócrinos (pâncreas, gônadas, hipófise, tireoide etc.) fossem capazes disso. Estas moléculas (chamadas miosinas) produzidas pelo músculo durante o exercício tem diversas atuações nos tecidos gorduroso, hepático, sanguíneo, mas vou me ater ao tecido cerebral. Nem tudo que é produzido pelos outros órgãos conseguem chegar ao cérebro devido à barreira hemato-encefálica, porém algumas destas miosinas, tais como a Irisina e a IL-6 ultrapassam esta barreira e exercem um efeito positivo na função cerebral ao estimularem uma outra molécula chamada BDNF. Estes efeitos são neuroprotetores, promovendo neurogênese, plasticidade sináptica e função cognitiva e exerce um papel protetor contra doenças neurodegenerativas (ex.: Alzheimer).

Assim, é possível de dizer que toda movimentação corporal que nós fazemos tais como dançar, jogar, lutar, correr, praticar algum esporte faz com que nosso cérebro aumente a capacidade cognitiva, sendo, portanto, mais um argumento contrário ao dualismo cartesiano.

Quando estudei filosofia do Ensino Médio apaixonei por esta disciplina. Na verdade, ela ensinava sobre a história dos filósofos ocidentais e seu principal tipo de pensamento, pois precisávamos disto para a avaliação do vestibular (único objetivo de ensino das escolas particulares no Brasil). Como sempre fui muito questionador, achei que a base da filosofia me legitimava enquanto ser, ou seja, posso ser questionador porque tem uma disciplina que me ensina que isso é bom.

Na época estudei e achei tudo muito interessante, mesmo ainda sem entender

que na verdade, parte da filosofia ocidental tenta legitimar o racismo e o colonialismo. Aqui vou me ater na questão do dualismo corpo–mente que ganha muita evidência com René Descartes: “Penso, logo existo”.

Esta ideia que só é possível existir enquanto ser humano se você “pensar”, levou a uma hierarquização das diversas formas de relações humanas, ou seja, os trabalhos corporais são mais desvalorizados que os trabalhos “intelectuais”. Expressões de corporais de povos, tais como danças, jogos e esportes são historicamente mais desvalorizadas também. Como se fosse possível fazer qualquer movimento corporal sem a utilização do seu intelecto, como bem explica Bárbara Carine (2025, p. 35-36):

Além da força da moral cristã no rebaixamento e no controle do corpo, precisamos olhar também para cosmopercepção dual e ocidental, responsável por separar corpo de mente, de modo que uma professora que exerce um trabalho de ordem intelectual não pode manifestar a pulsação de um corpo que existe e celebra. É uma percepção altamente contraintuitiva imaginarmos que, em um mundo de tantas simbioses, nós conseguimos separar razão de emoção, corpo de pensamento, pois a gente pensa, sente, ama, chora, etc., tudo ao mesmo tempo; não há segmentação. Ainda assim, essa dicotomia ocidental se torna um marcador existencial não só em pesquisas como também, sobretudo, em nossas vidas...

... A Lógica da separação entre corpo e pensamento incide em todas as instâncias de nossa vida. No campo da produção e reprodução do conhecimento, espera-se uma neutralidade axiológica, que é a separação absoluta entre sujeito e objeto, o que em muitos casos, implica em o pesquisador ou pesquisadora ter um olhar isento de todas as emoções ou vivências ou como diria o filósofo Francis Bacon, a partir do expurgo de todos os ídolos. É uma coisa tão sem noção que fico imaginando como pesquisadores e pesquisadoras de áreas como dança educação física, por exemplo, se sentem vendo e lendo sobre essas dicotomias, pois eles não têm como desarticular corpo de pensamento, mas não são levados em consideração dentro desse campo



de análise. Há muito pensamento na arte criativa dos corpos; não é possível dissociar.

Ainda sobre os problemas do dualismo cartesiano, Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grossfoguel (2023, p. 11 e 12) continuam a crítica:

No momento da formulação do *Discurso do Método*, Descartes inaugurou uma tradição de pensamento que se imagina produzindo um conhecimento universal, sem determinar ações corporais nem determinações geopolíticas. Em outras palavras, passa-se a acreditar que o conhecimento produzido dentro dessa tradição tem validade universal. Mesmo que Descartes não tenha definido quem é esse “eu”, não há dúvidas que ele se refere ao homem europeu, mais especificamente aquele encontrado acima dos Montes Pirineus, como argumentaria Hegel no princípio do século XIX. A subjetividade do homem europeu expressa no *ego cogito*, como argumenta Enrique Dussel, não emerge como um ato do contexto histórico-político, mas é o resultado de 150 anos de domínio, exploração, escravização e desumanização praticada pelo *ego conquiro* contra os diversos povos indígenas e africanos.

Essa forma de estabelecer este conhecimento dito “universal” acabou hierarquizando o que é feito e produzido por outros povos que não estão no Norte Global (no sentido geopolítico). Desta maneira, o que esses povos produzem ou produziram em termos de conhecimento, passaram a não ter valor ou serem menosprezados e ridicularizados. No Brasil, temos a ambiguidade de ser um país que produz muita cultura e conhecimento e esta produção é diversas vezes negada, colocada em segundo plano ou até mesmo proibida por ser feito pela população preta, pobre e periférica. Cito alguns exemplos:

a) SAMBA

Ao longo do século XX, o samba enfrentou períodos de intensa repressão e cri-

minalização no Brasil, evidenciando os mecanismos de marginalização cultural impostos às expressões populares afro-brasileiras. Durante a Primeira República, leis como a de Vadiagem e a de Capoeiragem serviram como instrumentos de controle social, associando o samba à delinquência e à desordem pública, o que resultava frequentemente na prisão de sambistas apenas pela posse de instrumentos ou por indícios de prática musical (Moura, 1983). Além disso, políticas de higienização urbana contribuíram para o apagamento das manifestações culturais negras nos centros urbanos (Sodré, 1998). Na Ditadura Militar (1964-1985), a repressão assumiu contornos institucionais mais sofisticados, com a censura direta a letras de samba consideradas subversivas ou “lingisticamente inadequadas”, como no caso da proibição da canção “Tiro ao Álvaro”, de Adoniran Barbosa (Napolitano, 2001). Sambistas e escolas de samba foram vigiadas e censuradas por órgãos como o DOPS, e muitos sambas-enredo com conteúdo político ou social foram vetados. Apesar da repressão, o samba resistiu e se afirmou como forma legítima de expressão cultural, sendo posteriormente reconhecido como patrimônio imaterial da cultura brasileira (IPHAN, 2007).

b) CAPOEIRA

Enquanto manifestação cultural afro-brasileira, foi historicamente criminalizada e reprimida no Brasil, sobretudo após a abolição da escravidão. Considerada uma prática subversiva, violenta e marginal, ela foi incluída no Código Penal Republicano de 1890, cujo artigo 402 criminalizava explicitamente os exercícios conhecidos como “capoeiragem”, prevendo punições severas aos praticantes (Brasil, 1890). A repressão era marcada por perseguições, prisões e deportações, sobretudo contra ex-escravizados e negros pobres nos centros urbanos. Durante as primeiras décadas do século XX, a capoeira sobreviveu à margem da legalidade, praticada em contextos religiosos ou camouflada em festas populares. A mudança de perspectiva começou com o trabalho de Mestre Bimba, que, ao sistematizar a capoeira regional com elementos da educação física e do esporte, conseguiu apresentá-la como uma prática legítima e disciplinada. Com o apoio de Getúlio Vargas, a capoeira foi institucionalmente aceita na década de 1930 e, décadas mais tarde, reconhecida como parte do patrimônio cultural

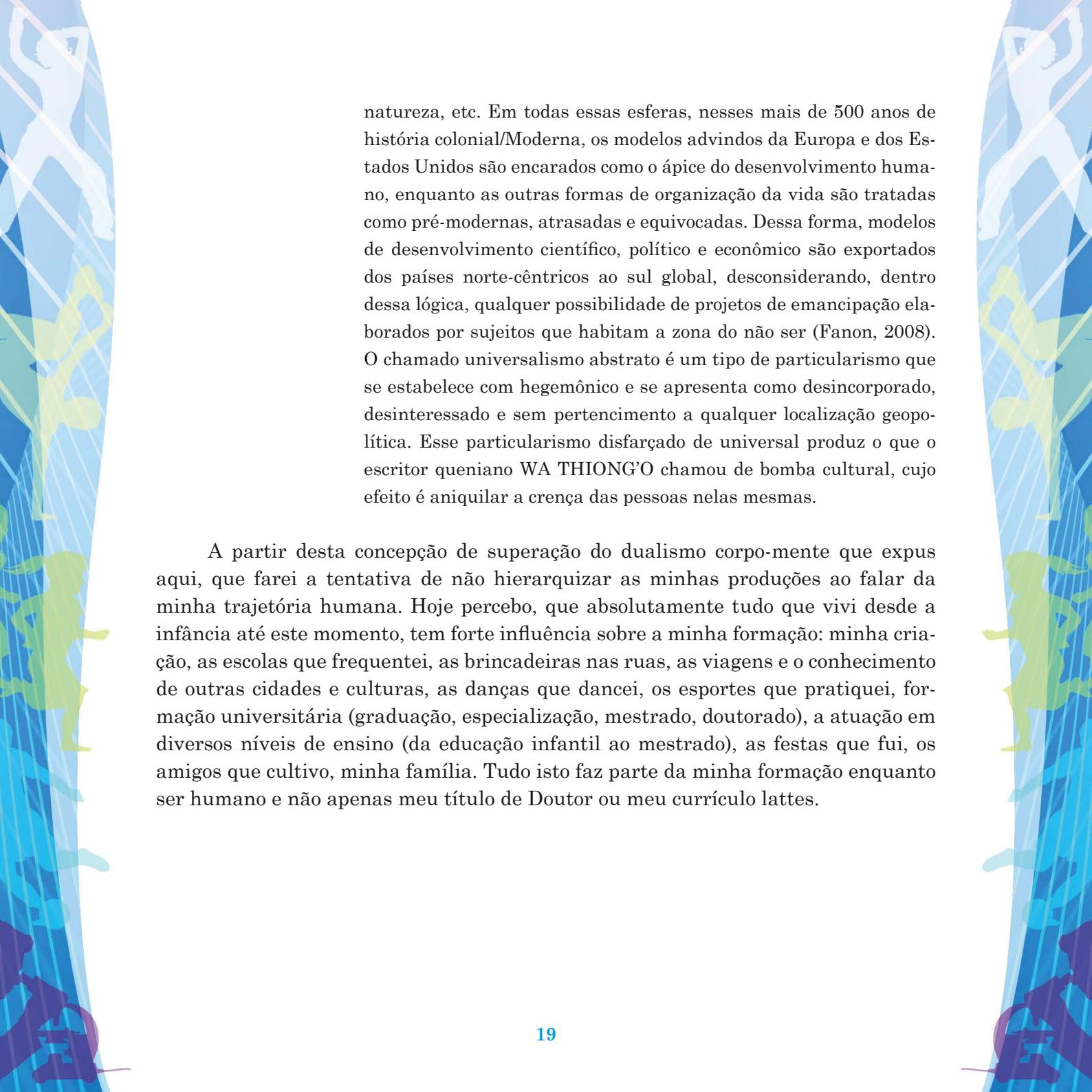
imaterial brasileiro (IPHAN, 2008). Esse processo evidencia a tensão histórica entre repressão e resistência cultural das práticas afrodescendentes no país.

c) Funk brasileiro

Gênero musical originado nas comunidades periféricas das grandes cidades, especialmente no Rio de Janeiro, tem sido historicamente alvo de tentativas de proibição e censura, refletindo conflitos sociais e culturais relacionados à marginalização das periferias urbanas. Desde sua popularização na década de 1980, o funk enfrentou resistência por parte das autoridades, que freqüentemente o associaram à violência, à criminalidade e à degradação moral, o que resultou em intervenções policiais, fechamento de bailes e restrições legais em diversas cidades (Cavalcanti, 2019). Essa criminalização do funk expressa um fenômeno mais amplo de controle social e estigmatização das expressões culturais periféricas, envolvendo também debates sobre racismo estrutural, liberdade de expressão e direito à cultura. Entre as iniciativas legislativas, destaca-se o Projeto de Lei nº 263/2017, que buscava restringir a realização de bailes funks no estado do Rio de Janeiro, alegando questões de segurança e perturbação da ordem pública, mas que gerou ampla mobilização contrária por parte da sociedade civil e artistas (Santos, 2021; Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, 2017). Tentativas legislativas semelhantes foram promovidas em várias câmaras municipais, muitas vezes enfrentando resistência da população e de artistas, que reivindicam o funk como manifestação legítima de identidade e resistência cultural. Assim, a proibição do funk revela tensões entre poder público, moralidade e as dinâmicas culturais das periferias brasileiras.

Atribuo todas essas manifestações de repressão à ideia de um Universalismo Abstrato criado pelo projeto colonial e imperialista, conforme bem explicam Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grossfoguel (2023, p. 12 e 13):

A longa tradição do cientificismo e do eurocentrismo deu origem a uma ideia de universalismo abstrato, que marca decisivamente não somente a produção do conhecimento, mas também outros âmbitos da vida: economia, política, estética, subjetividade, relação com a



natureza, etc. Em todas essas esferas, nesses mais de 500 anos de história colonial/Moderna, os modelos advindos da Europa e dos Estados Unidos são encarados como o ápice do desenvolvimento humano, enquanto as outras formas de organização da vida são tratadas como pré-modernas, atrasadas e equivocadas. Dessa forma, modelos de desenvolvimento científico, político e econômico são exportados dos países norte-cêntricos ao sul global, desconsiderando, dentro dessa lógica, qualquer possibilidade de projetos de emancipação elaborados por sujeitos que habitam a zona do não ser (Fanon, 2008). O chamado universalismo abstrato é um tipo de particularismo que se estabelece com hegemônico e se apresenta como desincorporado, desinteressado e sem pertencimento a qualquer localização geopolítica. Esse particularismo disfarçado de universal produz o que o escritor queniano WA THIONG’O chamou de bomba cultural, cujo efeito é aniquilar a crença das pessoas nelas mesmas.

A partir desta concepção de superação do dualismo corpo-mente que expus aqui, que farei a tentativa de não hierarquizar as minhas produções ao falar da minha trajetória humana. Hoje percebo, que absolutamente tudo que vivi desde a infância até este momento, tem forte influência sobre a minha formação: minha criação, as escolas que frequentei, as brincadeiras nas ruas, as viagens e o conhecimento de outras cidades e culturas, as danças que dancei, os esportes que pratiquei, formação universitária (graduação, especialização, mestrado, doutorado), a atuação em diversos níveis de ensino (da educação infantil ao mestrado), as festas que fui, os amigos que cultivo, minha família. Tudo isto faz parte da minha formação enquanto ser humano e não apenas meu título de Doutor ou meu currículo lattes.

2

Trajetória de formação humana na infância e adolescência

A formação humana é muito complexa e dependente de inúmeros fatores como família, comunidade, escola, religião, convívio social, dentre outros. Destaco aqui um pouco dos momentos que considero marcantes na minha trajetória.

2.1 Nascimento, infância, família e escola

Nasci em 21 de fevereiro de 1985, aqui mesmo em Uberlândia. Segundo filho de uma família com três meninos. Na minha primeira infância (0 a 6 anos), morávamos no bairro Segismundo Pereira em uma casa construída nos fundos da casa da minha avó e meu avô paterno. Lembro-me de uma primeira infância muito feliz, tranquila, com muito amor e carinho recebido por todos que me cercavam: mãe, pai, irmãos, avós e tias.

Me recordo dos momentos de brincadeiras no quintal de casa, de um pé de limão em que brincava subindo nele e pendurava meus bonequinhos. Lembro-me das festas de aniversário com muitas crianças (primos, vizinhos) feitas em casa mesmo, sempre com uns bolos mirabolantes. As brincadeiras na rua: futebol, pique-esconde, garrafão, bete. Brincadeiras nas casas dos vizinhos: bolas de gude, danças (lambada), enfim no geral as recordações são de momentos de brincadeira.

Ainda sobre a primeira infância, passei por duas escolas. Aos 3 anos de idade, entrei numa escola de Educação Infantil que se chamava UAI, onde devo ter estudado por dois anos. Tenho poucas recordações desta escola, mas as recordações são de

brincadeiras e de um quintal grande com brinquedos do tipo PlayGround. Lembro também do trajeto que fazíamos de ônibus do bairro até a região central da cidade (Bairro Fundinho), onde ficava a escola, e do momento que anunciam que os pais tinham chegado para buscarmos, quando uma professora anunciava no sistema de som: “Diego e Bruno, embora”.

No fim da primeira infância, provavelmente aos 5 anos, entrei para a 2^a escola onde permaneci até a 8^a série, a escola Adventista. Esta escola foi muito marcante na minha formação, pois tenho muitas recordações e talvez a maior base e influência (tanto positiva, quanto negativa) de tudo que vivi na educação formal. Vou me concentrar por enquanto sobre a primeira infância, que vivi lá.

Lembro-me do Jardim de Infância, de uma professora muitíssimo carinhosa e amorosa (Tia Jandira) e que tínhamos momentos de muita felicidade, brincadeiras e onde conheci amigos que tenho por perto até hoje. Já aos 6 anos no “Pré”, lembro-me muito dos momentos de alfabetização e das brincadeiras nos intervalos.

Na segunda infância (7 aos 12 anos), continuamos morando na mesma casa, porém com a morte dos meu avô e um ano depois da minha avó paterna, , passamos a morar na casa da frente. Nesta fase, o “contraturno escolar” era feito na rua e na praça perto de casa. Por muitas vezes eu ia para praça (Praça do Centenário) jogar futebol numa quadra de areia que tinha, às vezes andava de bicicleta na mesma praça e nas ruas perto de casa, brincava na casa dos vizinhos e primos (que moravam ali por perto). Além disso, nesta fase comecei a fazer futebol no Poli Esportivo do bairro, com saudoso professor Paulinho. Estas aulas eram interessantes, pois os treinos aconteciam no “terrão” (um campo de terra que tinha ao lado do Poli Esportivo) com um protótipo de chuteira chamada Kichute. As aulas no campo de grama aconteciam de maneira mais esporádica (umas 2 ou 3 vezes no mês). Ainda sobre esta segunda fase da infância, eu e minha família frequentávamos muito clubes.

Aos fins de semana, íamos ao clube Caça e Pesca onde brincávamos, jogávamos futebol e nadávamos. Durante a semana, nós íamos no clube do sindicato dos bancários, no qual também tinha momentos de brincadeiras. Além disso, em uma outra fase fiz escolinha de futebol no clube Caça e Pesca aos sábados. Enfim foi uma fase de muitas atividades e brincadeiras.

Na escola, durante este período vários acontecimentos me marcaram: algumas

professoras alfabetizadoras muito marcantes como a Georgete. A professora de Educação Física, a Suzie, que era uma mulher inspiradora tanto nas aulas quanto em outros momentos fora da escola. A festa do milho (uma versão adventista do São João) e os campeonatos interclasse (me lembro de futebol e vôlei).

Esta foi uma época também em que fiz as maiores amizades da minha vida, algumas duram até hoje. Foi uma época em que frequentávamos muito as casas uns dos outros, passando o dia para fazer trabalhos escolares, brincando, jogando algum esporte e vídeo games também.

Para fechar esta parte sobre a infância, vejo o quanto esta fase vivida de maneira plena com todo apoio familiar com muitos momentos para o ócio criativo (brincadeiras livres em casa, rua, clubes, etc) influenciou de maneira muito positiva todo meu ser, me ajudando a construir independência, autonomia, criticidade e criatividade, fato que julgo ser muito importante para todas as escolhas que fiz durante a vida.



Medalha de prata ganhada em um campeonato de trio de Vôlei (provavelmente em 1998). Fonte: Acervo pessoal.



Medalha de ouro conquistada em um campeonato de Futsal em 1999. Fonte: Acervo pessoal.



Medalha de ouro conquistada em um campeonato de Vôlei em 1997. Fonte: Acervo pessoal.

2.2 Adolescência: shows, festas, organizações de eventos e entrada na Universidade

Divido este período da minha vida em 2 momentos: a finalização do ciclo no Colégio Adventista e o início do ensino médio.

Considero que a transição da infância para adolescência se deu de maneira mais fluida sem grandes memórias de dificuldades pessoais. Continuava estudando na escola Adventista e como era uma escola muito pequena, todos se conheciam, sentia-me numa segunda casa. Nesta época, na escola lembro de sempre ser elogiado pelas professoras e professores e de ter recebido alguns prêmios como “melhor” ou “entre os melhores” da turma. Mas também, uma época que vivia o esporte com muito entusiasmo, praticando os diversos esportes a qual tinha contato na escola e nos outros espaços em que era permitido: rua, escolinhas, quadras de areia; Society e salão. Lembro-me muito bem do protagonismo na organização de alguns eventos dentro e fora da escola tais como um campeonato de vôlei de praia em trios, que organizei juntamente com meus irmãos para o pessoal da escola.

Com a chegada da adolescência surge também as “festinhas” em que comecei a frequentar sem a minha família, que geralmente eram os aniversários das amigas e amigos, nas quais descubro o Hobbie, que viria a se tornar uma paixão: a dança. Basicamente dançávamos coreografias de pagode baiano (É o chan, Harmonia do samba e aquele monte de grupo da década de 1990) e alguma coisa de forró e country americano (RedNex). Começo também a frequentar junto com minha família de alguns shows que passavam pela cidade dos mais variados tipos: rock, axé, pagode, pagode baiano, sertanejo. Destaco que meus irmãos e eu organizámos em nossa casa algumas festinhas para nossas primas e primos, amigas e amigos. Eu atribuo à esta fase da minha vida meu apreço por tudo que é produzido pelo e para o povo em termos de música, cultura e dança.

No fim desse ciclo da escola adventista, algumas questões morais da escola já começaram a me incomodar tais como: proibir o uso de brincos, tentar cercear a individualidade por motivos religiosos e estes fatos levaram a alguns embates no campo do diálogo com os professores e diretoria da escola.

O segundo momento da minha adolescência se dá no início do Ensino Médio.

Considero que neste momento conheci a complexidade de existir e viver pela primeira vez na minha vida, devido a dois motivos: mudança de escola e o vestibular.

Mudei a para escola Objetivo, que tinha acabado de construir uma unidade nova, num bairro novo e nobre da cidade naquela época. Por isso, a escola tinha um público de alunos muito diferente da escola anterior. Enquanto Adventista era uma escola mais intimista e contava com muitos alunos de classe média, classe média baixa e bolsistas; no Objetivo o público era muito mais elitizado. Aí, vem o primeiro choque de cultura: tudo o que eu considerava bom enquanto música, arte, cultura era ridicularizado pelos meus pares. Então, além da adaptação à nova escola e o desafio de fazer novas amizades, na tentativa de ser aceito pelo grupo me forcei a gostar das mesmas coisas que eles gostavam e ter os mesmos hábitos que eles tinham. Talvez algo que é comum e até mesmo natural acontecer na adolescência, vejo hoje vejo um apagamento da minha história e do meu ser, que só fui entender anos depois. Acredito que consegui me mostrar enquanto ser, a partir do final do 2º ano do ensino médio e aí tudo fluiu melhor.

Além dessa questão da adaptação escolar, tem o segundo motivo de preocupação excessiva: o vestibular. Olhem bem, no Brasil, nas escolas particulares desde a década de 90 até hoje, há um silenciamento e apagamento da adolescência. Me lembro dos primeiros dias de aula alguns professores diziam algo assim: “Gente, agora a vida de vocês acabou. Não dá tempo mais pra ficar jogando futebol ou brincar. Vocês precisam estudar para o vestibular”. Eu considero isso um dos maiores erros na educação do Brasil. A adolescência é um período em que o jovem precisa descobrir o que gosta de fazer enquanto ser. O que acontece de fato é que muitas vezes os jovens são silenciados por este sistema que os obriga a estudar para o vestibular e fazer escolhas em que ainda não estão emocionalmente preparados para tal. Então, acontecia no Objetivo e acontece até hoje nas escolas particulares fatos que impulsionam este silenciamento da adolescência.

Mesmo sendo obrigado a ter no currículo as disciplinas de Artes e Educação Física, elas desaparecem, há um aumento de carga horária de aulas estritamente expositivas e dentro de uma sala. As escolas de ensino médio sem área verde, iluminação natural ou espaços coletivos que promovam a autonomia e estímulo ao protagonismo juvenil. Todos esses fatos contribuem para que quando os jovens mais precisam se

sentirem ouvidos e estimulados passem a ter um silenciamento e distanciamento do que gostam. Este fato também aconteceu comigo. Além do ensino Médio, que já era pesado, comecei a fazer um cursinho no contraturno. Fato que inviabilizou praticamente outras práticas como esporte, lazer, dentre outros.

Abro um parêntese aqui, para defender que neste sentido entendo que o ensino público no ensino médio seja superior ao particular neste quesito (cobrança excessiva e falta de liberdade e protagonismo estudantil). Apesar de inúmeras dificuldades na questão orçamentária e valorização da infraestrutura e dos profissionais da educação além do fato da “reforma” do ensino médio, ter esvaziado o currículo de disciplinas como filosofia e sociologia, ainda há espaço para as artes, a Educação Física, o movimento e organização política estudantil, dentre várias outras coisas que ainda são possíveis no ensino público.

Para finalizar esta parte, destaco aqui a minha entrada na Universidade. No ano de 2002 aos 17 anos de idade, o vestibular da UFU ocorreu no fim de setembro devido ao atraso pela greve. Neste sentido, a escola conseguiria dar o certificado de conclusão do ensino médio para quem conseguisse passar no vestibular. Pelo fato do meu pai ser advogado, sempre quis fazer o curso de Direito, porém nos vestibulares do meio do ano da UFU não tinha esta opção pelo fato do curso ser anual. Assim, escolhi um curso que tinha a mesma quantidade de candidatos por vaga apenas para “treinar” o vestibular: existiam várias opções, mas acabei escolhendo Educação Física por ser apaixonado por esportes desde a infância. Fiz o vestibular apenas para treinar. Entretanto, acabei passando em 3º lugar e resolvi entrar no curso e fazer o primeiro semestre até a realização do próximo vestibular (em janeiro) para direito.

3

A Universidade: um mundo se abriu

3.1 A entrada na Universidade

Este é um capítulo da minha vida que transformou para sempre meu destino. Como disse anteriormente, escolhi um curso (que naquele momento entendia como) “aleatório” para treinar para o vestibular. Entrei no curso, resolvi fazer o primeiro semestre e um novo mundo se abriu na minha vida: as disciplinas, a turma, a universidade, a biblioteca, as festas, os amigos, absolutamente tudo fazia muito mais sentido para minha vida. Eu sentia que estava fazendo algo que eu era apaixonado e estava imensamente feliz em viver tudo aquilo. Enfim, o curso de Educação Física foi paixão à primeira vista.

Ainda sim segui o plano que havia traçado e prestei o próximo vestibular para o curso de Direito e fui aprovado. Decidi continuar no curso de Educação Física, o que viria a ser minha escolha profissional da vida.

Atribuo esta escolha à alguns fatores que vivi naquele primeiro semestre de faculdade: 1) sensação de independência e liberdade; 2) o encantamento com as disciplinas do primeiro semestre (anatomia, atletismo, handebol, biologia geral, dentre outras); 3) a leitura de um livro chamado “Exercício e Saúde” do autor estadunidense David C. Nieman; 4) as vivências com dança nas festas e com grupos de dança na Universidade. Estes fatores, mesmo sem saber naquele momento da minha vida, se tornaram princípios que guiaram as minhas escolhas na vida profissional e pessoal.

A partir da escolha em cursar Educação Física, a vida foi se moldando e com ela vários acontecimentos: criação de grupos de dança, 3 iniciações científicas, parti-

cipação em grupos de estudo, idas para congressos, início da vida profissional como professor de Dança (Pagode Baiano e Axé) e Personal Trainer, participações em congressos pelo Brasil afora (Salvador, Foz do Iguaçu, Santos etc.).

Um mundo se abriu para mim ao entender justamente a importância do corpo na formação humana. Entender que o corpo é uno e que movimento é parte essencial de toda esta formação, tanto praticando como analisando (cientificamente os efeitos do exercício). Conseguí quebrar vários preconceitos e ampliar minha visão de mundo de uma maneira mais progressista e menos colonial (apesar de ainda não ter estudado sobre isso naquela época).

3.2 Vivências na graduação

A graduação em Educação Física na Universidade Federal de Uberlândia mudou minha visão de mundo, como disse anteriormente, aqui relatar algumas experiências vividas, as quais me tornaram uma pessoa otimista com a humanidade e que influenciou minhas futuras experiências profissionais.

Primeiramente, acho importante ressaltar aqui que considero de igual importância tanto as vivências obrigatórias (aulas, projetos, estágios), quanto as não-obrigatórios ou informais (viagens, encontros, festas, espaços de convivência, interperíodos, congressos, empregos etc.).

Com relação às experiências obrigatórias do curso, noto que tenho uma mudança de paradigma já que em muitas disciplinas tínhamos vivências corporais (a prática da modalidade em si) e as vivências escritas e textuais. Assim, acabava de entender na prática a superação deste dualismo corpo mente. Isso faz com que, internamente, eu enxergasse a construção do conhecimento a partir de outra perspectiva. Eu dividi aqui as disciplinas em 3 blocos: as disciplinas ligadas à área da saúde (que eram minhas preferidas), as disciplinas ligadas à área específica (esportes, danças, lutas, ginásticas, etc.) e as disciplinas ligadas à área de educação. Assim, tínhamos disciplinas nos três *campi* existentes da UFU (Umuarama, Educação Física e Santa Mônica).

Essa vivência diversa, contribuía para minha formação generalista, ao mesmo tempo que tinha aula de Filosofia da Educação na Faculdade de Educação, também

tinha Bioquímica no Instituto de Genética e Bioquímica, passando no meio disso tudo por disciplinas específicas tais como Atletismo, Esportes Adaptados, Ginástica Rítmica Desportiva e Dança.

A Educação Física, pelo menos na minha visão, consegue extraordinariamente ser o caminho do meio: aplicar conceitos e métodos tanto da área da saúde quanto da área de Educação. Afinal de contas, o movimento humano está cada vez mais associado a um estado geral de saúde e ao mesmo tempo não dá para ensinar o movimento sem um pensamento pedagógico.



Apresentação na disciplina de GRD 2, ministrada pela professora Sigrid Bitter em 2004.



Trabalho com Dança na Disciplina de Estágio Supervisionado, na Escola Estadual Antônio Thomaz Ferreira de Rezende (2006).

Ainda sobre a formação obrigatória, o curso de Educação Física tinha na época um princípio chamado ensino vivenciado, que consistia no seguinte: a disciplina de Natação acontecia num semestre e no semestre seguinte tínhamos um mini estágio daquela disciplina. Este mini estágio acontecia de diversas formas: em escolas da rede pública, em projetos de extensão com a comunidade na faculdade, em equipes de treinamento ou clubes. O público deste mini estágio era variado: crianças de diferentes faixas etárias, adultos, idosos, pessoas com deficiência e atletas de rendimento. Além desse mini estágio havia os três semestres de um estágio maior de Educação Física escolar em 3 níveis: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. Estas vivências, proporcionaram uma diversidade de possibilidades de trabalho com diferentes públicos, de diferentes idades e em diferentes locais; contribuindo para

uma formação mais generalista, que vejo de maneira muito positiva nesta era da ultra-especialização das áreas de conhecimento. Somos seres únicos, sem divisão, por isso precisamos entender o ser humano em sua totalidade e complexidade e uma formação generalista nos ajuda nesta questão.

Sobre a formação não obrigatória ou informal, eu via no curso de Educação Física muitas possibilidades de formação enquanto ser e por isso fui adequando o tempo que era livre das disciplinas obrigatórios com diversos tópicos do meu interesse. Logo no início do curso quando li o livro que mencionei acima “Exercício e Saúde” fiquei deslumbrado pela ideia de estudar cientificamente os efeitos do exercício físico e entrei a convite de um outro graduando do último período em um grupo de estudos que falava sobre desidratação durante o exercício físico. Foi a primeira atividade científica que fiz no curso e achei muito interessante todas as questões que estudamos e decidi que ali, queria ser um “cientista”.

Além do grupo de estudo, nas festas universitárias existia uma febre das danças das músicas de pagode baiano e Axé, nas quais eu e outros amigos/as dançávamos com muita empolgação. Foi aí que surge um encontro com outros amigos para a formação do meu primeiro grupo de dança: “Atividade Máxima”. Este era um grupo de dança livre onde dançávamos músicas de Pop com passos de Hip-Hop. Então aqui já era perceptível que eu tinha uma formação aparentemente antagônica (mas de fato hoje vejo como uma multiplicidade de minha existência) através da dança e iniciação científica.

Depois disso, continuei com um percurso sobre cursos livres que eram ofertados por professores “renomados” aqui em Uberlândia tais como congressos de musculação, ENAF, dentre outros onde comecei meu interesse pelo estudo dos exercícios de força (musculação), nutrição e metabolismo. Além disso, começamos a fazer apresentações com o grupo de dança por alguns festivais pela cidade e da própria faculdade. Neste momento, que coincidia com a primeira metade do curso, havia 4 disciplinas em que exigiam apresentações artísticas como forma de avaliação: Ritmo no 2º período, Dança e Ginástica Rítmica 1 no 3º período e Ginástica Rítmica 2 no 4º período.

Neste momento ainda, organizávamos um evento chamado Painel de Dança com a professora da disciplina, no qual realizávamos um festival de danças com participação de toda comunidade da dança de Uberlândia e região.



Apresentação do grupo
atividade máxima no XVIII Painel
de Dança da UFU em 2003.



Apresentação de dança
do grupo Evolução no XIX
Painel de Dança do Curso de
Educação Física da UFU em
24 de junho 2004.

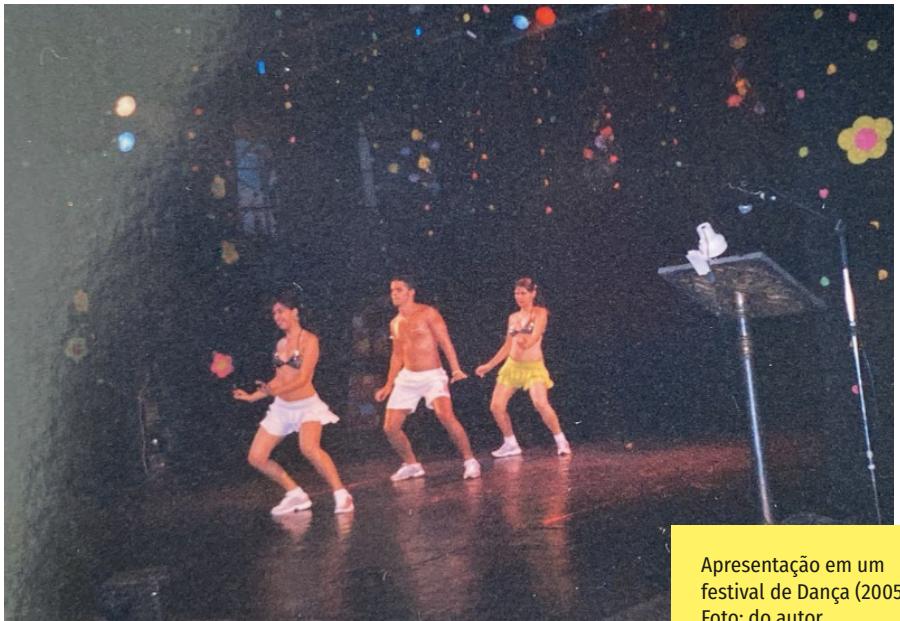
Para além destas atividades, eu ainda fiz um estágio não obrigatório em uma academia de musculação de Uberlândia.

Da metade do curso em diante, ingressei em trabalhos científicos, grupos de estudo e iniciação científica. Paralelamente a isso, formamos um segundo grupo de Dança, chamado “Evolução”.

Nesta época, não consigo lembrar a ordem cronológica destes acontecimentos ou se eles aconteceram ao mesmo tempo, mas participei de 4 pesquisas científicas. Um grupo de estudo e Iniciação Científica em Bioquímica (disciplina que mais gostei na graduação), que culminou na publicação de dois artigos científicos, sendo um sobre o treinamento de força em idosos e outro sobre as bases neurais e fisiológicas da fadiga. Um grupo de Pesquisa em Fisiologia do Exercício em trabalhamos com a avaliação fisiológica de alguns testes de pista, que resultou na publicação de resumos que apresentamos em um congresso em São Paulo. Participei também de uma Pesquisa do projeto de extensão AFRID (atividades físicas e recreativas da terceira idade) para avaliação do efeito do treinamento de Força e Aeróbio na capacidade funcional de idosas, este trabalho resultou a publicação de um artigo, um artigo em congresso e um capítulo de livro.

Paralelamente ou confluente (como diria Nego Bispo) desse momento, foi uma época de intensa formação artística com a fundação deste segundo grupo, que era mais potente e profissional e que confluía para as danças que eu mais gostava de fazer. Tanto que fui convidado para ser dançarino de uma banda baile chamada Classe A, em que dancei por um semestre em Uberlândia e região durante as campanhas eleitorais municipais (na época ainda era permitido “Showmício” nas campanhas). Comecei também duas atividades profissionais: professor de Axé (e pagode baiano) e personal trainer. Essas atividades me levaram a diversas apresentações artísticas tanto em festivais quanto em aberturas de eventos culturais e ao conhecimento prático de treinamento de musculação e corrida com os alunos de Personal.

No final do curso ainda, fui estagiário da Divisão de Esportes e Lazer Universitário (DIESU), que era localizada na antiga sede da reitoria da UFU que ficava na Rua Duque de Caxias. Esta divisão é responsável pela organização de eventos esportivos e culturais para alunos e servidores da Universidade. Foi uma época de muita



Apresentação em um festival de Dança (2005).
Foto: do autor.

Apresentação do grupo Evolução em um festival de Hip-Hop em Santos, SP.





Apresentação do grupo Evolução no Festival de Dança da Academia Espaço do Corpo em Agosto de 2004 no antigo teatro Rondon Pacheco. Foto: do autor.

Apresentação do grupo Evolução na VII GincaEduca em junho de 2004.



Apresentação do grupo Evolução na cidade de Patrocínio – MG em 2004.

aprendizagem pois consegui trabalhar na organização de vários projetos e eventos tais como: Equipes de Treinamento, Delegação para Jogos Universitários, campeonatos esportivos e um projeto de dança chamado Dançando na UFU.

De forma resumida, eu considero que tive uma formação generalista tanto do ponto de vista das experiências obrigatórias quanto das não obrigatórias. E acho que isso foi muito importante para minha formação enquanto ser, pois tive uma diversidade de tipos de conhecimento e vivências que impactaram para sempre meu modo de ver a vida e consequentemente minha atuação enquanto profissional como professor. Escrevendo aqui, pude perceber que a formação não obrigatória (o que escolhi fazer) marcou mais minha memória. Sinto que a liberdade em conduzir a minha própria formação foi fundamental para que eu fosse motivado e feliz em fazer o que gosto e considero importante.

Saí da graduação em Educação Física com a produção de conhecimento descrita na tabela 1.

Tabela 1: Resumo dos principais trabalhos produzidos durante a graduação em Educação Física (outubro de 2002 a outubro de 2006).

	Tipo de Produção	Ano da Produção	Título da Produção	Autores
1	Apresentação Artística	2003	Apresentação coreografia Atividade Máxima	Grupo de Dança Atividade Máxima
2	Organização de Eventos	2003	Organização do Painel de Dança 2003	57ª turma de Educação Física
3	Apresentação Artística	2004	Apresentação coreografia 2	Grupo de Dança Atividade Máxima
4	Organização de Eventos	2004	Gincana da Disciplina de Jogos Recreativos	57ª turma de Educação Física
5	Apresentação Artística	2005	Apresentação coreografia Flash Máximo	Grupo de Dança Evolução

	tipo de Produção	Ano da Produção	Título da Produção	Autores
6	Resumos Publicados em Congressos	2005	Comparação Entre Teste De Cooper E Progressivo Na Pista Para Mensuração Do VO2 Máx. In: XXVIII Simpósio de Ciências do Esporte, 2005, São Paulo. Atividade Física e Esporte no Ciclo da vida, 2005. v. 13. p. 117-117.	Bruno Gonzaga Teodoro, Pedro V.S. Moreira, Flávia G.M. Coelho, Guilherme Agostini, Geni Costa
7	Resumos Publicados em Congressos	2005	Relação Entre A VVO2máx Obtida Pelo Teste De Cooper E A Obtida Pelo Teste Progressivo De Pista. In: XXVIII Simpósio de Ciências do Esporte, 2005, São Paulo. Atividade Física e Esporte no Ciclo da vida, 2005. v. 13. p. 92-92.	Bruno Gonzaga Teodoro, Pedro V.S. Moreira, Flávia G.M. Coelho, Guilherme Agostini, Geni Costa
8	Resumos Publicados em Congressos	2005	Comparação Entre Os Exercícios Leg Press E Agachamento Na Performance Da Força Muscular Dos Membros Inferiores Em Idosas. In: XXVIII Simpósio de Ciências do Esporte, 2005, São Paulo. Atividade Física e Esporte no Ciclo da vida, 2005. v. 13. p. 331-331.	Bruno Gonzaga Teodoro, Pedro V.S. Moreira, Flávia G.M. Coelho, Guilherme Agostini, Geni Costa
9	Apresentação Artística	2006	Apresentação de coreografia 4	Grupo de Dança Evolução
10	Apresentação Artística	2006	Apresentação de coreografia 7	Grupo de Dança Evolução
11	Artigo Científico em Periódicos Acadêmicos	2006	EFEITOS DO TREINAMENTO RESISTIDO PARA TERCEIRA IDADE. Ação & Movimento (Rio de Janeiro), v. 03, p. 27-31	Bruno Gonzaga Teodoro, Pedro V.S. Moreira, Aníbal M. Neto, Natális Rezende
12	Artigo Científico em Periódicos Acadêmicos	2006	MANUAL HOLD FORCE AVALIATION IN ELDERLY PEOPLE PRACTITIONERS OF STRENGTH TRAINING. The FIEP Bulletin, v. 76, p. 307-309	Bruno Gonzaga Teodoro, Flávia G.M. Coelho, Geni Costa
13	Resumos Publicados em Congressos	2006	Influência dos Treinamentos Resistidos de Força Máxima e Potência na Carga Máxima em Idosas Destreinadas do Projeto AFRID. In: XXIX Simpósio Internacional de Educação Física, 2006, São Paulo. A Globalização do Esporte e da Atividade Física, 2006	Bruno Gonzaga Teodoro, Pedro V.S. Moreira, Flávia G.M. Coelho, Guilherme Agostini, Geni Costa

	tipo de Produção	Ano da Produção	Título da Produção	Autores
14	Resumos Publicados em Congressos	2006	Influência do Treinamento Aeróbico Intervalado e Contínuo na Wmáx (Potência Aeróbica Máxima) em Idosas Saudáveis do Projeto AFRID. In: XXIX Simpósio Internacional de Educação Física, 2006, São Paulo. A Globalização do Esporte e da Atividade Física, 2006. v. 14. p. 263-263.	Bruno Gonzaga Teodoro, Pedro V.S. Moreira, Flávia G.M. Coelho, Guilherme Agostini, Geni Costa
15	Resumos Publicados em Congressos	2006	Influência do Treinamento Aeróbico Intervalado na Força Máxima de Membros Inferiores em Idosas. In: XXIX Simpósio Internacional de Educação Física, 2006, São Paulo. A Globalização do Esporte e da Atividade Física, 2006. v. 14. p. 240-240.	Bruno Gonzaga Teodoro, Pedro V.S. Moreira, Flávia G.M. Coelho, Guilherme Agostini, Geni Costa
16	Resumos Publicados em Congressos	2006	Influência do Treinamento Resistido de Potência na Potência Aeróbica Máxima (Wmáx) e Força Máxima em Idosas Destreinadas do Projeto AFRID. In: XXIX Simpósio Internacional de Educação Física, 2006, São Paulo. A Globalização do Esporte e da Atividade Física, 2006. v. 14. p. 252-252.	Bruno Gonzaga Teodoro, Pedro V.S. Moreira, Flávia G.M. Coelho, Guilherme Agostini, Geni Costa
17	Resumos Publicados em Congressos	2006	Influência do Treinamento de Força Máxima e Aeróbico Contínuo na Wmáx (Potência Aeróbica Máxima) em Idosas Destreinadas do Projeto AFRID. In: XXIX Simpósio Internacional de Educação Física, 2006, São Paulo. A Globalização do Esporte e da Atividade Física, 2006. v. 14. p. 62-62.	Bruno Gonzaga Teodoro, Pedro V.S. Moreira, Flávia G.M. Coelho, Guilherme Agostini, Geni Costa
18	Artigo Científico em Periódicos Acadêmicos*	2007	Análise da Aptidão Física Pós- Treinamento Resistido e Não Resistido dos Membros Inferiores em Mulheres Idosas. Horizonte Científico (Uberlândia), v. 1, p. 33.	Bruno Gonzaga Teodoro, Flávia G.M. Coelho, Guilherme Agostini, Geni Costa
19	Artigo Científico em Periódicos Acadêmicos*	2008	Bases neurais e metabólicas da fadiga durante o exercício. Bioscience Journal (UFU. Impresso), v. 24, p. 81-90.	Bruno Gonzaga Teodoro, Pedro V.S. Moreira, Aníbal M. Neto
20	Artigo Científico em Periódicos Acadêmicos*	2011	RESPOSTAS DE DIFERENTES TIPOS DE TREINAMENTO NA APTIDÃO FÍSICA E CAPACIDADE FUNCIONAL EM IDOSOS.. Revista de Educação Física - Escola de Educação Física do Exército, v. 80, p. 1-11.	Bruno Gonzaga Teodoro, Flávia G.M. Coelho, Pedro V.S. Moreira, Geni Costa

* Trabalhos oriundos da graduação, porém publicados nos anos posteriores.

4

Especialização e Mestrado

Ao terminar a graduação, vivi mais um agonizante período da minha vida, pois havia uma certa insegurança com relação à escolha profissional e se esta profissão escolhida seria suficiente para me manter financeiramente dentro do que fui inserido na sociedade enquanto: “suficiente para me manter”.

Já estava com alguns alunos de personal trainer mesmo antes de terminar a graduação e, entrei na vida profissional pensando em três possíveis atuações: personal trainer, professor de dança (axé) e seguir carreira acadêmica (Mestrado etc.).

Neste item vou descrever o que considero importante para minha formação humana no período que vai do final de 2006 ao fim de 2009.

4.1 Especialização (Pós-Graduação *Latu Sensu*)

Logo ao sair da graduação, minha vida girava em 3 eixos: o trabalho (como personal e professor de Axé), os estudos “formais” (um grupo de estudo em fisiologia do exercício), um curso de especialização e o grupo de dança.

Com relação ao trabalho, atuava como personal trainer em 3 ou mais academias de Uberlândia e basicamente meu trabalho era acompanhar os treinamentos, avaliar a evolução dos alunos e prescrever treinamentos. Estudava muito cada caso de aluno, como por exemplo uma aluna com escoliose. Tinha que estudar sobre o caso, entender a patologia e pesquisar qual seria o melhor treinamento para sua condição. Era um trabalho que gostava muito de fazer. Porém, como era muito informal, eu sentia insegurança com relação aos ganhos em períodos de férias por exemplo, fato que contribuía para um grau de insatisfação.

Além disso também tinha o trabalho como professor de Axé, que era dividido em duas partes: uma era algumas aulas por semana que eu tinha em algumas academias 2 ou 3 vezes por semana e, um projeto (juntamente com um integrante do grupo de dança) em que oferecíamos aulas de dança para condomínios verticais em Uberlândia. Fazíamos o projeto, conversávamos com o síndico e oferecíamos aulas de duas a três vezes por semana para os/as moradores/as que tinham interesse neste projeto. Apesar de amar este trabalho, financeiramente ele não era muito viável e aos poucos fomos abandonando este projeto, assim como as aulas de dança.

Concomitantemente ao trabalho, eu também fazia um curso de especialização em Fisiologia do Exercício e Treinamento Desportivo e um grupo de estudos na Universidade que acontecia uma vez por semana. A especialização era em formato de módulo: as aulas aconteciam de maneira concentrada aos sábados e domingos, uma vez por mês. Foi um momento de grande aprendizado, pois tínhamos aulas com professores muito “famosos” e foi de grande relevância para que eu pudesse escolher um tema para entrar no mestrado. Cabe aqui, destacar que o TCC desta especialização foi um trabalho que considero muito importante pois fizemos uma avaliação de muitos estudantes (aproximadamente 400) de escolas públicas de Uberlândia.

Fizemos uma avaliação motora geral destes alunos e, foi a primeira vez que senti vontade em trabalhar como professor de Educação Física em escola. Este TCC rendeu algumas publicações científicas como publicações de resumo em anais de congresso e apresentações de trabalhos em congresso. Além de um conhecimento mais aprofundado em estatística, fato que viria a me ajudar muito no mestrado e doutorado.

Eu ainda participava de um grupo de estudo na UFU com alguns professores, alunos egressos que estavam no mestrado e alguns alunos que ainda estavam na graduação, onde a gente estudava e discutia sobre assuntos sobre fisiologia do exercício e treinamento desportivo. Este grupo também me ajudava a entender sobre metodologias para um possível projeto de mestrado.

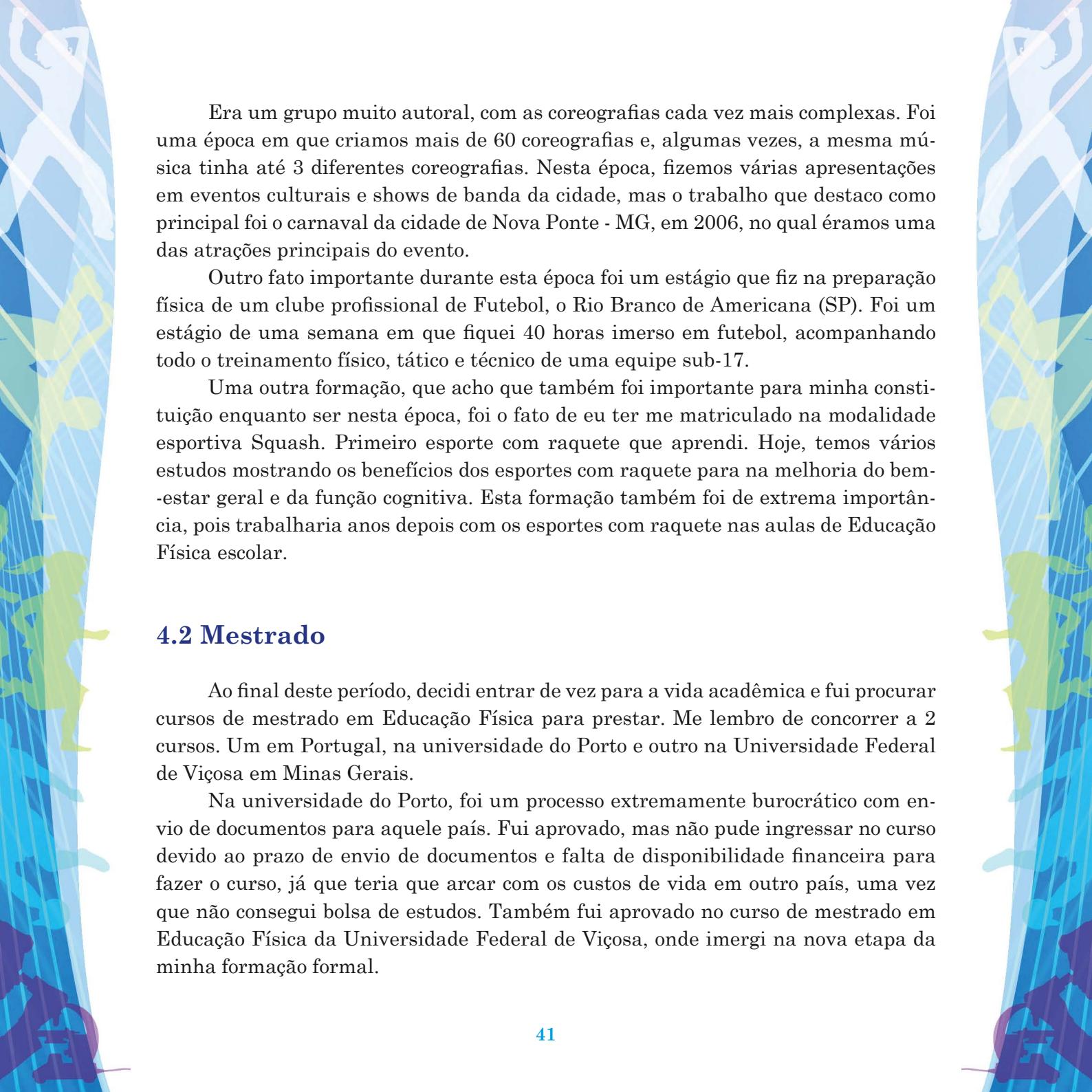
Ainda em confluência, tinha ainda o grupo de Dança que chegou na última formação em que se chamava Geração Axé Uai. Para mim, este grupo foi o melhor trabalho de dança que fiz na vida. Era um grupo especializado em Danças Baianas (Axé e Pagode Baiano) além de dançarmos um pouco de funk carioca.



Abertura do Show da Banda Kaçamba no antigo HappyBeer. Ano 2007. Foto: do autor.



Apresentação do grupo Geração Axé Uai no Carnaval de Nova Ponto (2007). Foto: do autor.



Era um grupo muito autoral, com as coreografias cada vez mais complexas. Foi uma época em que criamos mais de 60 coreografias e, algumas vezes, a mesma música tinha até 3 diferentes coreografias. Nesta época, fizemos várias apresentações em eventos culturais e shows de banda da cidade, mas o trabalho que destaco como principal foi o carnaval da cidade de Nova Ponte - MG, em 2006, no qual éramos uma das atrações principais do evento.

Outro fato importante durante esta época foi um estágio que fiz na preparação física de um clube profissional de Futebol, o Rio Branco de Americana (SP). Foi um estágio de uma semana em que fiquei 40 horas imerso em futebol, acompanhando todo o treinamento físico, tático e técnico de uma equipe sub-17.

Uma outra formação, que acho que também foi importante para minha constituição enquanto ser nesta época, foi o fato de eu ter me matriculado na modalidade esportiva Squash. Primeiro esporte com raquete que aprendi. Hoje, temos vários estudos mostrando os benefícios dos esportes com raquete para na melhoria do bem-estar geral e da função cognitiva. Esta formação também foi de extrema importância, pois trabalharia anos depois com os esportes com raquete nas aulas de Educação Física escolar.

4.2 Mestrado

Ao final deste período, decidi entrar de vez para a vida acadêmica e fui procurar cursos de mestrado em Educação Física para prestar. Me lembro de concorrer a 2 cursos. Um em Portugal, na universidade do Porto e outro na Universidade Federal de Viçosa em Minas Gerais.

Na universidade do Porto, foi um processo extremamente burocrático com envio de documentos para aquele país. Fui aprovado, mas não pude ingressar no curso devido ao prazo de envio de documentos e falta de disponibilidade financeira para fazer o curso, já que teria que arcar com os custos de vida em outro país, uma vez que não consegui bolsa de estudos. Também fui aprovado no curso de mestrado em Educação Física da Universidade Federal de Viçosa, onde imergi na nova etapa da minha formação formal.



Vista da "Reta" (Av. PH Rolfs), ao fundo um dos lagos e atrás dos lagos os prédios que eram da moradia estudantil (ano 2009)

Este período foi feito do início de 2008 ao final de 2009. Nesta fase, talvez tenha sido a primeira vez desde então, que a dança passou a não ser parte da minha rotina. Como tive que mudar cidade, larguei os empregos em Uberlândia assim como o grupo de dança. Então me dediquei ao mestrado e em várias ações relacionadas ao mundo acadêmico em si.

A Universidade Federal de Viçosa é uma joia rara do Brasil. Fica em uma das regiões mais pobres de Minas Gerais (zona da mata), porém é uma Universidade muito dinâmica e com pensamento avançadíssimo e inovador em várias áreas do conhecimento. É primeiramente lindíssima com uma arquitetura que remete a outras universidades mundo afora. Com três lagos enormes, várias árvores em uma avenida chamada simplesmente de “Reta” (Av. PH Rolfs) devido a ser um dos poucos terrenos planos da cidade de Viçosa.

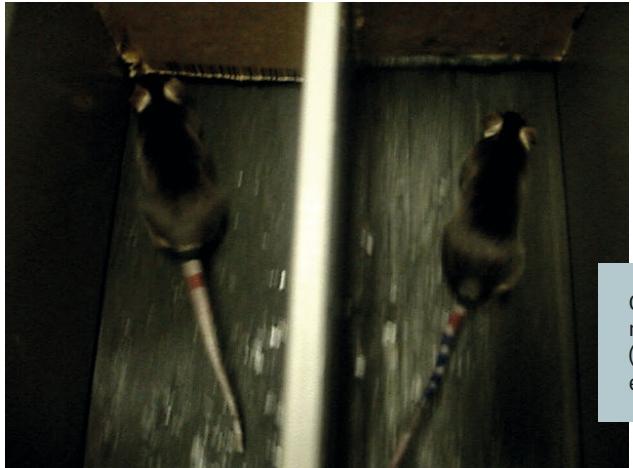
Eu percebia a Universidade muito mais integrada do que a UFU, talvez pelo fato de todos os cursos estarem naquele mesmo campus, o que não acontece aqui. Além disso, a universidade possui vários fatores inovadores tais como: a Universidade tem um hotel-escola, um supermercado-escola e várias empresas ligadas a diferentes departamentos. Talvez o mais conhecido seja o doce de leite Viçosa (é considerado um Patrimônio de Minas Gerais e um Patrimônio Cultural Imaterial de Viçosa), que foi eleito o melhor doce de leite do Brasil é produzido por uma empresa da UFV. Além de cursos diferentes e inovadores à época tais como Cooperativismo, Economia Doméstica, Educação do Campo, Educação Infantil, dentre outros.

Eu também via uma Universidade mais cooperativa. Tínhamos muito acesso a laboratórios e equipamentos de outros departamentos e vice e versa. Acho que a UFV é um exemplo de Universidade a ser seguida pelo Brasil.

Este foi um período extremamente produtivo academicamente, pois além de realizar a pesquisa do meu mestrado consegui fazer colaborações com a pesquisa de muitos colegas do curso. Nesse momento da vida, no mestrado, comecei a trabalhar como docente de cursos de graduação, especialização, cursos e palestras de formação complementar.

Minha orientadora foi a professora Dra. Maria do Carmo Gouveia Peluzio, que é uma nutricionista que atuava também no mestrado em Educação Física. Por isso, tinha uma convivência muito grande também com outros/as colegas do curso de mestrado e doutorado em Nutrição, do qual minha orientadora também fazia parte. Pude fazer disciplinas, estágio em docência e publicar trabalhos em colaboração com essas amigas da nutrição.

O trabalho que desenvolvi em si na minha dissertação foi verificar os efeitos do exercício físico aeróbico em diferentes intensidades na progressão da doença ate-



Camundongos em um modelo de exercício (corrida) que usa esteira (ano 2008)

Curso de Musculação ministrado em 2009. Foto: do autor.



rosclerótica (formação de placas de gordura em vasos sanguíneos) em camundongos modificados geneticamente para desenvolver esta doença. Essa dissertação gerou a publicação de dois artigos em revistas científicas. Uma revisão bibliográfica na principal revista de medicina do esporte do Brasil e os resultados em uma revista internacional que fala sobre o assunto.

Foi possível participar também de estudos epidemiológicos que estudavam musculação, exercícios aeróbios, risco coronariano, capacidade funcional em idosos, trabalhos com diversos tipos de animais experimentais (camundongos e ratos de diferentes espécies) com diferentes técnicas experimentais de exercício físico (esteira, natação, etc.) e diferentes análises (histológicas, bioquímicas, dentre outras). Então acredito que tive uma formação bem diversa com relação a diferentes metodologias com relação à pesquisa científica na área biológica da Educação Física.

E seguindo em confluência fui professor no curso de Educação Física de uma faculdade em Cataguases (MG), ministrando a disciplina de Treinamento Desportivo e ainda dei aula das disciplinas de Fisiologia do Exercício Endócrino e Epidemiologia da Atividade Física na Faculdade EVATA em Ponte Nova (MG). Ministrei também, cursos sobre Musculação, sobre os benefícios da atividade física, e outros temas variados em escolas públicas, eventos da Universidade, associação de idosos, dentre vários outros lugares.

Para além de todos os trabalhos acadêmicos, estar em Viçosa e conhecer de perto várias cidades da zona da mata (Cataguases, Ponte Nova, Ubá, Ervália, Juiz de Fora, dentre outras) me fez reconhecer e orgulhar-se da minha mineiridade. Eu acredito que aqui em Uberlândia, há um certo distanciamento do querer ser mineiro. Muita gente, fala mais sobre nossa proximidade de São Paulo ou Goiás e esquece das nossas raízes mineiras. Vi de perto o que é a hospitalidade e alegria em receber de coração aberto quem vem de fora. E mesmo com toda a potência, criatividade e competência não perder a simplicidade e humildade. Fui muito feliz em Viçosa e sinto muito orgulho de ter pertencido a UFV e ter me feito um “cadim” mais “mineirim”.

Trago, na tabela 2, um resumo das principais produções de conhecimento desta época (2007 a 2010).

Tabela 2: Resumo dos principais trabalhos produzidos durante a especialização e mestrado (Início de 2007 à fevereiro de 2010)

	Tipo de Produção	Ano da Produção	Título da Produção	Autores Principais
1	Resumo em Congressos	2007	Análise dos Parâmetros de Desempenho Motor: Velocidade, Força de Membros Inferior e Superior em Escolares da Rede Pública de Uberlândia. In: I Semana Científica da Educação Física - PET: "Da Formação Profissional à Atuação Prática", 2007, Uberlândia. Anais I Semana Científica	Bruno G Teodoro, Pedro A. S. Cardoso
2	Resumo em Congressos	2007	Análise dos Parâmetros de Saúde: IMC e Flexibilidade em Escolares da Rede Pública de Uberlândia. In: I Semana Científica da Educação Física - PET: "Da Formação à Atuação Profissional", 2007, Uberlândia. Anais I Semana Científica	Bruno G Teodoro, Pedro A. S. Cardoso
3	Apresentação Artística	2007	Apresentação Coreografia Aniversário de Patrocínio	Grupo Evolução
4	Apresentação Artística	2007	Carnaval de Nova Ponte - Dia 01	Grupo Evolução
5	Apresentação Artística	2007	Carnaval de Nova Ponte - Dia 02	Grupo Evolução
6	Apresentação Artística	2007	Carnaval de Nova Ponte - Dia 03	Grupo Evolução
7	Apresentação Artística	2007	Carnaval de Nova Ponte - Dia 04	Grupo Evolução
8	Apresentação Artística	2007	Gravação DVD Banda Kaçamba	Grupo Evolução
9	Resumo em Congressos	2008	Análise de resistência abdominal em 60 segundos em escolares de escolas centrais em relação às escolas periféricas. In: XXXI Simpósio Internacional de Ciências do Esporte, 2008, São Paulo. Edição especial da Revista Brasileira de Ciência e Movimento, 2008. v. 16. p. 102-102.	Bruno G Teodoro, Pedro A. S. Cardoso
10	Resumo em Congressos	2008	Detecção de "Talentos" de desempenho motor em escolares de uberlândia. In: XXXI Simpósio Internacional de Ciências do Esporte, 2008, São Paulo. Edição especial da Revista Brasileira de Ciência e Movimento, 2008. v. 16. p. 101-101	Bruno G Teodoro, Pedro A. S. Cardoso

	Tipo de Produção	Ano da Produção	Título da Produção	Autores Principais
11	Resumo em Congressos	2008	INFLUÊNCIA DO ÁCIDO LINOLEICO CONJUGADO E EXECÍCIO EM ESTEIRA SOBRE A COMPOSIÇÃO CORPORAL DE CAMUNDONGOS KNOCKOUT PARA O GENE DA APOPROTEINA E. In: VIII MOSTRA CIENTÍFICA DA PÓS-GRADUAÇÃO, 2008, Viçosa - MG. VIII MOSTRA CIENTÍFICA DA PÓS-GRADUAÇÃO,	Bruno G Teodoro, Silvio Fernandes
12	Resumo em Congressos	2008	Relação entre IMC e testes motores na descoberta de “talentos” e análise de parâmetros de saúde em escolares. In: XXXI Simpósio Internacional de Ciências do Esporte, 2008, São Paulo. Edição especial da Revista Brasileira de Ciência e Movimento, 2008. v. 16. p. 91-91.	Bruno G Teodoro, Pedro A. S. Cardoso
13	Resumo em Congressos	2008	REVALÊNCIA DE SOBREPESO E OBESIDADE EM ESCOLARES DAS REDE DE ENSINO PÚBLICA DE UBERLÂNDIA MG. In: XVIII SIMPÓSIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 2008, Viçosa - MG. XVIII SIMPÓSIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 2008. p. 234-234.	Bruno G Teodoro, Pedro A. S. Cardoso
14	Resumo em Congressos	2009	Efeitos do Exercício Aeróbico de intensidade moderada na progressão da aterosclerose em camundongos APOE-/. In: 7º Congresso SABINCOR de Cardiologia, 2009, Juiz de Fora. 7º Congresso SABINCOR de Cardiologia, 2009.	Bruno G Teodoro, Silvio Fernandes
15	Resumo em Congressos	2009	EFEITOS DO EXERCÍCIO EM DIFERENTES VELOCIDADES DE ESTEIRA NOS NÍVEIS SÉRICOS DE LÍPIDOS DE CAMUNDONGOS LDLr-/. In: IX Mostra Científica de Pós Graduação da UFV, 2009, Viçosa. ENSINO PESQUISA E EXTENSÃO - Diálogos para a ciência na UFV, 2009.	Bruno G Teodoro, Maria C G Peluzio
16	Artigo Científico em Periódicos	2009	Prevalência de Diabetes Melitus no Município de Teixeiras-MG. Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde, v. 14, p. 23-27	Bruno Gonzaga Teodoro, Claudia E.P. Oliveira, Osvaldo C. Moreira
17	Artigo Científico em Periódicos	2009	A IMPORTÂNCIA DOS EXERCÍCIOS FÍSICOS PARA GESTANTES. @rgumentandum, v. 1, p. 67,	Bruno Gonzaga Teodoro, Claudia E.P. Oliveira, Osvaldo C. Moreira
18	Resumo em Congressos	2009	Efeitos de diferentes intensidades do exercício físico aeróbico nos níveis séricos de lípídeos de camundongos LDLr-/- hipercolesterolêmicos. In: XXIV Reunião Anual da Federação de Sociedades de Biologia Experimental - FeSBE, 2009, Águas de Lindóia - SP. Anais da XXIV Reunião Anual da FeSBE, 2009, 2009.	Bruno G Teodoro, Maria C G Peluzio

	Tipo de Produção	Ano da Produção	Título da Produção	Autores Principais
19	Organização de Eventos	2009	Musculação: Fundamentos Fisiológicos, Biomecânicos e Nutricionais - Ponte Nova	Bruno G Teodoro, Osvaldo C Moreira
20	Organização de Eventos	2009	Musculação: Fundamentos Fisiológicos, Biomecânicos e Nutricionais - Viçosa	Bruno G Teodoro, Osvaldo C Moreira
21	Artigo Científico em Periódicos	2009	PREVALÊNCIA DE FATORES DE RISCO DE DOENÇA CARDIOVASCULAR EM TÉCNICOS ADMINISTRATIVOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Bioscience Journal (UFU), v. 25, p. 133-140.	Bruno Gonzaga Teodoro, Claudia E.P. Oliveira, Osvaldo C. Moreira
22	Artigo Científico em Periódicos	2010	Determinação da prevalência de fatores de risco coronariano em estudantes de Educação Física de uma faculdade privada de Minas Gerais. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, v. 18, p. 58-66.	Bruno Gonzaga Teodoro, Claudia E.P. Oliveira, Osvaldo C. Moreira
23	Artigo Científico em Periódicos	2010	Influência da Prática de Exercícios Físicos no Eixo GH/IGF. Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR (Impresso), v. 14, p. 277-283.	Bruno Gonzaga Teodoro, Claudia E.P. Oliveira, Osvaldo C. Moreira
24	Artigo Científico em Periódicos	2010	A influência da intensidade do exercício físico aeróbio no processo aterosclerótico. Revista Brasileira de Medicina do Esporte (Impresso), v. 16, p. 382-387.	Bruno Gonzaga Teodoro, Maria do Carmo G. Peluzio, Antonio Natali
25	Artigo Científico em Periódicos	2010	Aptidão para atividade física regular em estudantes de educação física da Universidade Federal de Viçosa. HU Revista (UFJF. Impresso), v. 36, p. 55-59.	Bruno Gonzaga Teodoro, Claudia E.P. Oliveira, Osvaldo C. Moreira
26	Resumo em Congressos	2010	Efeitos de diferentes intensidades do exercício aeróbico no perfil da aterosclerose em camundongos LDLr-/. In: XXV Reunião Anual da Federação de Sociedades de Biologia Experimental - FeSBE, 2010, Águas de Lindóia. XXV Reunião Anual da Federação de Sociedades de Biologia Experimental - FeSBE, 2010. p. 127-127.	Bruno G Teodoro, Maria C G Peluzio
27	Artigo Científico em Periódicos	2010	PREVALÊNCIA DE SOBREPESO E OBESIDADE EM ESCOLARES DA REDE PÚBLICA DA CIDADE DE UBERLÂNDIA-MG. Coleção Pesquisa em Educação Física, v. 9, p. 235-240.	Bruno Gonzaga Teodoro, Claudia E.P. Oliveira, Osvaldo C. Moreira

	Tipo de Produção	Ano da Produção	Título da Produção	Autores Principais
28	Artigo Científico em Periódicos	2010	Resposta das citocinas ao exercício físico. Lecturas Educación Física y Deportes, v. 15, p. 1-7.	Bruno Gonzaga Teodoro, Maria do Carmo G. Peluzio, Antonio Natali, Osvaldo C. Moreira
29	Capítulo de Livro	2010	Uso de suplementos alimentares por adolescentes praticantes de atividade física. In: Sílvia Eloíza Priore; Renata Maria S. Oliveira; Eliane R. de Faria; Sylvia do Carmo C. Franceschini; Patrícia Feliciano Pereira. (Org.). Nutrição e Saúde na Adolescência. 1ed. Rio de Janeiro: Rubio, 2010, v. , p. 379-388.	Bruno G Teodoro, Maria C G Peluzio
30	Artigo Científico em Periódicos*	2011	Metabolismo no Futebol x Treino Intervalado. Revista Brasileira de Futebol, v. 4, p. 9-17	Bruno Gonzaga Teodoro, Pedro V.S. Moreira
31	Artigo Científico em Periódicos*	2011	ÁCIDO LINOLEICO CONJUGADO E EXERCÍCIO FÍSICO: EFEITOS NA ATEROSCLEROSE DE CAMUNDONGOS APOE (-/-). Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde, v. 16, p. 217-222.	Bruno Gonzaga Teodoro, Maria do Carmo G. Peluzio, Antonio Natali, Silvio Fernandes
32	Artigo Científico em Periódicos*	2011	Ácido linoléico conjugado: efeitos no perfil lipídico e na composição corporal de camundongos exercitados. Motriz: Revista de Educação Física (Online), v. 17, p. 683-690.	Bruno Gonzaga Teodoro, Maria do Carmo G. Peluzio, Antonio Natali, Silvio Fernandes
33	Artigo Científico em Periódicos*	2011	EFEITOS DO EXERCÍCIO FÍSICO NO PROCESSO INFLAMATÓRIO DA ATEROGÊNESE. Brasília Médica, v. 48, p. 163-174	Bruno Gonzaga Teodoro, Maria do Carmo G. Peluzio, Antonio Natali, Silvio Fernandes
34	Artigo Científico em Periódicos*	2012	ASSOCIAÇÃO ENTRE GÊNERO E ESTADO NUTRICIONAL EM ESTUDANTES DA REDE DE ENSINO PÚBLICA. Revista brasileira de prescrição e fisiologia do exercício, v. 6, p. 360-366	Bruno Gonzaga Teodoro, Claudia E.P. Oliveira, Osvaldo C. Moreira

	Tipo de Produção	Ano da Produção	Título da Produção	Autores Principais
35	Artigo Científico em Periódicos*	2012	Dieta hiperlipídica e ácido linoleico conjugado: efeitos nos lipídios séricos, peso e composição corporal de camundongos Apo E (-/-) exercitados. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, v. 20, p. 47-55	Bruno Gonzaga Teodoro, Maria do Carmo G. Peluzio, Antonio Natali, Silvio Fernandes
36	Artigo Científico em Periódicos*	2012	Improvements of Atherosclerosis and Hepatic Oxidative Stress are Independent of Exercise Intensity in LDLr-/- Mice. Journal of Atherosclerosis and Thrombosis, v. 19, p. 000-000	Bruno Gonzaga Teodoro, Silvio Fernandes, Maria C G Peluzio, Antonio Natali
37	Artigo Científico em Periódicos*	2013	Efeito da dieta hiperlipídica e do treinamento aeróbico na aterosclerose em camundongos apoE-/. Revista Brasileira de Medicina do Esporte (Impresso), v. 19, p. 436-441, 2013	Bruno Gonzaga Teodoro, Silvio Fernandes, Maria C G Peluzio, Antonio Natali

* Trabalhos oriundos da especialização e do mestrado, porém publicados nos anos posteriores.

Após o término do mestrado, voltei para Uberlândia e tive a oportunidade de ministrar aulas em uma faculdade particular (Atenas) na cidade de Paracatu-MG. Trabalhava na faculdade as quintas e sextas a noite. E, em Uberlândia voltei a trabalhar como Personal Trainer de 2^a feira à 5^a feira.

Geralmente, nas faculdades particulares dificilmente conseguimos dar aula das disciplinas que são nossa especialidade. No primeiro semestre ministrei disci-

plinas da Licenciatura como Educação Física no Ensino Médio e ensino dos Esportes Coletivos. No segundo semestre daquele ano as disciplinas foram Atividades Físicas de Aventura e Esportes complementares. No geral este foi um período de muita aprendizagem pois tive que estudar muito outros assuntos para além daqueles que havia trabalhado no mestrado ou nas faculdades anteriores.

Meu retorno para Uberlândia, apesar de estar trabalhando em uma Faculdade e atuando como personal trainer, meu principal objetivo era passar em um concurso para um Instituto ou Universidade Federal. Assim, acredito que prestei entre 6 e 8 concursos. Alguns passando das primeiras fases outros não, mas até que em maio de 2010 iniciou o processo em que acabei passando e dando início a minha carreira docente na rede federal no final de setembro daquele mesmo ano.

5

O Instituto Federal de São Paulo (setembro de 2010 a outubro de 2017)

Aqui de fato começaria a trajetória deste memorial, porém como tentei explicar anteriormente eu acredito que todo esse percurso de formação humana me influenciou diretamente em minha postura como docente, de como entendo a vida, a educação, o processo de ensino-aprendizagem. Ou seja, é impossível separar o ser humano Bruno, do professor Bruno.

Tudo que vivi desde a primeira infância, impactou diretamente minha ação no mundo enquanto professor, pesquisador, dançarino, coreógrafo. Eu acredito que ter vivido uma diversidade de formações, tanto do ponto de vista acadêmico quanto do ponto de vista artístico me faz ter uma noção generalista do mundo, sem tentar me classificar dentro de uma “caixinha” tal como: você é de exatas ou você é de humanas, ou mais especificamente na Educação Física: você é da Saúde ou você é da licenciatura. Eu sou um pouco de tudo isso!

5.1 O Ingresso

Talvez nada mais emblemático de que chegar para fazer o concurso na cidade de São Paulo (SP) e estar acontecendo a virada cultural daquele ano. A virada cultural acontecia em um sábado e domingo (dias 15 e 16 de maio daquele ano) em vários lugares da cidade de São Paulo. Mesmo sem a intenção, eu e um grande amigo prestamos o concurso juntos e viajamos a noite toda de ônibus para chegar no outro dia cedo, já que a primeira etapa do concurso aconteceria as 13 horas.

Ao chegarmos e descobrimos que estava acontecendo a virada cultural, assistimos ao final do Show de uma banda de Rock (acredito que era o Ira) e depois ainda fomos assistir ao concerto de uma Orquestra Sinfônica antes de almoçar e ir para a prova. A prova escrita acabou aproximadamente as 17h30 e como nosso ônibus só sairia as 23h30, ainda aproveitamos vários outros shows de MPB e um tributo ao ABBA, ao qual me marcou.



The screenshot shows a web page from the official website of the São Paulo City Hall. The URL is prefeitura.sp.gov.br/web/comunicacao/w/noticias/115404. The page features a banner with the text "Diversão e esportes para toda a família. Paulistar é tudo de bom." and the São Paulo City Hall logo. On the left, there is a sidebar with links to "Acesso à Informação", "Participação Social", "Campanhas", "Publicações", "Videos", "Manual de Procedimentos de Seleção Interna", "Diário Oficial", "Portal de Atendimento SP156", "Ouvidoria", "Controladoria", "Notícias", and "Serviços". The main content area displays a news item titled "Confira as atrações da Virada Cultural 2010". The text describes the 6th edition of the Cultural Turnaround, mentioning performances at various locations like Praça Julio Prestes, Praça da República, and Avenida São João, and highlights a Cuban band performance. Below the text, there is a note about the same band performing at Praça Duque de Caxias. At the bottom of the news item, there is a link to the full program: "Chamada para a virada cultural de 2010 – fonte Prefeitura Municipal de São Paulo. Disponível em: <https://prefeitura.sp.gov.br/web/comunicacao/w/noticias/115404>".

Fomos embora da prova e ficamos acompanhando o resultado pelo site. Este concurso tinha apenas uma vaga, que era destinada ao Campus de Sertãozinho (SP), uma cidade do interior de São Paulo, próxima a Ribeirão Preto. Esta vaga em específico teve mais de 120 candidatos e passavam para a próxima fase apenas os cinco melhores classificados, para realização da prova didática e análise dos títulos.

No mês seguinte, fui realizar a prova didática e acabei ficando em 2º lugar. Como o candidato que passou em 1º acabou assumindo a vaga em outro concurso, fui convocado e tomei posse no dia 29 de setembro de 2010.

Mais uma vez encerrei os ciclos de emprego em Uberlândia e me mudei para Sertãozinho (SP) onde comecei minha carreira de docente na Rede Federal de Ensino. Foi talvez o início de um dos ciclos mais felizes de minha vida, pois estava iniciando a carreira que sempre sonhei em estar, casei com minha então namorada e atual esposa Milane, conquistamos juntos nossa independência financeira e iniciamos um ciclo novo, conhecendo muitas pessoas novas, vivendo várias mudanças de paradigmas e nos fortalecendo enquanto casal que viria formar uma família linda.

A chegada no IFSP teve vários impactos na minha vida, pois apesar de almejar muito eu ainda nunca havia trabalhado com Educação Física Escolar, nem mesmo com Ensino Médio e menos ainda com ensino técnico. No IFSP, assim como em todos os IFs tinha a junção dos 3 fatores. Por sorte, tive uma adaptação e recepção excelente, tanto dos alunos quanto dos servidores.

Eu acredito que os Institutos Federais de maneira geral, foi a maior e melhor política pública de Educação que aconteceu no século XXI no Brasil. Os Institutos são interiorizados, ou seja, chega em vários locais de difícil acesso, levando um ensino de altíssima qualidade (para se ter ideia, a nota do PISA dos alunos dos IFs são comparáveis aos dos alunos da Coréia do Sul) além de ensino técnico, superior, licenciaturas e extensão e pesquisa prática de muita qualidade.

Passo a partir de agora a relatar um pouco sobre a minha trajetória no IFSP, campus Sertãozinho.

5.2 Ensino

O ensino nos IFs é dividido por lei em 3 grandes recortes: o Ensino Técnico (no qual deve ser destinado 50% de todas as vagas para preferencialmente o Ensino Técnico Integrado ao Ensino Médio), o Ensino Superior na área de Tecnologia e Pós-Graduação (30% das vagas) e as licenciaturas que o país esteja em deficiência na formação (20% das vagas).

5.2.1 – Ensino Médio

Então inicialmente eu fiquei alocado nas disciplinas de Educação Física para o Ensino Médio. Ministrava aula em 3 cursos: Ensino Médio Integrado ao Técnico em Química, em Automação e o EJA Integrado ao Técnico em Mecânica.

As aulas aconteciam em uma espécie de Poli-Esportivo da prefeitura Municipal de Sertãozinho, que ficava ao lado do campus do IFSP – Sertãozinho, já que o campus ainda não possuía áreas esportivas. Quando necessário, para alguma aula que não exigia as quadras, utilizávamos também as estruturas do campus como anfiteatro, pátio e salas de aula.

Os cursos de ensino médio integrado ao técnico, tinham a duração de 4 anos e aconteciam no período vespertino. Porém, as aulas de Educação Física aconteciam no período matutino. As aulas eram obrigatórias, mas antes de chegar existia uma cultura escolar de dispensar os alunos por motivos não previstos na legislação como atestados médicos, dentre outros. Assim, a prioridade número 1 no primeiro ano era fazer a mudança da cultura escolar, ou seja, fazer os alunos frequentarem as aulas. Então, logo no primeiro ano fiz conversas com a secretaria e pedi que todo pedido de dispensa das aulas de Educação Física fosse analisado por mim, assim ao final do primeiro já havia conseguido mudar esta cultura e fazer com que todos os alunos estivessem presentes.

Houve uma mudança com relação à frequência nas aulas. Muitos alunos não iam no horário da aula da turma e iam “repor” a aula no horário de outras turmas. Fato que também precisou ser adequado ao longo do meu primeiro ano de trabalho. Assim, após a adequação para que pelo menos o mínimo fosse cumprido, passei a dedicar mais às questões pedagógicas das aulas em si. Acho que é importante citar aqui o que é o conhecimento na Educação Física.

Basicamente a área da Educação Física passou por uma revolução teórica muito grande no final de 1980 e início de 1990. Essa revolução teórica veio acompanhada de teorias críticas como as adotadas por grandes educadores como Paulo Freire e Dermeval Saviani. A Educação Física teve seus próprios Paulo Freires e Savianis, o que desconstruiu a visão simplista, tecnicista e militarizada que havia até então, trazendo uma série de questões metodológicas críticas a partir do movimento humano.

A partir de então, pelo menos teoricamente, a Educação Física passou a ser

Foto entrada
IFSP Campus
Sertãozinho.
Fonte: IFSP
Divulgação



Bloco 3 do IFSP
campus Sertãozinho.
Fonte: <https://srt.ifsp.edu.br/publicacoes/1016-campus-sertaozinho-do-ifsp-celebra-confraternizacao-de-fim-de-ano-em-reuniao-geral>



uma disciplina humanizada e crítica para o ensino do movimento humano na escola, baseada então em 5 eixos principais: os Esportes, as Danças, as Ginásticas, os Jogos e Brincadeiras e as Lutas. Acontece que, na prática os professores de Educação Física escolar em sua imensa maioria não conseguiram implementar este ensino crítico e ampliado da Educação Física. Ainda existem muitos “rola bola”, que é professor que simplesmente não faz nenhuma mediação pedagógica e, quando existe um “bom” professor ele se dedica ao ensino dos esportes. Mais especificamente do quarteto fantástico: vôlei, futsal, basquete, handebol.

Então, a prática imposta é a seguinte: a maioria dos alunos, infelizmente chejava ao ensino médio sem uma cultura sobre as aulas de Educação Física, muitos faziam o que queriam nas escolas antigas ou ao menos tinham somente aulas de esporte. Esta também foi uma cultura que precisou ser alterada, pois a ideia era que trabalhássemos ao menos um conteúdo de cada eixo.

Os alunos que entraram no 1º do Ensino Médio já com esta nova versão da Educação Física se adaptaram logo nos primeiros meses. Porém, os alunos que estavam do 2º ano em diante se adaptaram com mais dificuldade pois estavam acostumados à uma educação física com menos exigências.

Após este primeiro ano de várias adaptações (2011), já no ano seguinte (2012) as turmas estavam completamente adaptadas ao novo estilo de aula: que era um pouco mais crítico que os professores anteriores e apresentava uma gama diferente de conteúdos a serem trabalhados.

Este Poli-esportivo em que as aulas aconteciam era bem completo: ele possuía uma quadra coberta com arquibancada, uma quadra descoberta, uma piscina de 25m, um campo de futebol, um quiosque e um estacionamento que dava para trabalhar com atletismo.

Assim, trabalhava com o conteúdo de esportes para além dos coletivos tradicionalmente ensinados, com Atletismo, Peteca, Badminton, Ultimate Fresbee e Natação. Além dos conteúdos de Dança (Hip-Hop, danças contemporâneas), Jogos e Brincadeiras populares e Lutas (esgrima e Huka-Huka).

As aulas no IFSP tinham duração de 45 minutos e trabalhávamos com aulas germinadas. Assim, de maneira geral, cada turma tinha 2 aulas de 45 minutos por semana. Minha carga horária variava entre 12h/aula e 18h/aula por semana e geral-



Entrada do centro de lazer do trabalhador Silvério Selli. Reprodução: Google Maps

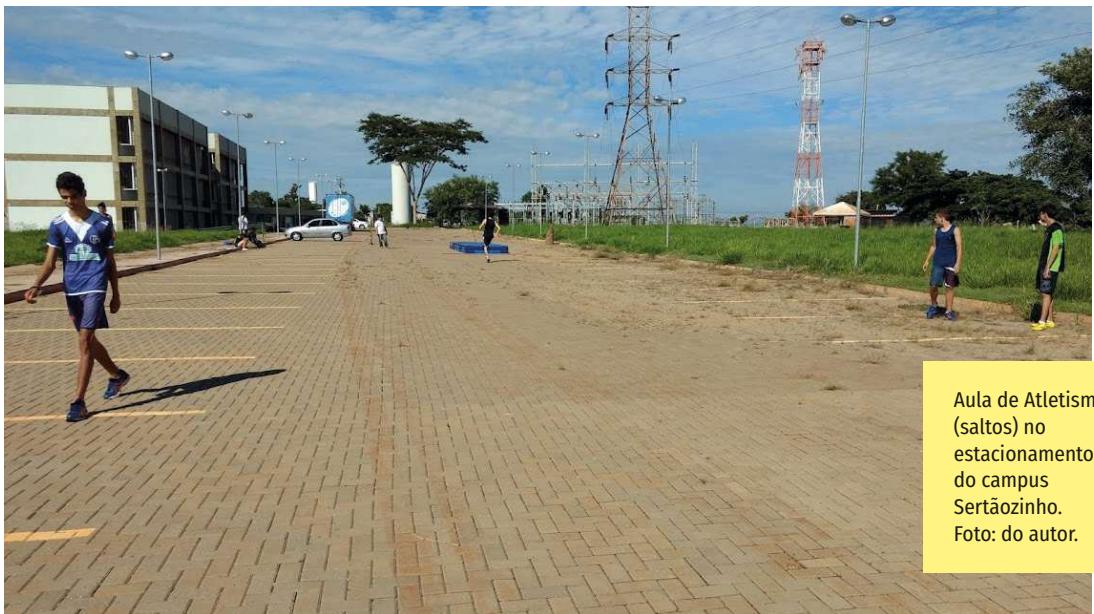


Aulas de Badminton no Silvério Selli.
Foto: do autor.

Aula de Dança (Hip-Hop) na EcoSala do Campus Sertãozinho. Foto: do autor.



Aula de Atletismo (saltos) no estacionamento do campus Sertãozinho. Foto: do autor.





Aula (visita técnica) em uma academia de Jiu-Jitsu da cidade em 2011. Foto: do autor.



Aula de Lutas (Huka-Huka) no anfiteatro do campus Sertãozinho. Foto: do autor.

mente eu ficava com as turmas do técnico integrado em química e automação, sendo as outras aulas distribuídas ao outro professor.

As turmas no IFSP tinham 40 alunos, porém no primeiro ano do ensino médio como havia muitas reprovações essas turmas eram dívidas em duas, sendo cada uma com aproximadamente 25 alunos. Apesar da quantidade relativamente alta de alunos, as aulas eram muito proveitosa. Conseguia trabalhar de maneira satisfatória sem muitas intercorrências.

Algumas aulas também aconteciam em outros locais da cidade tais como praças e parques municipais ou alguma academia de modalidade específica.

No IFSP, a disciplina de Educação Física também possuía notas e avaliação era feita por alguns instrumentos avaliativos tais como: avaliação continuada, participação e presença, trabalhos variados tais como (apresentação de seminários, provas com consulta, gravação de vídeos com conceitos trabalhados, dentre outros).

Na tabela 3 descrevo de maneira resumida a quantidade de aulas e turmas trabalhadas ao longo dos anos.

Tabela 3: Aulas ministradas no Ensino Médio (2010 a 2017)

		Aulas Ensino Médio							
		Técnico em Química		Técnico em Automação		Técnico em Mecânica		Total aulas semanais	Total aulas anuais
		nº turmas	aulas semanais	nº turmas	aulas semanais	nº turmas	aulas semanais		
ANO	2010	2	4	2	4	3	9	17	136
	2011	4	8	3	6	0	0	14	560
	2012	4	8	3	6	0	0	14	560
	2013	4	8	3	6	0	0	14	560
	2014	4	8	3	6	0	0	14	560
	2015***	***	***	***	***	***	***	***	***
	2016	2	4	2	4	3	9	17	680
	2017	2	4	2	4	0	0	8	320

*** → afastamento para o doutorado (janeiro de 2015 à junho de 2016)

Ainda falando do ensino no IFSP, existia um programa de monitoria próprio do Campus em que algumas disciplinas experimentais selecionavam alunos para atuarem como monitores. Os alunos auxiliavam em algumas demandas das disciplinas e recebiam uma bolsa para isso.

Assim que cheguei no campus, foi publicado um edital das disciplinas interessadas em participar desta seleção e inscrevi a Educação Física neste edital, tendo a oportunidade de ter a monitoria. Então, no início dos anos letivos, nós fazíamos uma seleção de algum aluno do Ensino Médio para a monitoria de Educação Física. Esta seleção era feita por meio de uma prova escrita e entrevista com os alunos, levando em consideração os conhecimentos dos alunos sobre aspectos técnicos dos temas da Educação Física, mas também aspectos sociais como vulnerabilidade social e outros fatores que podiam impactar positivamente na vida dos alunos.

Atenção Alunos Ensino Médio Integrado

Vagas para Monitoria em Educação Física e Xadrez

Requisitos para candidatar-se: Estar matriculado no 2º, 3º e 4º Anos dos Cursos Médio Integrado em Química ou Automação.

Como se candidatar?

Enviar para o e-mail: brunaoeduca@yahoo.com.br a vaga de interesse (Educação Física ou Xadrez, Nome Completo, CPF, turma e prontuário de matrícula) até o dia 15/05/2012 até impreterivelmente as 18h

Seleção:

Educação Física: A seleção será feita através de uma prova teórica sobre os conhecimentos gerais dos esportes a ser realizada no dia 16/05/2012 às 9:00h, na sala 28.

Xadrez: A seleção será feita através de uma entrevista agendada com os candidatos selecionados no dia 16/05/2012 às 11h no IFSP.

Valor da Bolsa: R\$ 330,00

Prof. Bruno Gonzaga Teodoro

Folder de divulgação das monitorias de Educação Física e Xadrez no ano de 2012

Os alunos-monitores tinham o dever de estar no local de aula, organizar o material e ajudar na organização da aula, assim como fazer uma mediação com os pares para aqueles alunos que tinham mais dificuldades. Ao longo dos anos, lembro-me que os alunos que faziam parte da monitoria em Educação Física se sentiam mais pertencentes ao campus, assim como motivados para seguir com os estudos. Acredito que foi de uma contribuição enorme para a formação dos alunos assim como foi para mim. Alguns dos alunos cursaram o curso de Educação Física em razão de terem sido monitores da disciplina durante o ensino médio. A maioria dos alunos da monitoria não moravam em Sertãozinho e sim nas cidades menores do entorno tais como Barrinha, Pontal, Cândia e Cruz das Posses.

Orientei em alguns anos uma monitoria de Xadrez também. Em que o aluno-monitor ficava disponível no contra-turno escolar para ensinar Xadrez para seus pares ou até mesmo para servidores.

Ao orientar a monitoria, sempre aprendi muito com todos os/as alunos/as que tive a oportunidade de conviver.

No Instituto tinha ainda algumas atividades desenvolvidas na semana de integração que no geral tinham gincanas e oficinas variadas. Minha participação geralmente era com oficinas com ensino de dança. Foi um momento que de alguma forma, a dança voltou a se fazer presente na minha vida novamente.

A vivência do processo de ensino-aprendizagem no Ensino Médio no IFSP mudou totalmente minha percepção sobre educação e como de fato uma boa escola pode transformar socialmente a vida dos alunos. A gente via isso na prática. Recebíamos muitos alunos de classe baixa, as vezes de uma cidadezinha do entorno que tinha 5 mil habitantes e víamos todo crescimento e potência destes alunos. Muitos saíam do IFSP direto para as melhores Universidades do Brasil. Muitos iam cursar USP, Unicamp e várias Universidades Federais.

Ver esta transformação social e ser parte dela, me fazia ter muito orgulho de pertencer ao IFSP e ver que no Brasil, existe solução para a Educação, basta investir na qualidade da escola e dos professores para que o retorno venha.



Foto com a última monitora de Educação Física que orientei Mayara Oliveira e outros alunos do curso técnico em automação industrial, durante as aulas de Badminton no Silvério Selli. Foto: do autor.

Oficina de Dança (Pagode Baiano) na semana de integração no ano de 2012.
Foto: do autor



5.2.2 Licenciatura

Ao final do meu tempo no IFSP, nos anos de 2016 e 2017 atuei também uma licenciatura do campus chamada Formação Docente para Educação Básica. Este é um curso de complementação pedagógica que foi criado para que os próprios docentes do IFSP que atuam na área técnica (muitos não existem cursos de licenciatura) pudessem ter a habilitação necessária para atuarem no Ensino Médio.

Considerando o fato de o curso ser numa instituição pública, também recebíamos vários outros discentes de outras áreas. Este é um curso de curta duração (2 anos, se não me engano) onde o aluno teria o básico das disciplinas da licenciatura tais como Filosofia da Educação, Didática, Fundamentos da Educação, Legislação Educacional, Currículo e estágio supervisionado. Atuei na disciplina de estágio onde ficava responsável por aqueles alunos que vinham da área das linguagens (Educação Física, Artes, Português etc.).

Esse período foi de curta atuação, porém bastante proveitoso pois tinha contato com colegas que atuavam no curso os quais admiro muito e podíamos contribuir um pouco na formação deste pessoal que muitas vezes tinham uma visão estritamente técnica sobre educação.

5.2.3 Mestrado

No meu último ano no IFSP, foi criado um curso de mestrado profissional em rede em Educação Tecnológica (ProfEPT). Este é um daqueles cursos que acontecem em todo Brasil com vários polos. O Campus Sertãozinho se tornou o único polo deste mestrado no estado de São Paulo. E foi feita uma seleção para os professores que poderiam atuar e acabei me tornando um dos professores orientadores do mestrado.

Fizemos vários treinamentos e capacitações. Participei da elaboração das disciplinas e provas para seleção. Participei também da correção das provas. E fui responsável pela disciplina de Seminários de Pesquisa e Metodologia da Pesquisa. Mesmo que um período curto, foi de grande aprendizado pois o Mestrado Profissional tem uma ordem de pensamento acadêmico diferente, onde os processos de ensino aprendizagem materializados nos produtos educacionais tem relevância igual ou maior do que os artigos ou livros acadêmicos.

Grupo de Professores orientadores do Mestrado ProfEPT em treinamento no IFSP Campus São Paulo em 2017. Foto: do autor



Reunião com grupo de Estudos do Mestrado ProfEPT. Foto: do autor..



Considero uma passagem muito proveitosa e rápida, pois no fim de 2017 consegui a transferência para ESEBA e me descredenciei do programa.

5.3 Extensão

Através da minha formação inicial em Educação Física e todas as experiências contadas aqui, acredito que um fiz curso que era muito extensionista. A Faculdade de Educação Física à época tinha vários projetos de extensão que eram muito grandes e que traziam de fato a comunidade para dentro da Universidade.

Citei alguns nos capítulos anteriores, mas gostaria de detalhar um pouco mais aqui. Tínhamos o AFRID (Atividades Físicas e Recreativas para 3^a Idade), que era um projeto que chegou a atender mais de 1000 idosos, trazendo-os para dentro do campus ou levando os Universitários para fora como por exemplos em casas de repouso que atendem idosos mais debilitados. Tive a oportunidade de fazer uma pesquisa de iniciação científica com as idosas desse projeto, o que me fez perceber como é importante a Universidade se integrar com a comunidade.

Além disso, posso citar o PAPD (Programa de Atividades Físicas para Pessoas com Deficiência), que existe até hoje e atende centenas de pessoas com deficiência da comunidade. Essas pessoas são atendidas dentro da própria disciplina que trabalha com este tema (Esporte e Deficiência ou algo similar). Nós enquanto fazíamos a disciplina, acompanhávamos um grupo de pessoas com uma deficiência específica. Isto é muito genial, porque integra visceralmente o ensino, a pesquisa e a extensão. Porque faz parte da disciplina a participação da comunidade e o projeto em si também possui várias pesquisas em andamento.

Além desses dois projetos, existiam outros menores. A maioria integrava os estágios menores que comentei anteriormente e articulavam a ida da comunidade na Universidade no nosso período de estágio obrigatório. Todas essas vivências me fizeram enquanto ser entender o quanto a extensão é importante pois só uma integração de fato com a comunidade pode fazer uma profunda transformação científica e cultural na nossa sociedade.

Assim, quando comecei a carreira no IFSP tinha isso em mente: como poder

através da minha área e conhecimentos gerais fazer extensão para que a comunidade pudesse te fato estar dentro do campus?

De fato, fui desenvolvendo atividades de extensão que envolvessem a comunidade com a organização de eventos esportivos e projetos que traziam uma sensação de pertencimento ao campus tanto da comunidade interna quanto externa. Vou citar os três principais projetos que desenvolvi ao longo dos 7 anos no IFSP: a Copa IFSP de Futsal, o Projeto Karatê no Campus e o Dança IFSP.

Copa IFSP de Futsal: era um torneio de futsal realizado geralmente no segundo semestre letivo. Um torneio que acontecia aos finais de semana e tinha duração aproximada de 10 a 12 semanas, com a participação de times de todos os níveis de ensino do IFSP (Ensino Médio, superior, técnicos, etc) e contava também com a participação de professores, técnicos-administrativos, pais de alunos, ex-alunos, enfim toda a comunidade ao redor do IFSP. Realizei o torneio de 2011 a 2017, com exceção do ano de 2015 que estava afastado para o Doutorado. Tinha a participação direta de aproximadamente 150 pessoas (atletas e treinadores) e indireta de 300 pessoas (árbitros, torcida, etc) por edição. E, tornou-se um evento sempre esperado e cobrado pela comunidade. Assim que começava o ano, alunos, professores e comunidade sempre cobravam sobre o projeto. Abaixo alguns registros deste projeto.



Cartaz de Divulgação da COPA IFSP 2011. Foto: do autor.

RESULTADOS

IX COPA IFSP DE FUTSAL 2014.

Jogos realizados no dia 18,10,14

DATA	LOCAL	HORÁRIO	EQUIPE	X	EQUIPE	JOGO	MINUTOS
18/10/2014	Docão	17:00	ENGMEC	X	BATOMUCHE	24	24
19/10/2014	Docão	18:00	EL NACIONAL	X	NEW CASTLE	25	19
20/10/2014	Docão	18:00	GALATASARAY	X	DEPORTIVO	26	19

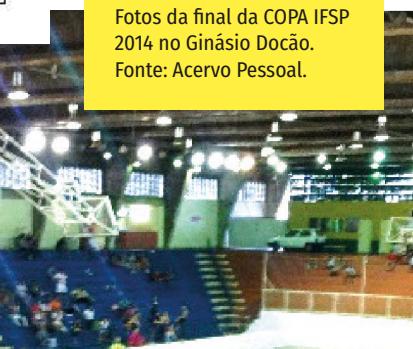
Próxima Rodada

DATA	LOCAL	HORÁRIO	EQUIPE	X	EQUIPE	JOGO
25/10/2014	Docão	17:00		X		27
25/10/2014	Docão	17:00	PORTO FC			
25/10/2014	Docão	18:00	EL NACIONAL	X	BATOMUCHE	27
25/10/2014	Docão	18:00	DEPORTIVO	X		28
25/10/2014	Docão	18:00	NEW CASTLE	X	GALATASARAY	29
25/10/2014	Docão	17:00		X		

DESTAQUES DA RODADA

ATLETA	EQUIPE
JOÁ GABRIEL B. BATISTA	NEW CASTLE
FERNANDO HENRIQUE MEIRELES	ENGMEC
MANOEL GOMES JUNIOR	BATOMUCHE
RENAN B. BUGLIANI	EL NACIONAL
VITOR BORGES DA SILVA	GALATASARAY
BRUNO MAGALHÃES	DEPORTIVO

Visite www.ligafutsal.com.br acompanhe os resultados
www.futsalz.com.br



Fotos da final da COPA IFSP
2014 no Ginásio Docão.
Fonte: Acervo Pessoal.



IX COPA IFSP DE FUTSAL 2014

Finais

DATA	LOCAL	HORÁRIO	EQUIPE	X	EQUIPE	JOGO
06/12/14	Docão	16:00	NewCastle	X	BATOMUCHE	24
06/12/14	Docão	16:30	Juve 176	X	EngMec	25

Cartaz de divulgação da Final da COPA IFSP 2014

Boletim de resultados
divulgados na COPA IFSP de
2014. Foto: do autor.

Projeto Karatê no Campus: no IFSP era estimulado o protagonismo Juvenil através das bolsas de monitoria, extensão e iniciação científica. Um aluno meu do ensino médio, que era atleta de Karatê, queria oferecer aulas para a comunidade. Assim, escrevemos o projeto e coordenei o projeto em que ele dava aula para pessoas da comunidade que tinham interesse nesta prática. Este projeto aconteceu em 2016 e 2017. Era oferecido aulas de Karatê para um público em geral a partir de 14 anos de idade. As aulas aconteciam duas vezes por semana no próprio Campus do IFSP. Abaixo, uma foto do Gabriel Prezoto ministrando aula de Karatê no projeto.



Aulas no Projeto de Extensão Karatê – 2017.
Fonte: Acervo Pessoal

Dança IFSP: considero o meu principal projeto de extensão no IFSP que era o Dança IFSP, pois a dança que andava sumida da minha vida, voltou a fazer parte tanto nos conteúdos durante as aulas de Educação Física; quanto em algumas oficinas que ministrava durante os eventos de integração no início do semestre letivo e com o projeto como oportunidade de dar aula semanalmente das modalidades que

gostava. Inicialmente, o projeto aconteceu somente com as minhas aulas que nomeei de dança fitness, onde trabalhamos os ritmos de Axé, Pagode Baiano, Funk e alguns outros ritmos nordestinos. Depois ampliamos o projeto conseguindo oferecer outras modalidades tais como Dança do Vento e Dança Contemporânea. A ideia era “quebrar” o muro do IFSP que através da dança.



Aula de Dança do Vento no
Projeto Dança IFSP. Ano 2017.
Foto: Milane Natália.

Apesar de Sertãozinho ser uma cidade relativamente pequena (100mil habitantes), a maioria das pessoas da cidade não o conheciam ou achavam que era um local que elas não podiam frequentar. Assim como acontece com a Universidade, a população em geral tem receio de frequentar ou não a entende como um patrimônio público que pertence a todo povo brasileiro.



Aula de Dança Fitness
durante o projeto Dança IFSP
em 2017. Foto: do autor

Então, na minha opinião a extensão universitária tem este papel de integrar de fato a Universidade à comunidade e a comunidade à Universidade. Esta era a ideia do projeto e podendo utilizar da Dança, minha paixão, para poder tentar atingir o objetivo. O projeto, teve uma procura grande pela comunidade tendo um total 263 inscrições e a maioria dos inscritos sendo da comunidade externa do IFSP.

Qual é a sua relação com o IFSP?

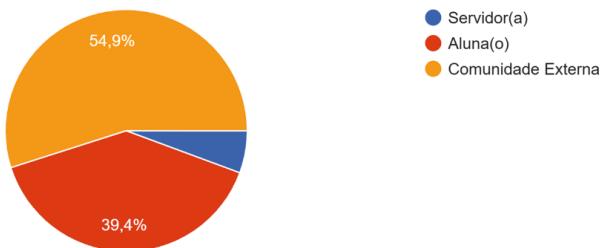


Gráfico 1: Inscrições no Projeto Dança IFSP em 2017. Projeto conseguiu integrar comunidade externa, servidores e alunos do IFSP. Fonte: do autor via Google Formulários.

As aulas aconteciam semanalmente. Para algumas modalidades aconteciam duas vezes na semana, enquanto outras apenas uma vez na semana. O projeto conseguiu integrar professores de diferentes áreas do conhecimento tais como Educação Física, Artes e Física. As aulas aconteciam no anfiteatro do campus e na sua última edição (2017) o projeto teve o apoio da Pró-reitora de Extensão do IFSP, com uma bolsa de extensão por 8 meses e uma verba para materiais de consumo. Este fato foi muito importante pois a Bolsista selecionada (Ana Mariano) conseguia fazer toda organização das salas para que o projeto acontecesse, além de organizar o som as músicas, as inscrições via formulário online, o controle da chamada e, no fim a organização de um festival de dança.

Recebemos alunos de idade variada (de 14 a 60 anos) e com diferentes níveis de prática/conhecimento de dança. Ainda assim, todos os professores do projeto conseguiram atingir o maior o objetivo do projeto, que era a sensação de bem-estar e vínculo com IFSP através de uma atividade prazerosa.

Qual é o seu nível de conhecimento em Dança?

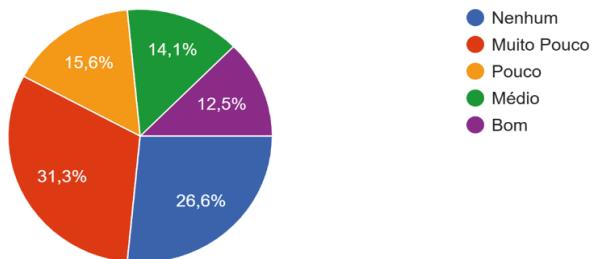


Gráfico 2: Nível do conhecimento de dança dos participantes ao entrarem no projeto Dança IFSP. Fonte: do autor via Google Formulários.

Durante a execução do projeto, algumas modalidades foram convidadas a participar de abertura de eventos da escola, participar de outros festivais de dança em Sertãozinho e Ribeirão Preto-SP.



Apresentação do Grupo de Dança do Ventre do Projeto Dança IFSP em um espetáculo da cia de Dança Alini India no Teatro Municipal de Ribeirão Preto em 11 de novembro 2017. Foto: Milane Natália

Studio de dança Zancanella
apresenta o espetáculo:
"NOSSOS SONHOS"

Participação especial:
Projeto de Extensão Dança IFSP
do Instituto Federal de São Paulo
Campus Sertãozinho

A collage of several photographs showing women in blue and gold belly dance costumes performing. Some are standing in a line, others are in a group, and some are in a more dynamic pose.

Apresentação do Grupo de Dança Contemporânea do Projeto Dança IFSP 3º Congresso de Extensão e Mostra de Cultura do IFSP em 2016. Foto: do autor

Folder de Divulgação da participação do grupo de dança de ventre do projeto em um festival de Dança do Studio Zancanella no Teatro Minaz em Ribeirão Preto em 02 de dezembro de 2017.

A finalização da última edição do projeto Dança IFSP em 2017 contou com um espetáculo de Dança que teve como tema: “Dançando pelo Brasil” onde trabalhamos com os temas: Música Erudita Brasileira, Frevo, Axé, Funk Carioca, MPB, Baião e aconteceu no teatro municipal de Sertãozinho.



Folder de Divulgação do Espetáculo de Dança do Projeto que ocorreu em 28 de novembro de 2017 no Teatro Municipal de Sertãozinho. Foto: do autor..

Além dos grupos do projeto, ainda contamos com a participação de alguns grupos convidados.

Confluentemente, participava de eventos para ministrar palestras sobre atividade física e saúde ou algum tema que eu estudava no mestrado ou doutorado. As palestras as vezes aconteciam em outras escolas públicas ou mesmo em outros eventos dentro do IFSP com a participação da comunidade externa.

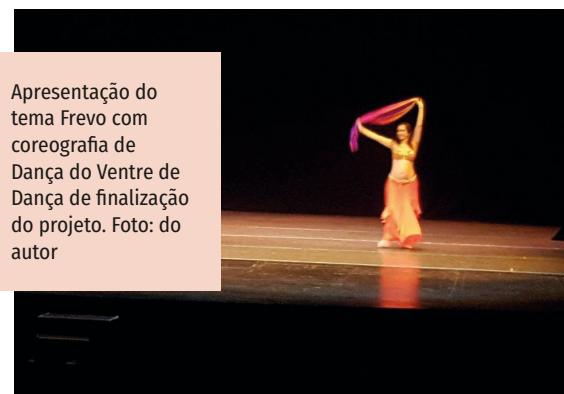
A organização de alguns eventos esportivos pontuais estiveram presentes, como campeonato de Xadrez em parceria com professor Reinaldo Dante (da área de



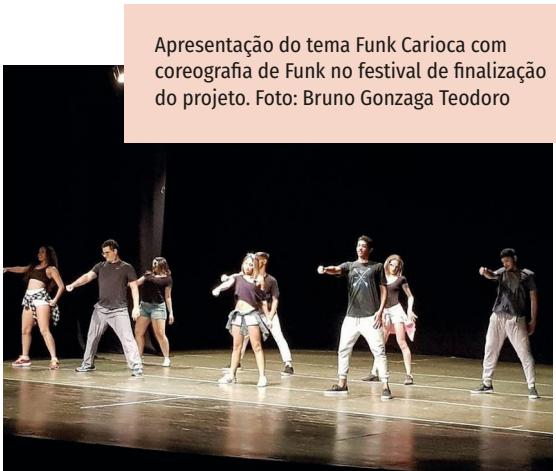
Apresentação do tema música erudita (Villa Lobos) com coreografia de Dança Contemporânea no Espetáculo de Dança de finalização do projeto. Foto: do autor



Apresentação do tema Axé com coreografia de Pagode Baiano no Espetáculo de Dança de finalização do projeto. Foto: do autor



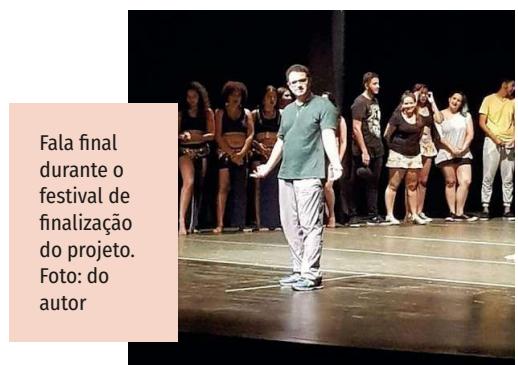
Apresentação do tema Frevo com coreografia de Dança do Vento de Dança de finalização do projeto. Foto: do autor



Apresentação do tema Funk Carioca com coreografia de Funk no festival de finalização do projeto. Foto: Bruno Gonzaga Teodoro



Apresentação do tema Samba com coreografia de Dança do Vento no festival de finalização do projeto. Foto: do autor



Fala final durante o festival de finalização do projeto. Foto: do autor



Palestra ministrada na Escola Estadual Winstrn Chirchil (Chuchu) em Sertãozinho SP sobre o tema atividade física e saúde. Foto: do autor



Campeonato de Xadrez em 2016.
Foto: do autor



Viagem ao JIF's Nacional que aconteceu em Guarapari-ES em setembro de 2016. O Campus Sertãozinho levou atletas de Atletismo e Vôlei de Areia.

matemática/automação) e um campeonato de e-sports como foi a Copa IFSP de LOL e viagens de competição com os JIFs (Jogos dos Institutos Federais).

Ainda sobre extensão, todos os projetos de extensão do IFSP apresentavam os resultados no congresso de extensão anual que o IFSP realizava. Acredito que todos os projetos foram transformadores tanto para os participantes quanto pra mim. Essa troca de aprendizagens entre Universidade/Instituto e comunidade é muito frutificante e acredito que a extensão precisaria da mesma magnitude financeira que a pesquisa tem dentro da Universidade para assim ganhar a importância que merece.

5.4 Pesquisa

Essa opção de escrever separado aqui os temas Ensino, Pesquisa e Extensão parece separar algo que de fato não deveria ser/estar separado. uma vez que tudo acontece ao mesmo tempo. Enquanto você trabalha com ensino; faz extensão e pesquisa, muitas vezes os projetos de pesquisa e extensão reverberam no ensino, assim como o processo de convivência com os alunos e ensino-aprendizagem influenciam diretamente minha prática enquanto pesquisador.

É potente pensar aqui o quanto a pesquisa pode nos dar a autonomia tecnológica e financeira enquanto nação, mas ao mesmo tempo esse avanço não pode estar restrito a um pequeno grupo de pesquisadores e precisa da extensão e do ensino, especialmente na educação básica, para que todo o avanço seja socializado e consequentemente democratizado, levando a melhoria de nossa sociedade como um todo.

Este capítulo sobre pesquisa abre um parêntese muito grande, pois a partir de 2012 entrei no Doutorado em Bioquímica na USP de Ribeirão Preto. Então, eu dividia as atividades de ensino, extensão e pesquisa no IFSP com o doutorado na USP. Existia um fluxo muito grande, tanto do ponto de vista do ensino, pois eu podia dar conceitos práticos do que estava pesquisando para os meus alunos e também podia levar meus alunos para USP, já que era muito perto (cerca de 12km).

Então aqui, descreverei as pesquisas que realizei no IFSP e na USP durante todo este período. Começando quando cheguei e entendi as possibilidades de pesquisa juntamente com alunos no IFSP. Lá existia um edital anual de iniciação científica

e como eu trabalhava com os alunos do ensino médio, ficava interessado na modalidade Iniciação Científica Junior, que dava bolsas pelo CNPq de para alunos desenvolverem suas pesquisas sob orientação de um professor.

Assim, logo em 2010 já escrevi um projeto para concorrer para as bolsas de iniciação científica Júnior com o projeto “Controle da Aptidão Física Relacionada à Saúde e Avaliação Física-funcional dos Servidores e Alunos do IFSP – Campus Sertãozinho” ao qual orientei o aluno do curso técnico em química Paulo Henrique Vieira dos Santos. O projeto buscava fazer uma avaliação física e funcional dos estudantes e servidores do campus analisando fatores como flexibilidade, força máxima, capacidade aeróbica dentre outros. É válido ressaltar que os resultados do trabalho foram enviados para o “34º Simpósio Internacional de Ciências do Esporte: Especulações e Evidências em Atividade Física e no Esporte” onde recebeu aprovação para apresentação pela comissão científica do evento, que aconteceu de 06 a 08 de outubro de 2011. Acho que mais importante do que o mérito da pesquisa em si é justamente a formação destes estudantes, que já conseguem desenvolver uma pesquisa científica no ensino médio. Muitos deles, o próprio Paulo Henrique, entraram em contato anos depois dizendo da importância de terem vivido aquele processo no ensino médio e, que o fato de terem feito isso os ajudaram muito na graduação e até mesmo no mestrado, anos depois.

Como não tínhamos muita estrutura de laboratórios específicos para fazer as pesquisas na área de educação física, fisiologia e metabolismo, os trabalhos eram de maneira geral mais simples e voltados para a avaliação populacional. Mesmo assim, percebo que isso fazia e faz muita diferença pra um jovem ter uma visão mais crítica de mundo pois fato de ser protagonista em um projeto de pesquisa, ensino ou extensão, faz com ele tenha mais autonomia no discernimento do tipo de conhecimento que é disseminado. Fato muito importante atualmente.

Pensando nisso, que orientei mais de uma dezena de alunos do Ensino Médio entre editais de iniciação científica, extensão e monitoria os quais seguem na tabela a seguir.

Tabela 4: Orientações realizadas com alunos do Ensino Médio durante minha carreira no IFSP (2010 à 2017).

	Tipo de Orientação	Ano da Orientação	Título do Projeto	Aluno(a) Orientado(a)
1	Iniciação Científica Júnior	2011	CONTROLE DA APTIDÃO FÍSICA RELACIONADA À SAÚDE E AVALIAÇÃO FÍSICA-FUNCIONAL DOS SERVIDORES E ALUNOS DO IFSP CAMPUS SERTÃOZINHO	Paulo Henrique Vieira dos Santos
2	Monitoria	2011	Monitoria em Educação Física	Junio Nicomedes
3	Iniciação Científica Júnior	2012	DETERMINAÇÃO E PREVALÊNCIA DO ÍNDICE DE ADIPOSIDADE CENTRAL (IAC) DOS SERVIDORES DO IFSP CAMPUS SERTÃOZINHO	Paulo Henrique Vieira dos Santos
4	Iniciação Científica Júnior	2012	IDENTIFICAÇÃO DO RISCO CARDIOVASCULAR DOS SERVIDORES DO IFSP CAMPUS SERTÃOZINHO	Taís de Souza Martins
5	Monitoria	2012	Monitoria em Educação Física	Arthur Molina
6	Monitoria	2012	Monitoria em Xadrez	Douglas Xavier
7	Monitoria	2013	Monitoria em Educação Física	Arthur Molina
8	Iniciação Científica Júnior	2014	AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE ATIVIDADE FÍSICA POR PEDÔMETRO DOS SERVIDORES DOCENTES DO IFSP CAMPUS SERTÃZINHO	Taís de Souza Martins
9	Iniciação Científica Júnior	2014	AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE ATIVIDADE FÍSICA POR PEDÔMETRO DOS SERVIDORES TÉCNICO-ADMINISTRATIVOS DO IFSP CAMPUS SERTÃZINHO	Jullye Kethaly Martins
10	Iniciação Científica Júnior	2017	Estudo da Expressão Gênica das diferentes Acil CoA Sintetases em músculo esquelético de ratos submetidos a diferentes estados metabólicos.	Joao Vitor Lopes
11	Monitoria	2017	Monitoria em Educação Física	Mayara Gabriela dos Santos Oliveira
12	Extensão	2017	Projeto de Extensão Dança IFSP	Ana Carolina Mariano

Acredito que todas as orientações foram de extrema importância tanto para mim quanto para os alunos. E destaco a última orientação de iniciação científica na qual fizemos em parceria com o mesmo laboratório da USP em que fiz meu doutorado. Então, um aluno de ensino médio teve oportunidade de frequentar uma universidade conhecida por sua excelência, fato que foi muito marcante para mim, para o aluno e para minha orientadora de Doutorado, que abriu as portas para este público.

Paralelamente a todos esses projetos desenvolvidos no IFSP, também entrei no ano de 2012 no Doutorado em Bioquímica, oferecido pela Faculdade de Medicina da USP de Ribeirão Preto (FMRP). Esse não foi um processo fácil, pois apesar de amar Bioquímica, ter estudado muito bioquímica na graduação e no mestrado, eu estudava basicamente a parte que é mais interessante à Educação Física que é o metabolismo e bioenergética.

Apesar dos meus possíveis orientadores, Luciane Alberici e Leonardo dos Reis Silveira trabalharem especificamente com metabolismo, exercício físico e mitocôndria; a seleção era uma prova escrita de um artigo clássico da Bioquímica estrutural, que eu não havia estudado muito ao longo da vida. Por isso, para entrar no Doutorado fiz uma disciplina como aluno especial no ano de 2011 e estágio em um laboratório durante 6 meses. Assim, pude estudar com mais profundidade os temas que poderiam cair na prova e consegui ser aprovado na primeira tentativa em fevereiro de 2012.

A dinâmica do doutorado em Bioquímica na FMRP é bem diferente do que tinha vivido até então. Mesmo que meu mestrado tenha sido de caráter experimental, as técnicas e experimentos exigidos para o desenvolvimento da tese no doutorado exigiam uma carga diária de trabalho com os experimentos. Então, minha vida ficava dividida entre o IFSP, a USP e raramente em casa.

Consegui um afastamento permitido pelas regras do IFSP de 12h por semana para a qualificação profissional. Assim, dava aulas no turno da manhã e me deslocava pra USP, almoçava no bandeijão e logo começava os trabalhos com as pesquisas para o doutorado. Ou ficava a manhã e início da tarde na USP e ia para IFSP para uma reunião a tarde.

Preciso destacar que o nível das publicações deste programa de Bioquímica

era muito diferente do que estava acostumado. Todas as publicações aconteciam em revistas internacionais importantes para a área de Bioquímica. Para isso, existia um financiamento elevadíssimo das agências de fomento (CAPES, CNPq e principalmente a FAPESP). Todos os alunos do programa tinham bolsas de mestrado ou doutorado, menos eu porque não poderia acumular bolsa com meu salário. Existia também um intercâmbio de pesquisa com muitas Universidades mundo afora, tanto na Europa e Estados Unidos, além de receber alunos da América Latina para eles desenvolverem seus projetos em no Brasil.

Para que tudo isso acontecesse, apesar do alto financiamento (para os níveis de Brasil), existia fortíssima colaboração entre os laboratórios de toda USP. Pois assim, cada laboratório conseguia desenvolver uma técnica avançada de experimentos e quem precisasse desta técnica tinha um laboratório especializado parceiro para desenvolver seu estudo.

Foi uma época extremamente corrida, de muitas confluências, aprendizados, pois eu dava aulas no IFSP, juntamente com todas as orientações que destaquei anteriormente, fazia as disciplinas obrigatórias do Doutorado, escrevia e lia artigos sobre os projetos que estava envolvido e ainda fazia experimentos quase que diariamente.

Nos dois laboratórios que trabalhei durante o doutorado era de praxe que todos os alunos se inteirassem e participassem dos projetos uns dos outros. Assim, além do meu projeto de tese, eu me envolvi em mais de uma dezena de outros projetos. Ora lendo sobre o tema, ora ajudando nos experimentos, ora discutindo nas reuniões de laboratório. Eu virei nesta época, o que muitos chamam de “rato de laboratório”.

Minha orientadora, professora Luciane Alberici, era formada em Educação Física com Doutorado em Bioquímica orientada por um dos cientistas brasileiros mais brilhantes da área de metabolismo, o professor Aníbal Vercesi da Unicamp. Luciane (Lu) é professora da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da USP (FCFRP) de Ribeirão Preto, atuando na disciplina de Bioquímica e credenciada à Pós-graduação em Bioquímica da FMRP. O tema central do laboratório era metabolismo mitocondrial em suas mais diversas de possibilidades. Então tinham estudos sobre o metabolismo mitocondrial de músculo esquelético (que era o meu tema), de coração, cérebro, tecido adiposo, plantas, fungos, droshopillas e uma infinidade de possibilidades associados



Fazendo exercícios físicos entre um intervalo e outro no CEFER – USP em 2013. Foto: do autor



Organizando experimentos de expressão gênica no laboratório em 2012. Foto: do autor

com doenças importantes tais como diabetes, obesidade, doenças cardíacas, câncer, doenças neurodegenerativas. A tema da minha tese era o metabolismo lipídico no músculo esquelético.

Desenvolvi a tese no laboratório da minha orientadora, mas nos 2 primeiros anos de doutorado fiz muitos experimentos e projetos no laboratório do professor Leonardo dos Reis Silveira, que também era formado em Educação Física e credenciado ao programa de Bioquímica da FMRP. No laboratório do Léo, o foco era metabolismo molecular do músculo esquelético e doenças metabólicas.

Quando fiz estágio neste laboratório em 2011 comecei a trabalhar com um projeto com Melatonina e precisava terminar este projeto ao mesmo tempo que ia desenvolvendo minha tese e ainda ajudando em outros projetos. O projeto com melatonina envolvia uma pesquisadora brasileira que estava na Espanha (Elaine Vieira) e no fim, conseguimos uma parceria com o maio especialista em Melatonina no Brasil (prof. Cipolla). Assim conseguimos publicar os resultados do projeto em congressos (FESBE) que rendeu premiações como menção honrosa e também publicamos na principal revista internacional sobre o tema (*Journal of Pineal Research*).



Células de cultura de músculo esquelético de ratos em fase de diferenciação. Foto tirada do meu celular através da lente do microscópio em 2012

JPR JOURNAL OF
PINEAL
RESEARCH

RESEARCH IN MELATONIN ACTION,
SLEEP, AND CIRCADIAN RHYTHMS

Original Article

Melatonin prevents mitochondrial dysfunction and insulin resistance in rat skeletal muscle

Bruno G. Teodoro, Flavia G. Baraldi, Igor H. Sampalo, Lucas H. M. Bornfim, André L. Queiroz, Madia A. Passos, Everardo M. Carneiro, Luciane C. Alberici, Ramon Gomis, Fernanda G. Amaral, José Cipolla-Neto, Michel B. Araujo, Tânia Lima, Sérgio Akira Uemura, Leonardo R. Silveira, Elaine Vieira, ... See fewer authors ▾

First published: 01 July 2014 | <https://doi.org/10.1111/jpi.12157> | Citations: 88

Read the full text > [PDF](#) [TOOLS](#) [SHARE](#)

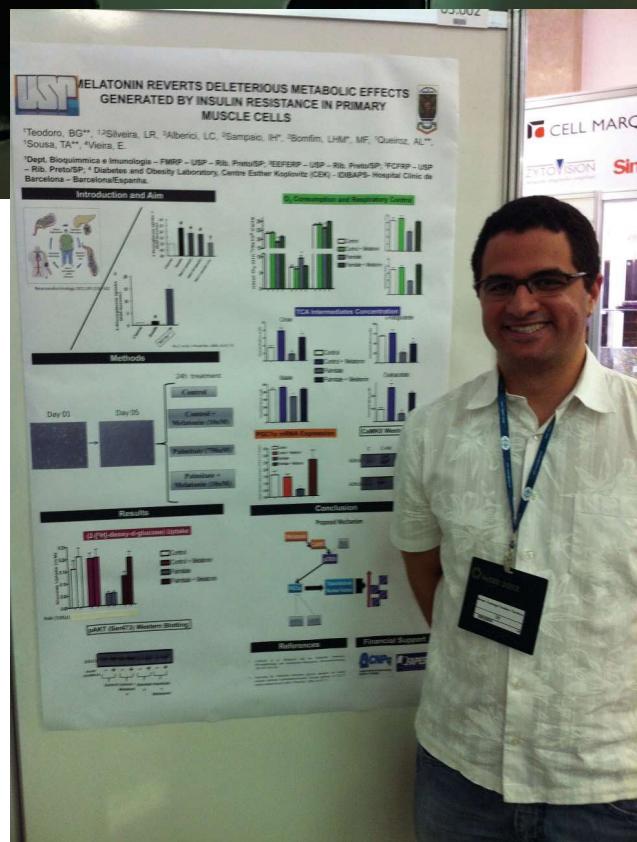
Abstract

Melatonin has a number of beneficial metabolic actions and reduced levels of melatonin may contribute to type 2 diabetes. The present study investigated the metabolic pathways involved in the effects of melatonin on mitochondrial function and insulin resistance in rat skeletal muscle. The effect of melatonin was tested both *in vitro* in isolated rats skeletal muscle cells and *in vivo* using pinealectomized rats (PNX). Insulin resistance was induced *in vitro* by treating primary rat skeletal muscle cells with palmitic

Print do Site da Revista com o artigo publica sobre Melatonina. O Artigo possui 88 citações.



Apresentações oral e em postér no congresso FESBE de 2012. O trabalho recebeu premiações como as de Menção Honrosa.



Da metade do ano de 2013 em diante, pude concentrar mais meus estudos do Doutorado no projeto da minha tese. O objetivo da minha tese era descrever a função de uma enzima chamada ACSL6 (Acil-CoA Sintetase da Cadeia Longa subtipo 6) no músculo esquelético.

Essa enzima faz parte de uma família de enzimas, as ACSLs, que tem a função de ativar o Ácido Graxo (uma molécula de gordura) na mitocôndria, para isso elas colocam uma molécula de Acil CoA, que permite que ele seja metabolizado. Esses ácidos graxos ativados possuem diferentes destinos metabólicos: podem ser enviados para síntese de lipídeos ou para oxidação mitocondrial (“queimar” a gordura).

O que determina para qual “caminho” o ácido graxo seguirá é justamente qual subtipo de ACSL está envolvida neste processo. O acúmulo excessivo de gordura nas células não adiposas (músculo, fígado, dentre outras) está associado com aumento de doenças metabólicas tais como diabetes, hipertensão, excesso de colesterol, dentre outras. Assim, descrever a função de uma ACSL pode ter importante impacto para desvendar o mecanismo que pode levar às doenças e servir de base para fazer futuros tratamentos para tais doenças.

Para descobrir essa função utilizamos técnicas de metabolismo molecular tais como: silenciamento gênico, superexpressão gênica, expressão proteica, expressão gênica (mRNA); técnicas histológicas tais como: microscopia eletrônica, microscopia de fluorescência; técnicas de metabolismo clássico: oximetria de alta resolução, análises enzimáticas, produção de peróxido de hidrogênio, oxidação de isótopos radioativos; técnicas analíticas tais como espectrometria de massas, citometria de fluxo, dentre outras.

Desenvolvi os experimentos inicialmente com cultura de células de músculo esquelético de ratos (o que chamamos de cultura primária) e fui descobrindo que quando a gente silenciava o gene da ACSL6 as células ficavam mais ativas metabolicamente. Assim, fiz diversos experimentos adicionais para comprovar este achado. Me recordo e memorizo aqui que foram realizados, mais de 50 experimentos utilizando mais de 20 técnicas experimentais diferentes.



Viagem ao encontro dos maiores pesquisadores de mitocôndria do Brasil, o MitoMeeting, que acontecia na fazenda do Professor Anibal Vercesi. Com amigos: Amanda, Lucas e Felipe.

Placas de cultura com células musculares de rato na Estufa de CO₂, 2012. Foto: do autor



Quando os experimentos já estavam bem avançados com as células primárias de ratos. Já sabíamos todo o caminho que ACSL6 influenciava, inclusive desvendando vários mecanismos de ação da mesma. Mas para avançar, precisávamos de saber a aplicabilidade disso em nós, seres humanos.

No Brasil, a não ser que seja dentro de um hospital universitário, é extremamente difícil conseguir amostras musculares (através de Biopsias) para experimentação científica. Mesmo na USP, que possui um hospital universitário muito integrado às pesquisas, é difícil integrar a ciência básica (que era o que eu fazia) à pesquisa clínica.

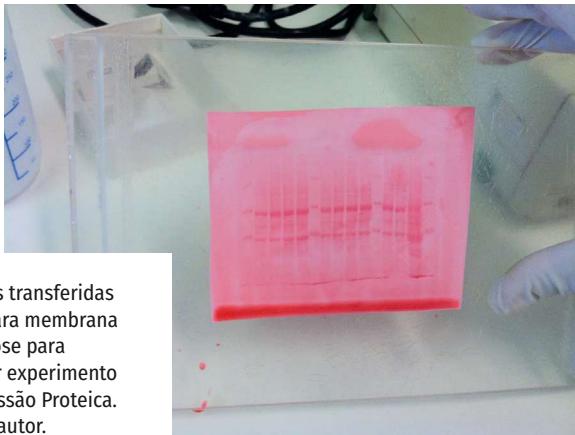
Assim, em 2015 consegui um afastamento total no IFSP e concorri a uma bolsa de mobilidade internacional (Ciência sem Fronteira), que possibilitou realizar a pesquisa por seis meses nos Estados Unidos, numa universidade chamada East Carolina University no East Carolina Diabetes and Obesity Institute (ECDOI).

Fiquei no laboratório de um professor que eu já conhecia, um estadunidense chamado P Darrel Neufer, que participou de um seminário de pesquisa que organizamos no Brasil em 2013. Esse professor trabalhava com as mesmas coisas que nós trabalhávamos, porém ele fazia experimentos com as células primárias de humanos e amostras de biopsia de humanos. Assim eu conseguia ver se tudo que acontecia nos ratos era de fato relevante em humanos, isso dá um salto de qualidade para qualquer pesquisa experimental.

E assim foi, ficamos 6 meses nos Estados Unidos realizando esse trabalho com células de músculo primária de humanos e biopsias de músculo esquelético. Foi um período extremamente feliz da minha vida, porque estava realizando um sonho de morar fora do Brasil, minha esposa engravidou da nossa primeira filha lá, fazendo pesquisa de alto nível e conseguindo desenvolver o meu projeto no Estados Unidos, fato que não é fácil, já explicarei o porquê.

Antes de conseguir o aceite deste professor nesta Universidade, consegui contato e aceite de outros professores de Universidades como Yale e Harvard, porém eles não aceitavam desenvolver um projeto que já estava iniciado no Brasil, eu deveria começar um projeto novo ou simplesmente tocar um projeto que eles já estavam desenvolvendo lá. Muito provavelmente por preconceito, falta de conhecimento e colonialismo mesmo.

Mesmo na East Caroline University, onde fui muito bem recebido, demorou apro-



Proteínas transferidas do gel para membrana de celulose para posterior experimento de Expressão Proteica. Foto: do autor.



Entrado do ECDOI (ficava no 5º andar deste prédio (East Carolina Heart Institute). Foto: do autor.



Preparando algum experimento no Laboratório GAME. Foto: do autor



Campus da East Caroline University, 2015. Foto: do autor.



Escultura da entrada do prédio: "Hands of Hope". Foto: do autor.



Entrada do Prédio da ECDOI, 2015 e muita felicidade de conhecer a neve (durou 3 min). Foto: do autor.

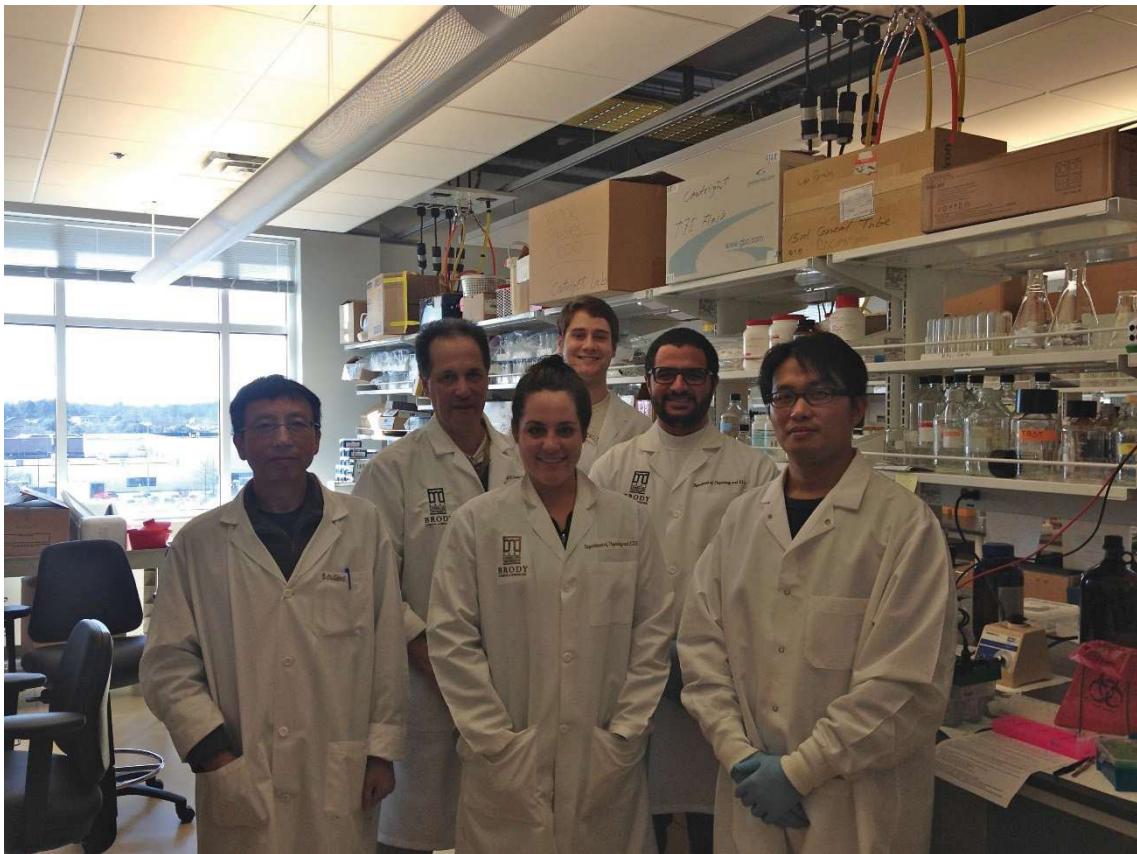
ximadamente um mês tendo que ir ao laboratório todos os dias para convencer eles do estudo e prática do que eles, mas como era latino-americano, eu simplesmente não podia fazer.

Foram muitas conversas, falando e argumentando sobre os experimentos, mostrando os meus resultados, que consegui de fato começar a desenvolver o projeto com o que havia planejado. E foi muito bom, porque os resultados obtidos com modelo animal se confirmaram com os humanos.

O ECDOI possui uma arquitetura própria para o desenvolvimento de pesquisas colaborativas. Imagine

um andar de um prédio inteiro dedicado para isso e como se esse andar fosse dividido ao meio. Em uma metade funcionava as mesas onde os pesquisadores ficavam. Esse espaço era todo aberto. Não havia divisões, ou seja, vários pesquisadores com suas próprias mesas em amplo espaço. Com algumas mesas menores espalhadas para pequenas reuniões e algumas salas que ficavam no canto para reuniões maiores.

Na outra metade ficavam as bancadas dos laboratórios. Geralmente, aqui no Brasil cada laboratório fica em uma sala separada. Lá, não existiam paredes entre os laboratórios. Então ficava um amplo vão com mais de 50 bancadas de experimento.



Da esquerda pra direita: Donghai, Dr Cortright, Ashley, Peter, eu e Terry (Tay-Yu) no laboratório do ECDOI. Foto: do autor.

Com grande amigo André Queiroz em 2015 no CEFER da USP. Aprendi a “jogar” tênis durante o doutorado.



Confraternização em casa com André, Lucas e Felipe (Peixe)





Defesa da
Tese na USP
Ribeirão
Preto (maio
de 2016).



Festa de
comemoração da
defesa da tese
em 2016 com
minha esposa
Milane e minha
primogênita Eloá.
Foto: do autor

Cada laboratório tinha 2 ou 3 bancadas. Mas ficava um espaço integrado e otimizado para uso coletivo e colaboração entre pesquisadores de diferentes áreas.

Eu fiquei no Laboratório do Professor Cortright, que era um colaborador do Neufer que trabalhava mais especificamente com o tema do meu trabalho. E tinham duas pessoas que me ajudavam muito tanto no laboratório quanto na vida pessoal. O chinês Donghai e o twainês Tai-Yu Huang (Terry).

Depois da adaptação, tudo fluiu muito bem e consegui todos meus objetivos que havia traçado, mesmo que precisei prorrogar o tempo por mais 2 meses nos Estados unidos, retornando ao Brasil em julho de 2015.

Ao chegar ao Brasil continuei afastado do IFSP até o término do doutorado que ocorreu em maio de 2016. Foi um período que ainda fiz alguns experimentos para completar os achados e depois me dediquei a escrita da Tese e a chegada da minha filha Eloá, que nasceu em dezembro de 2015. Esse período todo da USP foi além de muito feliz e produtivo (talvez não tenha produzido mais artigos do que no mestrado, porém a qualidade da produção foi de nível científico muito maior) foi também uma época com muitas amizades, jogos, festas, comemorações. Onde fiz grandes amigos que estão até hoje no meu coração.

5.5 Gestão/Comissões

No IFSP também desempenhei papel em comissões e gestão. Participei de diversas comissões. Vou destacar aqui apenas duas que me marcaram bastante. Uma comissão para reformulação do ensino médio e o Comitê para Diversidade.

A comissão para reformulação do Ensino Médio foi criada para avançar na discussão sobre inovações pedagógicas para este nível de ensino no IFSP. Foi uma comissão que compostas por colegas com uma visão muito avançada sobre ensino e trabalhamos numa concepção de ensino médio em que todas as disciplinas pudessem ter o mesmo grau de hierarquia e foi criado com conceito interdisciplinar que chama-va *células curriculares*.

Estas células curriculares substituiriam as disciplinas e embarcariam professores de diferentes áreas. Por exemplo eu lembro de uma célula que criamos que

chamaria “Cultura Brasileira” que sua ementa desenvolveria conteúdos integrados dos professores de Artes, Educação Física e Literatura.

A comissão trabalhava semanalmente e uma vez por mês mostrava o trabalho para todos os outros professores, que inclusive faziam exercícios de criar células ou outras propostas, mas no fim quando apresentamos a proposta final para aprovação em conselho a proposta foi negada. Apesar de toda frustração desse grupo, eu acho que foi uma construção teórica muito inovadora em que tive muitos aprendizados.

A outra comissão que quero destacar foi o comitê da diversidade. Um comitê criado para discutir todas as questões relacionadas as diversidades: étnico-racial e de gênero. Esse comitê abriu meus olhos para o mundo. Foi a primeira vez que tive contato com uma literatura que fez meu letramento racial.

O comitê fazia reuniões semanais e era composto por professores, alunos de diferentes níveis (médio e superior), técnicos e outras pessoas da comunidade externa. Nestas reuniões aconteciam a formação do grupo como estudo de textos sobre as questões étnico-raciais, equidade de gênero, dentre outros. Esse grupo promovia ações para formação da comunidade do Instituto, tais como palestras, intervenções artísticas, cursos e minicursos, dentre outros.

Essa comissão mudou meu olhar de mundo e me fez entender como que precisamos ter empatia de dor do outro e nos colocarmos como sujeitos ativos na transformação para um mundo sem racismo, machismo, misoginia, LGBTQIA+fobia.

Considero importante citar, que eu tive um cargo de gestão. Fui eleito coordenador de área no IFSP em 2017, ano que foi meu último ano lá. O IFSP era dividido em 4 grandes áreas (Mecânica, Química, Automação e Gestão e Humanidades). Eu ficava alocado na área de Gestão, Humanidades e Linguagens que era a maior dessas áreas com aproximadamente 25 professores. A coordenação era a chefia imediata dos professores e exercia um papel de gestão numa espécie de colégio de coordenadores, com reuniões semanais com a gestão e quinzenais com os professores. Foi uma minha primeira experiência com Gestão recebendo uma função gratificada e com grande aprendizado de como funciona a gestão pública na esfera federal pois tínhamos que saber detalhes do orçamento do campus, prioridades, compras e outras coisas que são tão importantes para o funcionamento das Universidades e Institutos federais.

6

A Escola de Educação Básica da UFU (de outubro de 2017 até hoje)

Mesmo sendo feliz e realizado no IFSP, em Sertãozinho – SP, e tudo estar maravilhosamente bem na vida, sentia muita saudade de estar na minha terra, minhas origens, minha família. Somando-se a isso, agora tínhamos uma bebê (Eloá) e minha esposa acabava de ficar grávida novamente (da Lis) em 2017.

Assim, pensando em estar próximo da família novamente comecei a tentar transferência (redistribuição) para Uberlândia ou para cidades próximas que tinham IFs (Uberaba, Ituiutaba, Patrocínio etc.). Mas não é fácil se redistribuir no Brasil. Existem grupos em redes sociais que tentam ajudar (conectar servidores), porém cada instituição tem uma regra diferente (algumas tem editais, outras são diretamente com o diretor e assim por diante).

Decidi falar com meu amigo e colega de área atual, professor Cléber Casagrande se ele teria o contato do diretor do IFTM de Uberlândia, pois tinha pedido redistribuição para lá e queria saber como estava o processo. Foi então que Cléber me falou que a professora Elizabeth tinha aposentado e que talvez teria essa possibilidade de redistribuição para ESEBA.

Eu inicialmente nem sabia que era possível, pois achava que existia a possibilidade de transferir para os IFs. Assim foi uma grata surpresa e fiz todos os trâmites burocráticos que duraram uns 6 meses, aproximadamente, e no fim deu tudo certo. Chego na ESEBA em outubro de 2017.

6.1 Chegada na ESEBA

“O bom filho a casa torna.”

A ESEBA já fazia parte da minha vida, pois é a Escola de Educação Básica da UFU que fica localizado no mesmo campus da Faculdade de Educação Física, onde me graduei e apesar de não ter feito estágio na ESEBA, tinham muitos projetos que havia integração com a Universidade, como por exemplo: Não esqueço de uma aula que tive na Disciplina de “Jogos Recreativos” em que o professor Leandro (que já era professor na ESEBA) foi ministrar uma aula pra gente de como usar uma coisa que gente usa muito nas aulas na ESEBA que é o “Reproduzir, Modificar e (Re)criar”. Lembro de ficar encantado em como fazer conceitos estudados em livros virar realidade na prática.

Por outro lado, os amigos que aqui estavam na área de Educação Física eram pessoas que eu já admirava muito desde a faculdade e considerava aquela reunião de professores da ESEBA talvez a melhor equipe de professores de Educação Física escolar do Brasil reunidos em único lugar, o que torna esta área tão especial, produtiva e inovadora.

Então, eu chegava aqui pensando que teria muito o que aprender porque apesar de ter trabalhado com Educação Física escolar no IFSP, lá não existia essa estrutura física e humana. Foi o que realmente aconteceu ao longo desses anos e acontece até hoje. Meus amigos são profissionais impressionantes e admiro muito cada um em sua particularidade e potencialidade. Poderia escrever um capítulo em especial para cada um só pra dizer o tanto que aprendi com cada um deles.

Considero, a entrada para um “olho do furacão”. Havia um grande detalhe eu nunca havia trabalhado com Educação Infantil e ensino fundamental até então, a não ser nos estágios da faculdade. Então, demorei entre um ano e um ano e meio para me adaptar a essa nova realidade. Após isto, as coisas fluíram melhor e agora começo a descrever como foi em cada área de atuação aqui.

6.2 Ensino

O ensino de educação física aqui na ESEBA é algo espetacular!

Como disse anteriormente a Educação Física passou por uma revolução teórica nos anos 1990 com uma mudança profunda na forma em que essa disciplina poderia contribuir na formação de sujeitos autônomos, críticos e independentes. O grande problema era como concretizar tudo que foi produzido para o “chão da escola”.

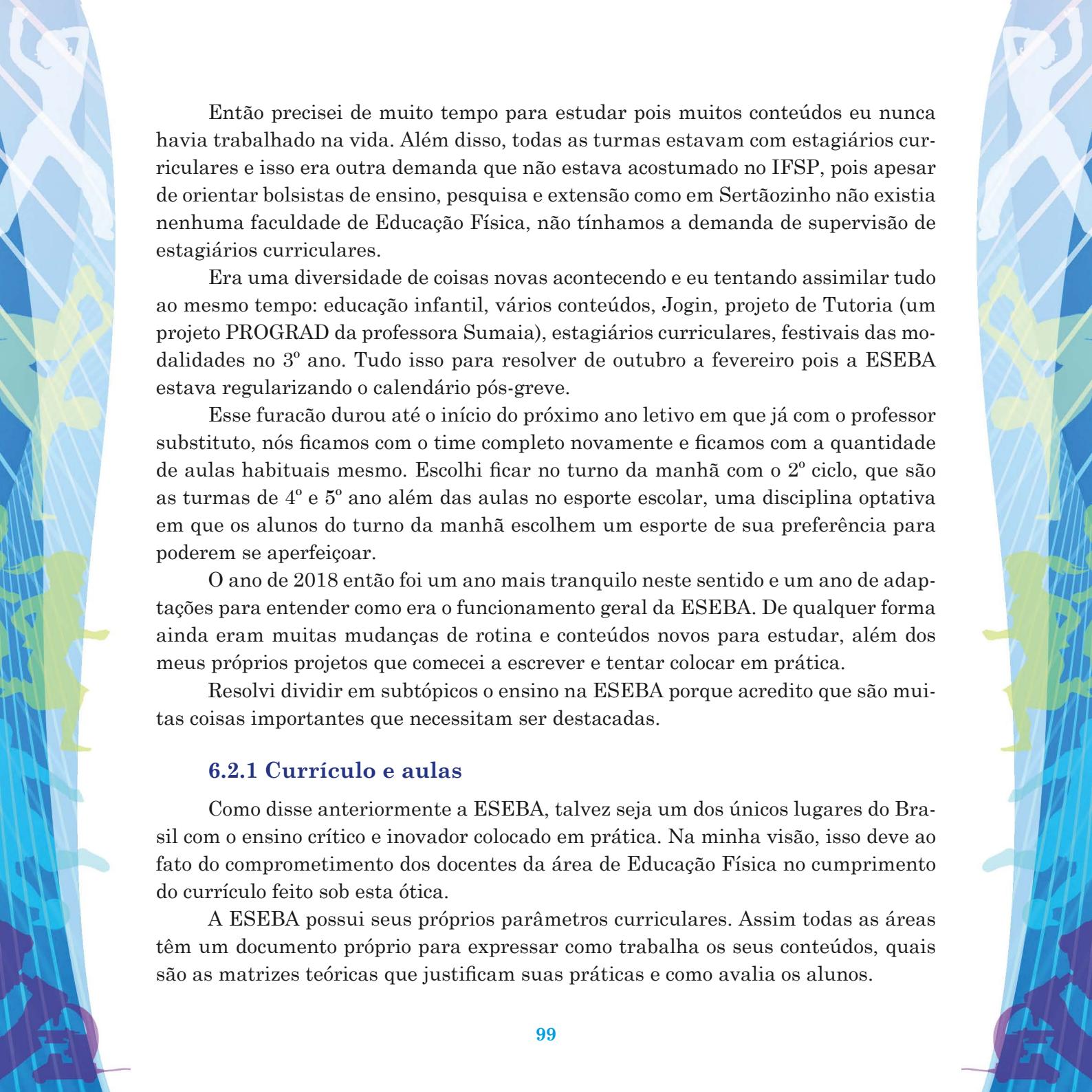
No Brasil, temos várias experiências exitosas na concretização destas teorias na escola, o grande problema é que dificilmente existe uma escola com todos os professores de Educação Física são alinhados a essa renovação no ensino da educação física. As vezes em uma escola temos 1 ou 2 professores que conseguem trabalhar desta forma, então aquelas turmas que eles estão terão um ensino diferenciado, mas as outras turmas não.

O que acontece é que a ESEBA seja talvez a única escola do Brasil que conseguiu concretizar um currículo que vai do 1º período da Educação Infantil ao 9º ano do ensino fundamental nesta mesma perspectiva, com ensino de todos os eixos levantados naquela época (Jogos, Ginásticas, Esportes, Danças e Lutas) e com uma metodologia utilizada para tornar o aluno reflexivo em suas ações. Apesar das diferentes concepções pedagógicas existentes entre os professores, o currículo e uma formação crítica nos unem e acredito que isso faça muita diferença para os alunos.

Então ao chegar na ESEBA fiquei impressionado e maravilhado com a quantidade e qualidade de conteúdos, projetos e metodologias. E ao mesmo tempo preocupado com tanta coisa para estudar, para dar conta de trabalhar com a diversidade de conteúdos em níveis diferentes de ensino.

Lembro-me que heguei assumindo uma turma de 1º Período, duas turmas de 2º Período, 3 turmas de 3º ano, uma turma de 6º ano e outra de 7º ano, pois ainda não havia chegado o professor que substituiria a licença maternidade da minha grande amiga Vickele.

A quantidade de conteúdos diferentes era gigante, olhem só: Ginástica elementar, Jogos Simbólicos, Jogos Populares, Jogos Pré Desportivos, Jogos que deram origem aos esportes, Ginástica Saúde e qualidade de vida, Futsal, Handebol, Judô, Lutas (iniciação), futebol Society, futebol de 5, vôlei, basquetebol, dança (expressão corporal) e estilos de dança. Tudo isso somente nas turmas que eu atuava.



Então precisei de muito tempo para estudar pois muitos conteúdos eu nunca havia trabalhado na vida. Além disso, todas as turmas estavam com estagiários curriculares e isso era outra demanda que não estava acostumado no IFSP, pois apesar de orientar bolsistas de ensino, pesquisa e extensão como em Sertãozinho não existia nenhuma faculdade de Educação Física, não tínhamos a demanda de supervisão de estagiários curriculares.

Era uma diversidade de coisas novas acontecendo e eu tentando assimilar tudo ao mesmo tempo: educação infantil, vários conteúdos, Jugin, projeto de Tutoria (um projeto PROGRAD da professora Sumaia), estagiários curriculares, festivais das modalidades no 3º ano. Tudo isso para resolver de outubro a fevereiro pois a ESEBA estava regularizando o calendário pós-greve.

Esse furacão durou até o início do próximo ano letivo em que já com o professor substituto, nós ficamos com o time completo novamente e ficamos com a quantidade de aulas habituais mesmo. Escolhi ficar no turno da manhã com o 2º ciclo, que são as turmas de 4º e 5º ano além das aulas no esporte escolar, uma disciplina optativa em que os alunos do turno da manhã escolhem um esporte de sua preferência para poderem se aperfeiçoar.

O ano de 2018 então foi um ano mais tranquilo neste sentido e um ano de adaptações para entender como era o funcionamento geral da ESEBA. De qualquer forma ainda eram muitas mudanças de rotina e conteúdos novos para estudar, além dos meus próprios projetos que comecei a escrever e tentar colocar em prática.

Resolvi dividir em subtópicos o ensino na ESEBA porque acredito que são muitas coisas importantes que necessitam ser destacadas.

6.2.1 Currículo e aulas

Como disse anteriormente a ESEBA, talvez seja um dos únicos lugares do Brasil com o ensino crítico e inovador colocado em prática. Na minha visão, isso deve ao fato do comprometimento dos docentes da área de Educação Física no cumprimento do currículo feito sob esta ótica.

A ESEBA possui seus próprios parâmetros curriculares. Assim todas as áreas têm um documento próprio para expressar como trabalha os seus conteúdos, quais são as matrizes teóricas que justificam suas práticas e como avalia os alunos.



Aula de atletismo – provas de pista 3º ciclo, agosto de 2019

A área de Educação Física tem seu último PCE divulgado no ano de 2017 (ESE-BA, 2017), com uma atualização de alguns conteúdos e objetivos no ano de 2020. Apesar de 8 anos da sua última atualização eu considero o documento inovador em vários aspectos que cito abaixo:

Quantidade e variedade de eixos e conteúdos

Acredito que essa variação possibilita atingir diferentes alunos multiplicidades de potencialidades. Muitas vezes, nas aulas tradicionais de Educação Física, se uma criança não gostasse ou não se adaptasse à algum esporte com bola estava fadada ao fracasso ou trauma com a disciplina. Mas ao se deparar com diferentes conteúdos para além dos esportes com bola, dentro dos esportes ainda: esportes individuais (como as diversas modalidades do atletismo: corridas, saltos, arremessos, lançamentos etc.), esportes com raquete (tais como tênis de mesa, badminton), peteca; as ginásticas (elementar, artística, rítmica, de academia e qualidade de vida); as danças (expressão corporal, danças regionais, estilos de

dança e hip-hop); as lutas (iniciação as lutas, capoeira, judô, MMA) e; os jogos e brincadeiras (jogos simbólicos, populares, pre-desportivos, dentre outros); as crianças poderão ter uma dimensão mais real de como o movimento humano é complexo e como ela pode se ver em alguma forma de movimento que fique mais próxima a ela.

Trabalho com inclusão

O currículo da Educação Física contempla no Eixo Esportes, esportes que são específicos para inclusão, tais como a Bocha Paralímpica, o Vôlei sentado, Futebol de 5 (futebol para deficientes visuais), GoalBoal. Todos esses esportes foram criados para pessoas com deficiência, mas aplicamos eles em toda turma. Eu acho que isso é um ponto diferente da inclusão. O conteúdo ser aplicado a partir da deficiência e não aplicar o conteúdo normal e fazer e depois fazer a adaptação necessária. O conteúdo em si já é inclusivo e todos participam da mesma forma. Eu acho isso extremamente inovador e poderia ser adotado na educação de uma maneira geral. O ponto de partida já acessível a todos.

Aula de bocha paralímpica no 2º ciclo em 2019. Foto: do autor





Aula de vôlei sentado, 5º ano do EF em 2018. Foto: do autor

Um olhar à Educação Antirracista

Mesmo que não seja o ideal, o currículo da Educação Física já traz desde 2017 conteúdos que trabalham a questão da reparação histórica sobre a equidade racial. Temos o conteúdo de Jogos Indígenas e Africanos nos 4ºs anos, Capoeira nos 5ºs anos e Hip-Hop nos 8ºs anos.

Hoje a ESEBA está com uma discussão muito mais avançada sobre estes temas, mas a Educação Física já vem trazendo em seu currículo a muito tempo temas relacionados a estas questões. Reconheço que precisamos avançar mais e estar presentes com estes conteúdos em todos os anos de ensino.



Grupo de Capoeira convidado para a finalização do conteúdo de Capoeira para o 4º ano em 2018



Aula de Jogos Indígenas Africanos 5º ano em 2018. Adaptação da atividade tradicional indígena "Corrida com Tora" praticada por diversos povos indígenas brasileiros, dentre eles: Krahô, Xerente e Apinajé, do estado do Tocantins; os Kanela e os Krikati, do Maranhão; os Gavião, do Pará; e os Xavante, do estado de Mato Grosso.

Respeito às fases do desenvolvimento infantil

Acredito que nosso currículo conteúdos que são adequados de acordo com a faixa etária das crianças, começando com a Educação Infantil, onde não temos a presença de esportes (talvez pela complexidade do entendimento das diversas regras) e quando avançamos na escolarização os esportes mais simples são os primeiros a serem trabalhados tais como atletismo, handebol e futebol (objetivos mais simples, talvez de mais fácil entendimento para crianças menores) e a medida que os alunos vão ficando mais velhos, esportes mais complexos aparecem.

Variedade de materiais e espaços físicos

Apesar de não estar explicitamente escrito no nosso currículo. Todas as possibilidades levantadas em nosso PCE só são possíveis devido a ampla variedade de materiais que temos e aos espaços disponíveis para as aulas. Somos muito privilegiados pois temos muitos materiais disponíveis para que esse currículo seja cumprido: bolas dos mais variados tipos e tamanhos, colchões de queda, colchonetes, raquetes, petecas, pesos, dardos, discos, cordas, bumbolês e muito mais. Além disso, a ESEBA se localiza dentro do Campus da Faculdade de Educação Física, o que possibilita usarmos o campo de futebol, a pista de atletismo, as piscinas, e todos os outros ginásios especializados. Podemos dar aula de ginástica em um Ginásio Universitário de ginástica, usar quadra oficial de Basquete para dar aulas, usar tatames, academia e todas as outras estruturas do Campus. Além disso, só o espaço da ESEBA já é muito bom pois temos 2 quadras cobertas, uma sala de ginástica, 3 quadriphases descobertas. Tudo isso possibilitou a concretização deste currículo.

Todos estes fatores nos meus primeiros anos foram fundamentais para que eu me integrasse ao que era feito e apesar de algumas críticas, entender o quão rico é o ensino de Educação Física na ESEBA.

Assim, depois de muito estudo e ter passado por todos os anos de ensino na ESEBA posso entender a importância que as aulas de Educação Física nesse formato têm para as crianças. Recebemos muito relatos, principalmente quando os alunos já

estão em outras escolas ou mesmo no ensino superior do quanto as aulas foram fundamentais para formação deles.

Aqui está um resumo através da tabela da quantidade de aulas e em quais turmas atuei desde meu ingresso na ESEBA.

Tabela 4: Aulas ministradas no ESEBA (2017 à 2025).

AULAS/ANO/TURMAS	Aulas ESEBA								
	ANO								
	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025*
1º Periodo	32							160	60
2º Periodo	64						160		120
1º Ano							320	320	
2º Ano									
3º Ano	96								180
4º Ano		240	80	80	240	80			
5º Ano		240	80	80		80			
6º Ano			80	80		80			
7º Ano			80	80		80			
8º Ano			80	80		80			
9º Ano			80	80	240	80			
Esporte Escolar						160			
Total de Aulas Anuais	192	640	640	640	480	640	480	480	360

* Ano ainda em andamento.

Dessa forma, ter a oportunidade de vivenciar o processo de ensino-aprendizagem na ESEBA em todos os ciclos e em todos os anos de ensino (com exceção do 2º ano de ensino fundamental) foi de uma mudança radical na forma de ensinar e ver como os diferentes conteúdos são importantes na formação humana dos nossos alunos.

Para rememorar aqui, listo a quantidade de conteúdos que eu já trabalhei na ESEBA nesses 8 anos enquanto professor:

1. Ginástica elementar
2. Ginástica geral
3. Ginástica Artística
4. Ginástica Rítmica
5. Ginástica, saúde e qualidade de vida
6. Danças – expressão corporal
7. Danças regionais
8. Estilos de Dança

9. Hip-Hop (danças urbanas)
10. Lutas (iniciação)
11. Capoeira
12. Judô
13. Karatê
14. MMA
15. Jogos Simbólicos
16. Jogos Populares
17. Jogos Pré-desportivos
18. Jogos que deram origem aos esportes
19. Jogos da infância
20. Atletismo (mini-atletismo)
21. Atletismo provas de pista
22. Atletismo provas de campo
23. Atletismo Tetratlo
24. Futebol
25. Futsal
26. Handebol
27. Peteca
28. Vôlei
29. Vôlei Sentado
30. Tênis de mesa
31. Basquete
32. Basquete Adaptado
33. Bocha Paralímpica
34. Badminton



Coreografia feita por alunos do 3º ciclo durante o conteúdo de Estilos de Dança em 2019. Foto: do autor

Obviamente é impossível trabalhar isso de forma extremamente aprofundada. Os conteúdos na ESEBA geralmente são trabalhados entre 6 e 8 semanas, o suficiente para o aluno conseguir identificar aquela prática e conduzir reproduzi-la minimamente de acordo com seu estágio de desenvolvimento humano.

Assim, de maneira geral precisamos de ser muito generalistas (entender pelo menos um pouco de um monte de coisas) neste ensino da Educação Física na ESEBA, o que considero um contraponto importante frente à ultra especialização imposta na nossa sociedade atual.

Mesmo que eu tenha estudado a vida toda e já trabalhado com os diversos temas da Educação Física. Meu trabalho com as aulas na ESEBA é infinitamente mais denso em conteúdo e metodologia do que anteriormente. Assim, vejo que aprendi muito trabalhando aqui e continuo aprendendo a cada dia. Todo ano quando são decididas quais turmas ficarei já penso o que tenho que estudar, quais fontes consultar, quais atividades e metodologias mais adequadas para aquele conteúdo e faixa etária e assim tenho muito orgulho de estar com esta equipe e desempenhando o papel que todos fazem tão bem aqui.

Gosto de lembrar o tanto que aprendemos durante a pandemia de Covid-19 em 2020 e 2021. Eu particularmente achava que seria impossível ministrar aula de Educação Física por meio remoto e/ou online, mas foi incrível o fizemos. Conseguimos desenvolver meios e métodos de trabalhar com as crianças através dos computadores. Até hoje, encontro alguns pais que falam que adoravam o que eles viam acontecendo através das telas nas aulas de Educação Física.

Posso citar aqui apenas uma das metodologias que foi usada durante as aulas de lutas. Escolhemos o tema esgrima e como já era 2021, os alunos/as já estavam muito desmotivados para participar das aulas. Assim fiz uma espécie de “gameificação” onde criamos um ranking em que todas as participações contavam pontos. Ligar a câmera, valia 1 ponto por exemplo, participar com voz mais 1 ponto, realizar as tarefas mais 1 ponto, fazer a esgrima com materiais recicláveis valiam mais ponto e assim, divulgávamos o resultado do ranking semanalmente. Ao final, dei uma pequena premiação com medalhas e certificados onde entreguei pessoalmente aos alunos, como na foto abaixo.

Assim, gostaria de fechar este capítulo destacando a importância de ter estu-



Aula durante o período de pandemia (2021) para as turmas do 4º ano. O tema da aula era Ginástica Historiada. Foto: do autor.

Premiação feita para incentivar a participação dos alunos durante a pandemia em 2021 com uma aluna do 4º ano à época. Foto: do autor.



dados o PCE e de ter a oportunidade de vivenciá-lo ensinando e aprendendo em todos os ciclos e quase todos os anos de ensino foi essencial para meu crescimento pessoal e profissional.

Passo agora a destacar os projetos relacionados ao ensino que são feitos pela Educação Física na ESEBA.

6.2.2 Jigin e Festivais

Tudo na ESEBA tem muita história. Cabe a nós estudar e valorizar a história que nos precede sem, no entanto, saber a hora de avançar.

Com o Jogos Internos (JOGIN) não é diferente. Esses Jogos foram criados em 1993. Não existe mais nenhum professor que estava nesta época atuando na área de Educação Física que ainda esteja atuando conosco. Isso por si só já um motivo de comemoração. O Jigin causa tanta euforia, sensação de pertencimento e uma aprendizagem significativa nos alunos, que se mantém até hoje. São mais de 30 anos de existência, sendo talvez o projeto de ensino mais antigo da ESEBA ainda em andamento.

Vou explicar com minhas palavras e através das minhas vivências o porquê da existência tão exitosa e longeva deste projeto. A competição escolar é tradicionalmente no mundo escolar reducionista, pois exclui na maioria das vezes, as meninas, os alunos/as com menor capacidade técnica, alunos com deficiência, dentre várias outras exclusões. Numa educação física tradicional a competição basicamente é feita através de uma “Interclasse” que geralmente é com esporte Futsal e com equipes exclusivamente masculinas.

Tendo vista tudo isso, os teóricos da Educação Física (na década de 90) passaram a negar a competição através de muitas críticas e até a recomendação de que a mesma deveria ser abolida da escola. Então, muitos professores à época passaram a não realizar competições durante as aulas ou mesmo campeonatos que reforçassem características competitivas. É importante ressaltar que a competição está na essência de muitos conteúdos que trabalhamos, eliminá-la poderia descharacterizar esses conteúdos.

É exatamente neste contexto que surge o JOGIN, uma forma de mostrar que é possível fazer uma competição escolar que é inclusiva, pois todos tem a possibilidade de participação e ao mesmo intencionalmente democrática (democracia direta), onde os alunos escolhem através de votações, fóruns e assembleias as formas de disputa, quantos e quais esportes terão, quais outros quesitos pontuarão também e uma infinidade de outros itens inerentes à uma competição.

Assim, considero o JOGIN é síntese de todo esse processo crítico a competição escolar, pois conseguiu absorver as críticas, tentou mitigar todos os possíveis efeitos deletérios da competição e deu um passo a frente com relação à competição escolar.

Vou relatar aqui, basicamente como funciona o processo e como ele pode ser feito para dar um salto de qualidade nas competições escolares.

Primeiro ponto

Todos devem participar de alguma forma do JOGIN, por isso não existe somente a função “atleta”, temos geralmente também o representante da turma, a equipe de comunicação que é responsável pelos registros dos treinamentos e entrega de um material midiático para os professores ao fim do evento e outras funções que podem ser levantadas pelos alunos e aprovadas nas assembleias, por exemplo, tivemos em um ano Cheer Leaders e outros técnicos de equipes. Esse primeiro ponto tenta acabar com exclusão que ocorria nos eventos tradicionais.

Segundo ponto

Superação da monocultura do futsal/futebol. Como citei anteriormente nas competições escolares tradicionais o futsal é o principal se não único esporte a ser trabalhado. No JOGIN, o esporte é escolhido pelos próprios alunos e eles só terão oportunidade de escolher os esportes que trabalharam durante o ano letivo, o que de fato faz muito mais sentido. Em muitos anos, o futebol não é trabalhado e, portanto, não pode ser escolhido.

Terceiro ponto

O ensino do conceito de democracia direta através da competição escolar. Então, os alunos escolhem a forma de disputa (eliminatório, classificatório, mata-mata), se competição será com equipes mistas ou separadas por gênero, quais esportes (dentro dos trabalhados no ano) serão escolhidos, quantos esportes terão no Jigin, o que pontuará no Jigin (Jogos, Organização, Grito de Torcida, Equipe de comunicação, etc), quanto pontuará cada vitória, derrota e empate, se a disputa será entre as turmas ou entre equipes, qual a premiação (dentro das possibilidades). Essas definições ocorrem ao longo da organização do evento, que geralmente demora de 4 à 8 semanas. Algumas votações acontecem através das assembleias com todos os alunos votando, outras acontecem por representação através do fórum dos representantes.



Jogin dos 5ºs anos 2018.
Apresentação de Cheer
Leaders. Fonte: Acervo
pessoal.



Jogin dos 4ºs anos em
2018. Um dos esportes
escolhidos foi o
Atletismo – Corridas.
Fonte: Acervo pessoal.



Jogin dos 4ºs anos em
2018. Um dos esportes
escolhidos foi o Bocha
Paralímpica. Fonte:
Acervo pessoal.



Jogin 5ºs anos 2018.
Tema: Handebol



Fórum dos representantes em meu primeiro Jgin: 6ºs anos em novembro de 2017.
Foto: do autor.

1º BLOCO DE QUESTÕES SOBRE O XXII JOGOS INTERNOS DA ESEBA – 2018 – 5º ANOS

1 – Sobre a atuação dos representantes no fórum, o que você prefere?

- a. Que eles tenham autonomia para votar durante os fóruns.
- b. Que eles colham os votos anteriormente e levem o quantitativo de votos para os fóruns.

2 – O que você prefere para o XXV Jgin dos 5º anos?

- a. Que tenha apenas UMA modalidade esportiva.
- b. Que tenham DUAS modalidades esportivas.

c. Que tenham TRÊS modalidades esportivas.

3 – Caso a maioria dos alunos prefira duas ou mais modalidades, o que você prefere?

- a. Que todos os alunos disputem as todas modalidades.
- b. Que metade da turma dispute UMA modalidade e a outra metade dispute a outra modalidade.

4 – Quais modalidades esportivas você gostaria de eleger? (Marque duas opções):

- a. Tênis de Mesa
- b. Voleibol.
- c. Handebol
- d. Voleibol sentado

5 – Como você prefere que as equipes se organizem em relação aos demais 4º anos?

- b. O aluno possa ser substituído e a turma perderá pontos em organização.

- c. O aluno possa ser substituído e a turma não perderá pontos em organização.

9 – Você é a favor ou contra a apresentação de ~~Shumba~~ Cheer Leader no XXV JGIN?

- a. A favor
- b. contra

Algumas das questões colocadas em votação no Jgin dos 5ºs em 2018.

Quarto ponto

O protagonismo dos alunos. Como eles participam da construção de todo o processo da competição, esse protagonismo faz com que eles se sintam pertencentes ao processo, além da produção de textos, reportagens e vídeos pela equipe de comunicação e do mascote em que os alunos inscrevem um mascote inédito e há votação pra saber qual será o mascote dos jogos. No ano de 2020, o mascote vencedor da edição de 2019, foi também capa da agenda do aluno.

Dessa forma, o Jigin é muito diferente de tudo em que eu pude vivenciar tanto enquanto aluno quanto como professor. Mesmo, na tentativa de ser inclusivo nas minhas aulas eu ainda reproduzia o modelo tradicional de competição no IFSP, talvez porque não tivesse chegado a uma síntese de como era importante tentar romper com modelo tradicional de ensino. Vivenciar o Jigin foi libertador para mim, o aprendizado tem muito mais sentido e significado. Por isso, defendo que este modelo seja replicado em outras escolas.

Ao longo desses anos tive oportunidade de coordenar e trabalhar juntamente com os alunos na organização dos seguintes Jigin:

Tabela 5: Organização do Evento JIGIN.

	Ano do Evento	Título do Evento	Organizadores
1	2017	Jigin 6º Anos	Bruno G Teodoro, Leandro Rezende, Tiago Alves
2	2018	Jigin 4º Anos	Bruno G Teodoro, Sumaia Marra, Vickele Sobreira
3	2018	Jigin 5º Anos	Bruno G Teodoro, Sumaia Marra, Vickele Sobreira
4	2019	Jigin 2º Ciclo	Bruno G Teodoro, Sumaia Marra, Vickele Sobreira
5	2019	Jigin 3º Ciclo	Bruno G Teodoro, Sumaia Marra, Vickele Sobreira



Mascote: HudPet

Autor: Gianlucca Torres Bastos - 9ºA

Hudpet: mascote do Jigin 2019. Autor: Gianlucca. Este mascote foi a capa da Agenda do Aluno no ano seguinte.

	Ano do Evento	Título do Evento	Organizadores
6	2019	Jogin 4º Ciclo	Bruno G Teodoro, Sumaia Marra, Vickele Sobreira
7	2022	Jogin 2º Ciclo	Bruno G Teodoro, Sumaia Marra, Vickele Sobreira
8	2022	Jogin 3º Ciclo	Bruno G Teodoro, Sumaia Marra, Vickele Sobreira
9	2022	Jogin 4º Ciclo	Bruno G Teodoro, Sumaia Marra, Vickele Sobreira



Exemplar de medalha dada aos alunos pela participação no festival de bocha Paralímpica em 2022. Fonte: Acervo Pessoal

A área de Educação Física também organiza os festivais escolares. Os festivais têm objetivos parecidos com o Jogin, porém de maneira reduzida, restrita à apenas uma modalidade e usada como parte do fechamento daquela modalidade.

Os festivais acontecem prioritariamente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, enquanto o Jogin acontece exclusivamente do 4º ao 9º ano. Nos festivais os alunos também participam da organização do evento com votações sobre a definição do evento, mas de maneira mais tímida justamente devido ao fato do período escolar e fase de desenvolvimento dos mesmos.



Momento antes do início do festival de futsal dos 3ºs anos em 2017. Foto: do autor



Festival de lutas do 3º ano em maio de 2025. Foto: do autor.

 EDUCAÇÃO FÍSICA MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO INSTITUTO FEDERAL DE UBERLÂNDIA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DE EDUCAÇÃO FÍSICA PRO-TEMÁTICO: ESPORTE - CONTEÚDO: FUTSAL - 3º ANOS - 2017	
Formulário de questões - Festival de Futsal - 3ºAno	
1 - Sistema de Organização:	
<p>- Salas X Salas ()</p> <p>3ºA: 23 3ºB: 18 3ºC: 16 Total: 57</p>	
<p>- Equipe X Equipe ()</p> <p>3ºA: 0 3ºB: 0 3ºC: 4 Total: 4</p>	
<p>- Equipe X Equipe ()</p> <p>3ºA: 0 3ºB: 0 3ºC: 4 Total: 4</p>	
<p>2 - Composição das equipes na quadra:</p> <p>- Quantidade igual de meninos e meninas na linha</p> <p>() SIM () NÃO</p> <p>3ºA: 19 3ºA: 4 3ºB: 11 3ºB: 13 3ºC: 22 3ºC: 2 Total: 52 Total: 19</p>	
<p>- Mesmo(a) golpeado(a) (menino/a menina) em quadra</p> <p>() SIM () NÃO</p>	
3 - Substituições	
<p>() Meninos entram no lugar de meninos. Meninas entram no lugar de meninas.</p> <p>3ºA: 3 3ºB: 2 3ºC: 2 Total: 6</p>	
<p>() Podem entrar no lugar de qualquer colega de equipe.</p> <p>3ºA: 19 3ºB: 23 3ºC: 22 Total: 64</p>	
<p>4 - Faltas:</p> <p>() Caso algum aluno falte e a equipe não tenha reserva, o time joga sem um jogador.</p> <p>3ºA: 0 3ºB: 0 3ºC: 0 Total: 0</p>	
<p>() Caso algum aluno falte e a equipe não tenha reserva, a equipe pode escolher algum colega de outra equipe.</p> <p>3ºA: 16 3ºB: 24 3ºC: 24 Total: 64</p>	
<p>5 - Substitutos:</p>	

Algumas das questões votadas para organização do festival de futsal dos 3ºs anos em 2017. Foto: do autor

Os festivais são competitivos, mas o objetivo principal não é a competição em si, mas sim o momento de estar junto com os/as colegas das outras turmas e “festejar” aquele momento, portanto o enfoque nosso na competição é menor. Muitas vezes não premiamos ou divulgamos o vencedor do festival, geralmente ocorre uma premiação simbólica geral e durante a avaliação do evento, tiramos o foco da competição em si, falando mais do momento de “festa” que aconteceu.

Ao longo desses anos da ESEBA organizei juntamente com as turmas, estagiários os seguintes festivais:

Tabela 6: Organização de Festivais.

	Ano do Evento	Título do Evento	Organizadores
1	2017	Festival de Futsal 3ºs anos	Bruno G Teodoro e Lorraine Rezede, João Filipe
2	2018	Festival de Bocha Paralímpica 4ºs anos	Bruno G Teodoro
3	2022	Festival de Bocha Paralímpica 4ºs anos	Bruno G Teodoro
4	2023	Festival de Atletismo 1ºs anos	Bruno G Teodoro
5	2024	Festival de Atletismo 1ºs anos	Bruno G Teodoro
6	2025	Festival de Lutas 3ºs anos	Bruno G Teodoro e PIBID Ed. Física

Tanto o Jogin quanto os festivais trazem aprendizados significativos para os alunos. Recebemos muito relatos dos alunos que já saíram da ESEBA onde falam sobre a importância que Jogin e festivais tiveram em sua formação.

6.2.3 Esporte Escolar

O esporte escolar originou-se como um projeto de ensino e ocorre também há mais de 30 anos. Sua presença também ressignifica a presença e importância do esporte na escola.

Devido a sua importância para a Escola, o esporte escolar tornou-se uma dis-

ciplina optativa para os alunos que estão no turno da manhã (4º ao 9º ano) e tendo carga horaria obrigatória para os professores de Educação Física. Os/as alunos/as podem escolher, de acordo com a disponibilidade de vagas, algum esporte para se aprofundar no contraturno escolar.

A seleção dos alunos, ao contrário de outros lugares onde visam o esporte de rendimento/competição, não é de acordo com o nível de habilidade do aluno. Geralmente, quando tem mais procura do que vagas é realizado um sorteio. Nós pensamos que, ao contrário do que é feito, são justamente os alunos com menos habilidades, os que mais necessitam deste aprofundamento e especialização no Esporte.

As aulas do Esporte Escolar são feitas de maneira mais objetiva com os fundamentos técnicos, táticos e físicos do esporte. Até aqui o projeto acontece nas tardes de sexta-feira o que para os alunos marca de uma maneira festiva e feliz o início do fim de semana. Os alunos se motivam muito ao fazer o esporte escolar por terem a oportunidade de jogar em outras escolas, clubes e centros esportivos da cidade; assim como existe a possibilidade de disputar Jogos Regionais e municipais tais como JEMG (Jogos Escolares Mineiros).

O Jigin proporciona vivências as quais são extremamente significativas para os alunos e para nós, enquanto professores.

Ao longo desses anos, tive a oportunidade de trabalhar com o Esporte Escolar nos anos de 2018, 2019, 2022. E talvez, foi no esporte escolar onde pude ter a vivência mais significativa da minha vida enquanto professor, pelos vínculos formados com os alunos, já que trabalhamos com eles nas aulas regulares, no esporte escolar e nas competições e/ou viagens.

Trabalhei com duas disciplinas no esporte escolar: Basquete Misto e Iniciação Esportiva Universal.

Tivemos uma equipe excelente de Basquete, com alunos que foram formados exclusivamente no Esporte Escolar, o que é difícil de acontecer em outras escolas privadas e até públicas. Muitas escolas particulares matriculam o time inteiro de um clube na escola e depois vão participar de competições escolares, mas os alunos de fato nem treinam na escola, treinam no clube, mas a escola acaba ganhando os méritos pelas vitórias.



Equipe de Basquete –
Esporte Escolar 2019.
Foto: do autor.



Amistoso do time de
Basquete masculino da ESEBA
contra o Sesi em 2019. Foto:
do autor.



Jogo entre o time feminino de
Basquete da ESEBA e as atletas
da Atlética da FAEFI (UFU) em
2019. Foto: do autor.



Participação da equipe de
basquete masculino em um
torneio organizado pelo SESI
em que ficamos com 2º lugar
em 2018. Foto: do autor.

Disputamos uma série de amistosos com outras escolas e até clubes. Além de termos participado de alguns torneios e do JEMG etapa municipal em 2019 em Uberlândia em que infelizmente não conseguimos ganhar.

Conseguimos um feito: formar uma equipe feminina de Basquete e disputamos alguns amistosos. Tivemos que jogar com equipes universitárias porque não existia equipes de basquete feminino em Uberlândia.

O Basquete para mim sempre foi meu esporte coletivo favorito e trabalhar com ele foi de um aprendizado enorme pois pude através dos meus conhecimentos prévios e os adquiridos aqui durante a ESEBA, principalmente com professor Cleber Casagrande e meus alunos realizar um sonho de ter uma equipe muito competitiva, mas ao mesmo tempo inclusiva. Tivemos vários alunos que entraram sem nenhuma experiência e conseguiram gostar do esporte e praticá-lo de maneira considerável após sua estar no Esporte Escolar.

Sinto muito orgulho de todo trabalho que desenvolvi durante meu período a frente do Basquete no Esporte Escolar, principalmente com a afetividade com as crianças e o tanto que muitas vezes servi de exemplo para elas e ao mesmo tempo aprendi bastante com a convivência.

Além do Basquete, quando iniciei trabalhar no esporte escolar após várias pesquisas e discussões na área e resolvemos ofertar uma modalidade até então nova na ESEBA, que é a iniciação esportiva universal. Uma modalidade baseada nos estudos de um autor chamado Pablo Greco da UFMG em que se prioriza para crianças até 12 anos uma vivência generalizada de esportes, sem especialização.

Assim, os alunos tem oportunidade de vivenciar vários esportes tais como futebol, handebol, basquete, vôlei e peteca, além de jogos pré desportivos tais como carimbada, dentre outros. Assim, os alunos de até 12 anos só podiam escolher esta modalidade. Após os 12 anos, eles escolhiam uma modalidade específica para praticar.

Nós também fizemos diversos amistosos com as equipes da iniciação universal e foi muito proveitoso e divertido trabalhar com essa faixa etária.

Das turmas que trabalhei no Esporte Escolar, tive o privilégio de acompanhar de perto o brilhante trabalho realizado pela minha amiga Sumaia Marra em 2019. Ela trabalhava juntamente comigo nas turmas de Iniciação Esportiva Universal e ainda era responsável pelas equipes de Handebol masculina e feminina.



Amistoso/Festival de Handebol da turma de Iniciação Universal aos Esportes com a Escola da Criança em 2018. Foto: do autor.

Abertura da etapa microrregional do JEMG em 2019, na cidade de Araporã (MG). Nossa time de Handebol representou a delegação de Uberlândia na cerimônia. Foto: do autor.



Time de Handebol feminino foi campeão da Etapa Microrregional do JEMG em 2019, ocorrido na cidade de Araporã.



Momentos de tensão em um jogo na etapa regional do JEMG que aconteceu em Uberaba em 2019. Foto: do autor.

Quando as alunas do time de Handebol feminino da ESEBA ganharam o JEMG, elas viraram celebridade na ESEBA e ajudaram os professores a ensinar Handebol para os alunos mais novos.



Foto do time durante etapa regional do JEMG que aconteceu em Uberaba em 2019. Foto: do autor.

Neste ano, nós participamos do JEMG e como disse anteriormente o Basquete foi eliminado na etapa municipal de Uberlândia. Já o Handebol feminino conseguiu vencer a etapa municipal e se classificou para etapa microrregional que aconteceria em Araporã-MG.

Geralmente, quando ocorre uma viagem por esportes na ESEBA é necessário que mais de um professor acompanhe os alunos e então fui escolhido para ser auxiliar técnico da Sumaia durante a viagem e a competição. Eu considero este trabalho o mais significativo que tive aqui na ESEBA, pois muita coisa reverberou dele.

As meninas competiram e foram campeãs desta etapa, classificaram para a etapa regional que aconteceu em Uberaba, láforam até as quartas de finais e ainda jogaram como convidadas a etapa estadual que ocorreu em Uberlândia. Todo esse convívio fez com que criássemos um vínculo afetivo que dura até hoje e esse trabalho começou a incendiar a ESEBA para com um espírito esportivo.

As meninas tornaram-se uma espécie de “celebridade” na escola e todo mundo queria fazer esporte por causa delas. Foi uma época extremamente positiva para o esporte na ESEBA. Todas as turmas do Esporte Escolar lotaram e a alta procura fez com fizéssemos parcerias para abrir horários extra no esporte escolar.

Outras equipes de treinamento começaram a chamar as meninas para treinar em outros lugares. Algumas chegaram a atuar profissionalmente. Então este caso é um dos casos que mostra que o incentivo na hora e idade certa podem causar uma profunda transformação social.

Por isso, é tão necessário que os alunos tenham um tempo fora do período de aula para se dedicarem ao que mais gostam de fazer. Defendo aqui o esporte, por ser da minha área, mas a escola que preza pelo protagonismo estudantil deve oferecer variadas coisas tais como arte, cultura, ciência e tecnologia.

6.2.4 Ensino por Ciclos

O ensino na ESEBA ocorre por ciclos de desenvolvimento e não por anos de ensino de acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola. Algumas vantagens do ensino por ciclos incluem: o maior respeito ao desenvolvimento da criança e ao seu tempo de aprendizagem, uma avaliação mais processual e formativa, um ensino menos fragmento dentre diversas outras.

Mesmo com alguns avanços concretos no sentido do ensino por ciclos que escola fez tais como: organização dos currículos e objetivos de ensino por ciclo, reuniões de planejamento coletivo e diálogos no ciclo, muitas coisas ainda funcionam na lógica dos anos de ensino ainda. Acredito que seja difícil, mesmo para uma escola como ESEBA, romper totalmente com a lógica de uma escola seriada porque talvez as pessoas se sintam inseguras em experimentar algo que nunca viveu.

Assim, ao longo do ano de 2018 nas conversas de intervalo com minhas queridas amigas e companheiras de trabalho Sumaia e Vickele, onde era o momento que falávamos sobre assuntos variados da vida pessoal e também de utopias de como a escola poderia ser, surgiu um questionamento acerca do ensino por ciclos: “E se, em nossas aulas a gente misturasse os alunos do ciclo?”, ou seja, durante as aulas de Educação Física alunos do mesmo ciclo, mas de anos diferentes misturassem nas nossas aulas.

Dessa forma, alunos do 4º ano fariam a aula juntamente com os do 5º, os do 6º com os do 7º e os do 8º ano com os do 9º. Essa seria uma forma de concretização máxima do ciclo já que os alunos do mesmo ciclo fariam as mesmas aulas e inclusive na mesma turma. Nasceu com essa proposta uma pesquisa sobre essa nova forma de materialização do ensino podendo ajudar a escola como um todo neste movimento de rompimento total do ensino seriado.

Sabíamos que isso funcionava por exemplo prático, pois nas aulas de Esporte Escolar no contraturno os alunos já praticavam a mesma modalidade mesmo com diferenças de até 2 anos de ensino. Uma pesquisa feita pela professora Sumaia; a qual eu também participei; mostrou que a tutoria (aqui, alunos mais velhos nas aulas com os mais novos) melhorava a aprendizagem já que a fala dos pares é melhora este processo de ensino-aprendizagem.

Depois disso, começamos a pensar em maneiras de fazer isso sem que atrapalhasse as demais aulas da escola. E entendemos que a maneira que poderia dar certo seria a seguinte: os 3 professores do turno da manhã precisariam dar aula nos mesmos horários e sempre com 2 turmas de um ano de ensino e outra turma do ano de ensino seguinte do mesmo ciclo. Portanto, para exemplificar: duas turmas de 4º ano com uma de quinto ano e assim por diante.

Assim, reunimos diversas vezes e fizemos vários exercícios para ver qual mo-

do funcionaria sem atrapalhar o andamento das demais aulas e chegamos em um modelo que funciona até hoje. Fizemos a proposta, que foi aprovada pelo conselho da escola e começamos a funcionar com as “aulas cílcadas” a partir de 2019. Juntamente com as aulas, realizamos também uma pesquisa contínua de avaliação do modelo com a participação dos professores, alunos e estagiários envolvidos nas aulas, em que falarei no capítulo sobre pesquisa na ESEBA.

Acredito que ter vivido essa implementação um dos momentos mais marcantes na minha trajetória na ESEBA, pois conseguimos mudar nossa própria prática através um modelo que acreditamos ser mais democrático, inclusivo e inovador.

E talvez esse seja um grande diferencial de estar em um colégio de aplicação. Pois temos mais facilidade em romper com ensino cartesiano, tradicional e implementar propostas e pesquisas que interferem diretamente na nossa práxis.

6.3 Pesquisa

Ao chegar na ESEBA percebi que a pesquisa e o ensino se misturam muito, o que considero positiva, uma vez que a própria prática pedagógica do professor torna tema central de sua pesquisa, que qualifica por sua vez, mudanças positivas no processo de ensino aprendizagem.

Isso é de fato muito legal pois o professor, torna-se professor-pesquisador e a transformação pedagógica vira de fato o principal objetivo da pesquisa.

Fiquei admirado ao ver, assim que cheguei, que todos os/as professores/as da área de Educação Física tinham projetos de pesquisa próprios e que estes projetos tratavam justamente de alguma questão da prática pedagógica. Sumaia tinha uma pesquisa sobre tutoria em que participei diretamente, uma pesquisa que levava os alunos do 7º ou 8º ano para “ajudar” nas aulas de Educação Física com os alunos do 2º período e 3º ano. Vickele realizava uma pesquisa sobre “rotas de aprendizagem” na Educação Física e em outras disciplinas. Tiago realizava pesquisas sobre avaliação formativa nas aulas de Educação Física. Leandro pesquisava sobre maneiras de aumentar a inclusão de aluno do PAEE e, Cléber pesquisava sobre as metodologias de ensino dos esportes no projeto esporte escolar.

Todo esse “boom” de novas informações fez mudar minhas perspectivas sobre pesquisa. Tentando, a partir de então pensar minha própria prática pedagógica como tema de pesquisa e não esquecendo toda formação que tive tanto na área de saúde/biológica quanto na formação humana (dança, atuação no mestrado profissional, atuação no IFSP etc.).

Assim, descrevo agora as principais pesquisas ou pesquisa-ações que desenvolvi desde que cheguei na ESEBA: Projeto Saúde na Escola, Metodologias Ativas no Ensino de Educação Física, Qualidade de vida na Eseba, Ensino por Ciclos.

6.3.1 Projeto Saúde na Escola

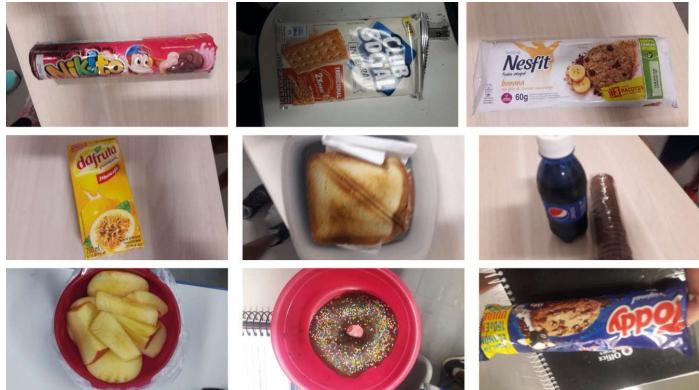
Chegando na Eseba, entre várias coisas que eu admirava, tinha o lanche. Lanche de escola pública é episódio a parte, porque geralmente é muito gostoso e atualmente é também muito nutritivo graças a atuação dos profissionais da nutrição e do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) que garante uma alimentação saudável.

Então, sempre estava no lanche, primeiramente para comer e assim consequentemente observar os alunos durante este momento. Assim, ficava observando que muitos alunos ao invés de comerem o lanche da escola, traziam lanches e geralmente eram produtos de alta densidade calórica e industrializados. Mas o que me chocou foi um dia que uma aluna do 3º ano levou um lanche do McDonald's para comer no recreio. Sendo este o primeiro centelho para a pesquisa.

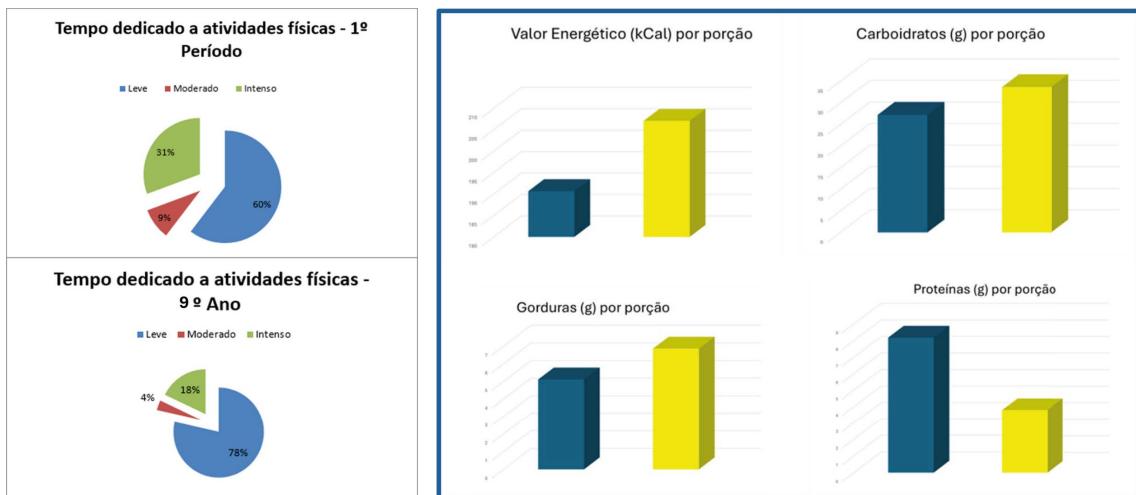
O segundo veio de uma fala de um aluno que migrou do turno da tarde (3º ano) para o turno da manhã (4º ano). Um dia encontrei este aluno a tarde e quanto eu dava aula para outra turma e ele me disse: “Que saudade de estudar a tarde” eu Respondi perguntado “Por que, fulano?” e ele me disse que era mais feliz a tarde pois tinha tempo de brincar. E imaginei, qual espaço/tempo escolar os alunos tem para brincar e movimentar livremente no período da manhã.

Decidi escrever um projeto para englobar esses dois fatores que compõe a saúde escola: qualidade do lanche trazido pelos alunos e quantidade de movimento realizado ao longo dos anos escolares. O projeto foi aprovado e tive a mais grata surpresa ao selecionar os alunos (acadêmicos) em que o selecionado foi um ex-aluno meu do IFSP

de Sertãozinho-SP. Ele residia em Uberlândia, para cursar a graduação em Educação Física. De bolsista de extensão no IFSP e passou a ser meu bolsista de pesquisa na ESEBA.



Exemplo dos lanches trazidos pelos alunos.
Foto: do autor.



O tempo dedicado para atividade física intensa e moderada cai consideravelmente do 1º período ao 9º ano.

Resultados sobre lanche: os trazidos pelos alunos (amarelo) apresentam maior quantidade de calorias, carboidratos e gordura e menor quantidade de proteína do que o lanche oferecido pela ESEBA (azul), o que indica pior qualidade nutricional. Todos os resultados foram estatisticamente significativos ($p<0,05$) usando o test T de student para amostras não pareadas. Fonte: do autor.

Descobrimos que os lanches trazidos pelos alunos têm uma qualidade nutricional pior do que a escola oferece. Somado ao fato de ver a diminuição dos espaços e tempos para o movimento corporal ao passar dos anos na ESEBA.

O trabalho foi muito bacana, reverberou muitas ações como a divulgação dos resultados para as famílias, apresentação em congressos e em feiras de divulgação científica.

Este projeto me aproximou dos professores e grandes amigos Christian e Clárice com o grupo de estudo deles chamado então de GEPEI (Grupo de Estudos em Espaços Educativos Inovadores). Um grupo de estudo com os próprios alunos da ESEBA enquanto pesquisadores. Com a nossa união, tínhamos o nós (professores), o Gabriel (acadêmico da graduação) e os alunos da ESEBA no mesmo grupo e desenvolvendo uma pesquisa intergeracional, fato por si só muito relevante. Apresentamos o resultado deste trabalho no CONANE em Brasília.

Gabriel Prezoto apresentando os resultados do trabalho em um evento de divulgação científica da UFU que ocorreu em 2019.



Apresentando os resultados do trabalho no evento CONANE em Brasília em 2019.



6.3.2 Projeto Metodologias Ativas

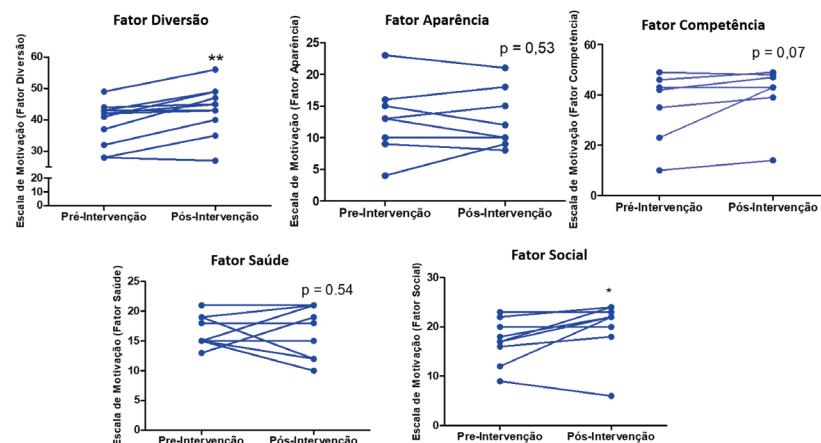
Pouco antes de chegar na ESEBA estava estudando, no grupo de estudos que fazia parte do mestrado ProfEPT, sobre as metodologias ativas de ensino. Minhas orientações seriam nesta linha de pesquisa. Assim, quando cheguei escrevi um projeto de Iniciação Científica o estudo das metodologias ativas nas aulas de Educação Física.

O projeto foi classificado no Edital da PRP em 2018 e demos início ao projeto, com a bolsista de IC Lorraine Rezende, uma acadêmica do curso de Educação Física.

Neste projeto estudamos o ensino baseado em problemas durante as aulas do Esporte Escolar. Assim, os alunos levantam “problemas” que eles enxergavam possuir no processo de ensino-aprendizagem e através da mediação do(a) professor(a)/bolsista soluções para aquele problema levantado.

Avaliamos a motivação dos estudantes antes e depois da intervenção pela metodologia e vimos que a motivação melhorou em vários aspectos, sugerindo que a adoção desta metodologia no ensino da Educação Física e Esportes pode ajudar na autonomia e dedicação dos estudantes.

Utilizamos um questionário para avaliar a motivação que avalia esta dimensão em 5 fatores: diversão, competência, aparência, saúde e social, onde podemos perceber diferenças significativas em 2 destes fatores, enquanto em outro uma tendência de melhoria, assim como mostram os resultados abaixo:



Esta figura mostra como estava a motivação antes e após a intervenção sob a metodologia da problematização. Houve melhora significativa ($p<0,05$) nos fatores Diversão e Social e uma tendência de melhoria no fator competência ($p=0,07$). Foi aplicado um teste estatístico de t-student para amostras repetidas.

Fizemos também uma avaliação qualitativa com os estudantes do método de ensino.

Este projeto foi muito interessante, por ser o meu primeiro projeto na área de educação/ensino e por conseguir financiamento. Mesmo tendo estudado bastante o tema, o jeito que pensei a pesquisa é muito diferente do que é feito geralmente nesta área do conhecimento (talvez mais cartesiano), provavelmente pela minha experiência prévia na área de biológicas/saúde. Essa forma de pensar a pesquisa e depois de escrever os artigos a ela relacionada gera uma dificuldade de compreensão quando submetemos os artigos para as revistas especializadas da área.

Assim, esse projeto gerou 2 artigos que ainda estão em fase de publicação.

6.3.3 Qualidade de vida

Em 2020 e 2021, escrevi um projeto sobre qualidade de vida na ESEBA. A ideia inicial era fazer uma pesquisa interinstitucional com a ESEBA, uma escola pública do ensino municipal de Uberlândia e outra escola na Finlândia através de uma parceria que existia entre a ESEBA e a universidade de Tempere na Finlândia.

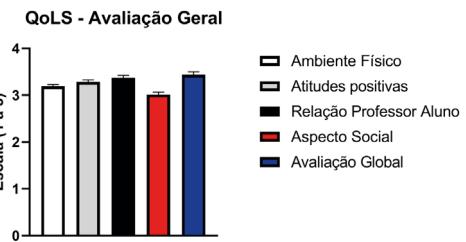
O projeto também foi contemplado com uma bolsa de Iniciação Científica pelo CNPq (PIBIC-UFU) para alunos da graduação, onde o bolsista continuou sendo o Gabriel Prezoto e conseguimos pela primeira vez uma bolsa para aluno da ESEBA (antes não existia essa possibilidade na UFU) em que o bolsista foi o aluno integrante do GEPEI, Henry. Este trabalho também foi uma parceria com o GEPEI, coordenado pelo professor Christian.

Acontece que no decorrer daquele ano (2020), entramos na pandemia de COVID-19 e o trabalho teve que ser completamente readequado para realidade on-line. Com isso, algumas portas se fecharam e não conseguimos a parceria com as demais escolas e realizamos a pesquisa somente na ESEBA, através de formulários on-line.

Avaliamos a qualidade de vida através de alguns questionários: qualidade de vida geral (WHOQUOL), qualidade de vida na escola (QoLS), nível de atividade física (IPAC) além de perguntas abertas sobre como era a qualidade de vida antes e durante o período da pandemia.

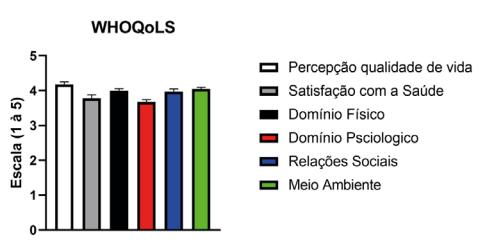
Conseguimos avaliar um total de 120 alunos entre 10 à 14 anos, dos quais apresento os principais resultados:

Qualidade de Vida na Escola



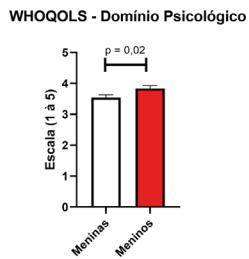
Qualidade de vida na escola. Destaca-se uma avaliação geral boa na qualidade de vida na escola, com destaque para o aspecto social mais baixo, provavelmente pelo efeito do isolamento social vivido na época.

Qualidade de Vida Geral



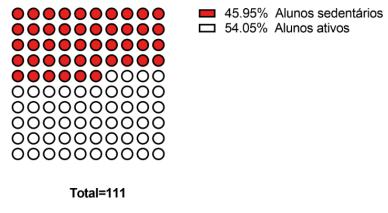
Qualidade de vida Geral. Destaque para o domínio psicológico mais baixo, provavelmente pelo efeito do isolamento social vivido na época.

Qualidade de Vida Geral



Qualidade de vida Geral. No domínio psicológico as meninas apresentavam percepção de qualidade de vida inferior aos meninos. Fato que precisa ser melhor investigado.

IPAC



Nível de Atividade Física (IPAC). Na época quase metade dos alunos eram classificados como sedentários.

Somado aos questionários que já eram validados, perguntamos como os/as alunos/as avaliavam sua qualidade de vida antes e durante a pandemia e classificamos os resultados em Unidades de Significado:

Unidades Significado	Descreva como você percebe sua qualidade de vida, antes da pandemia.	Descreva como você percebe sua qualidade de vida, durante a pandemia.
Boa	44	21
Maior Locomoção	3	8
Mais Ativo	7	-
Pouco Ativo	1	9
Ativo	16	3
Contato	15	11
Rotina	2	-
Rotina Agitada	6	-
Rotina Tranquila	5	-
Normal	1	-
Desorganizada	1	-
Liberdade	1	-
Era Melhor	4	-
Ótima	5	2
Sono ruim	1	-
Razoável	2	-
Legal	1	-
Ruim	1	-
Melhorando	1	2
Muito Boa	12	5
Pode Melhorar	-	3
Falta de Energia	-	3
Piorou	-	5
Estudos	-	1
Estável	-	4
Mudanças	-	9
Saúde Mental	-	6
Tranquila	-	1
Péssimo	-	4
Angústia	-	1
Alimentação Ruim	-	1
Rotina Difícil	-	2

Como percebemos, apreceram várias Unidades durante a pandemia que não constavam antes da pandemia. Mostrando o momento difícil vivenciado pelos alunos àquela época.

Esta pesquisa também foi muito importante pois conseguimos fazer ela durante a pandemia, fato que eu achava impossível quando começou a pandemia. Conseguimos nos reorganizá-la e adaptá-la para que ela fosse feita apesar do isolamento social. Incluímos o tema da própria pandemia que não estava no escopo inicial.

6.3.4 Ensino Por Ciclos

Como havia escrito no capítulo sobre ensino. Essa é uma pesquisa em que há uma interseção direta entre pesquisa e ensino, ou seja, o ensino é o próprio tema da pesquisa, que por sua vez o qualifica e retroalimenta, fazendo o que deveria indispensável a toda universidade a indissociabilidade entre ensino e pesquisa.

A pesquisa nasce justamente da mudança que se concretizou em 2019 com as aulas de educação física acontecendo de maneira ciclada. Com essa nova formatação iniciamos também um processo de pesquisa avaliação juntamente com os alunos, professores e estagiários que frequentaram estas turmas.

O processo de ensino e pesquisa se misturam muito e vou relatando aqui como as coisas foram acontecendo na ordem cronológica.

A começar pelos objetivos que traçamos:

- Promover integração entre alunos de diferentes idades a fim de aumentar as possibilidades de aprendizagem dos mesmos;
- Avaliar o processo de ensino e aprendizagem somente após a passagem do aluno pelo ciclo completo (2 anos);
- Contribuir com a Escola no desejo explicitado no PPP em caminhar para uma escola efetivamente em ciclos;
- Avançar com a pesquisa da área sobre a verticalização do currículo a partir da experiência de um professor por tema de ensino.

Para começar a concretizar estes objetivos trabalhamos em exercícios de como realizar esta ciclagem das turmas nas aulas de Educação Física e chegamos na seguinte solução:

2º CICLO		
EIXOS TEMÁTICOS	CONTEÚDOS	PROFESSOR(A)
1. ESPORTES COLETIVOS 1 (EC 1)	1. Handebol 2. Basquete 3. JOGIN	<i>Bruno (B)</i>
2. ESPORTES COLETIVOS 2 (EC 2)	1. Voleibol Tradicional 2. Voleibol Sentado 3. JOGIN	<i>Bruno (B) Sumaia (S)</i>
3. ESPORTES INDIVIDUAIS 1 (EI 1)	1. Bocha 2. Peteca	<i>Vickele (V)</i>
4. ESPORTES INDIVIDUAIS 2 (EI 2)	1. Atletismo (Pista + Marcha Atlética + Cross Country) 2. Tênis de Mesa	<i>Vickele (V) Sumaia (S)</i>
5. JOGOS (JOG)	Jogos Étnico-Raciais	<i>Sumaia (S)</i>
6. GINÁSTICA (GIN)	Ginástica Artística e Rítmica	<i>Vickele (V)</i>
7. LUTAS (LUT)	Capoeira	<i>Sumaia (S)</i>
8. DANÇA (DAN)	Clássicas e Contemporâneas + Qualidade de Vida	<i>Bruno (B)</i>

BIMESTRE	2º CICLO			
	Turma 1 e 2	Turma 3 e 4	Turma 5 e 6	
2019	1º	EC 1 (B)	El 1 (V)	LUT (S)
	2º	LUT (S)	EC 1 (B)	El 1 (V)
	3º	El 1 (V)	LUT (S)	EC 1 (B)
	4º	DAN (B)	JOG (S)	GIN (V)
2020	1º	GIN (V)	DAN (B)	JOG (S)
	2º	JOG (S)	GIN (V)	DAN (B)
	3º	EC 2 (B)	EC 2 (S)	EC 2 (V)
	4º	El 2 (V)	El 2 (S)	EC 2 (B)

Proposta de materialização das aulas cicladas para o ciclo de 2019 à 2020.

A partir de então, começamos a pensar o currículo de maneira bi-anual, como pode-se ver nos quadros acima.

Depois, ficamos refletindo em como realizar a divisão das turmas e definimos um princípio em autonomia e protagonismo dos alunos para esta divisão. Pensamos em algumas características essenciais para composição da turma e imaginando que as turmas teriam que estar equilibradas nestas características, são elas:

- Alegria
- Não gostar de Educação Física
- Gostar de ajudar
- Experiente em esporte/jogos/dança
- Gostar de ser ajudado
- Líder
- Ama Educação Física
- Organizado e disciplinado

Reuníamos as crianças de 3 turmas seriadas (duas de 4º ano e uma de 5º ano, por exemplo) em um único espaço e lá cada criança colocava em si, a característica que ela achava principal. No final deste processo, transformávamos essas 3 turmas seriadas em 3 novas turmas cicladas (com alunos de 4º e 5º ano na mesma turma nova) e cada turma equilibrada em termos de características dos alunos.



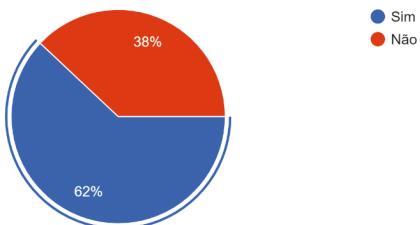
Turmas do 4º ciclo reunidas para a nova divisão em turmas cicladas em 2019.



Após isto, demos início ao ano letivo com todas essas mudanças e avalio pessoalmente que o ensino da Educação Física deu um salto qualitativo pois conseguimos planejar e pensar no ensino de maneira mais coletiva. As aulas eram mais organizadas, as turmas mais organizadas e coesas, dentre diversos outros benefícios. Ao fim do ano realizamos uma pesquisa para saber como os alunos estavam avaliando este novo modelo e podemos ver o seguinte quando perguntamos sobre como era o ambiente de aprendizagem:

O ambiente de aprendizagem da sua turma ciclada é melhor do que o ambiente de aprendizagem da sua turma original?

400 respostas



Se sim, justifique:

- *Pois essa turma que estamos agora é mais estruturada (6º ano)*
- *Porque é bom se misturar com outras pessoas (7º ano)*
- *Por que acho que essa turma não aponta os erros de ninguém (7º ano)*
- *Pois o ambiente coletivo fica muito mais harmonioso (6º ano)*
- *Por que juntamos ideias, ciclamos e compartilhamos (9º ano)*
- *Porque fazer aula com pessoas diferentes e novas é legal (4º ano)*

Se não justifique:



Acho que porque nós convivemos mais tempo, então nos conhecemos melhor. Ai é um pouco ruim quando tem pessoas de outra turma, então prefiro do modo original (7º ano)



Porque nos ficamos isolados dos outros sextos. (6º ano)



Não conheço a maioria das pessoas nessa nova sala (9º ano)



Não tem meus amigos e eles não prestam atenção (5º ano)

Além disso, nós enquanto professores fizemos a seguinte avaliação:

1. Melhor ambiente de aprendizagem
 - a) Alunos mais concentrados
 - b) Menos conflitos... A aula flui melhor... Menos interrupções
 - c) Oportunidade interessante para os alunos novatos
 - d) Esforço para fazer novas amizades
 - e) Nova chance para os excluídos
2. Para pesquisa sobre currículo
 - a) Possibilidade de centralizar o olhar e o estudo para um tema de ensino
 - b) Melhorar a percepção sobre os saltos qualitativos do conhecimento de um ciclo para outro
 - c) Minimizamos a hegemonia do esporte no currículo e a ideia dos temas de ensino ficaram mais claros
3. Para organização da área e do professor
 - a) Terminamos a aula da manhã mais tranquilos, com menos cansaço
 - b) Distribuição do espaço físico ficou mais fácil
 - c) Maior necessidade de conversas sobre as reuniões dos ciclos
 - d) Dificuldade em memorizar os nomes e as turmas originais dos alunos

Esta pesquisa rendeu alguns frutos, vários estagiários e pibidianos estudaram sobre ela. Nós mesmos já publicamos um trabalho completo no congresso do CBCE em 2023. E ainda continuamos a pesquisa porque aulas ainda permanecem neste sistema.

6.4 Extensão

Assim como nas outras áreas, fui também na extensão me adaptando as normas e regras da UFU e da ESEBA até conseguir propor algum projeto novamente.

Vejo que a grande vantagem de fazer extensão na ESEBA e na UFU é justamente a possibilidade de interseção com os cursos de graduação, estabelecendo parcerias com bolsistas e professores de outras unidades acadêmicas. Acho que isso, dá um salto enorme na qualidade do projeto a ser ofertado.

Por outro lado, em comparação com IFSP eu achei mais difícil conseguir financiamento da extensão. Pois no IFSP, por exemplo, existia um edital de extensão geral para todos os Campi e um edital específico pro Campus Sertãozinho. Fazendo uma comparação com aqui, seria o mesmo de ter um edital pra UFU em geral e outro edital específico para ESEBA.

Apesar deste ponto negativo, acredito que aqui na ESEBA consegui realizar uma extensão bem mais qualifica justamente pela possibilidade de parceria com as outras unidades acadêmicas.

Vou relatar aqui, alguns projetos que participei e participo e meu principal projeto de extensão que é o Dança ESEBA (MoviMENTarte).

6.4.1 Meditação

No ano de 2022, participei do projeto de extensão “Medit(ação) para Todos: inspirar, expirar...aprender e transformar”, coordenado pela professora Sônia Bertonni da FAEFI.

Gosto de falar deste projeto, porque é um tipo de projeto que faz o que toda extensão deveria fazer. Ir para comunidade, transformar a prática e ressignificar

a ação. Além de estar muito presente nesse projeto a indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão.

A meditação vem ganhando muitos adeptos na educação depois de várias práticas terem sido premiadas. Assim, a ideia inicial do projeto era capacitar os professores das redes públicas de ensino de Uberlândia através de práticas de meditação para que depois os mesmos fossem capazes de replicar essas práticas no contexto de sala de aula.

Participei de duas etapas deste projeto: a capacitação e a replicação das práticas para os alunos da ESEBA.

Entendi que é muito importante e ajuda tanto os alunos quanto o professor a ter mais calma e menos ansiedade durante as aulas, deixando as aulas mais organizadas.

Este projeto ainda continuou com início de uma pesquisa que avaliou os alunos participantes da meditação o que gerou a publicação de trabalhos científicos tais como a publicação de capítulos de livro. Nesta última etapa não estive presente, apenas por incompatibilidade de horário.



Prática de meditação nas aulas da Educação Infantil, juntamente com o professor Tiago Alves em 2023. Foto: do autor.

6.4.2 Jornal Diário de Ideias

O Diário de Ideias é um programa de extensão que é derivado dos estudos de Doutorado da professora Luciana Muniz. Ao longo de sua tese, ela desenvolveu este método para alfabetizar as crianças ao qual o protagonismo e a subjetividade da criança são levados em consideração. Através deste método, ela ganhou o prêmio de melhor professora do Brasil em 2018.

A partir daí nasce o projeto de extensão que depois vira programa de extensão, sendo institucionalizado pela UFU. Assim, o programa possui varias ações como formação de professores de outras redes, implementação do diário de ideias na ESEBA, podcast, seminário, diário de ideias na era digital e por fim o Jornal Diário de Ideias que é onde faço pequena contribuição para este programa tão grandioso.

O Jornal Diário de Ideias é um jornal infanto-juvenil com periodicidade mensal em que se publica eventos, atividades, aulas e demais acontecimentos escolares interessantes. Atualmente, sou um dos editores da sessão de Linguagens, sendo responsável por elaborar e revisar reportagens desta área.

6.4.3 Dança ESEBA

O Dança ESEBA surge na minha ânsia em dar continuidade ao trabalho que havia começado no IFSP com o projeto de dança de lá. Assim, escrevi o projeto ao longo de 2018 para que o mesmo tivesse início a partir de 2019.

Eu acredito que cada experiência com um projeto de extensão, vai nos habilitando e nos preparando melhorarmos a condução do projeto. Então, acho que o Dança ESEBA é um projeto mais profissional, mais organizado, mais estruturado, com mais ações acontecendo ao longo do ano.

O objetivo do projeto continua sendo levar uma formação cultural para população Uberländense através do oferecimento de aulas de danças de diferentes estilos para atingir diferentes corpos. Desde crianças até idosos.

Assim o projeto já contou com 3 edições: 2019, 2023 e 2024. Cada edição com sua peculiaridade, mas todas com muito êxito em suas ações. Sempre temos muitas inscrições e precisamos sortear quais pessoas poderão frequentar as aulas.

As aulas acontecem semanalmente durante 3 à 8 meses de projeto, o que faz criar um vínculo muito forte entre os participantes e abre as portas da ESEBA para a comunidade em geral conhecer e estar presente no dia a dia da escola.

Ao final do projeto, encerramos o mesmo com uma mostra de Dança, que já aconteceu na própria ESEBA e num cineteatro em Uberlândia.

Organizamos nos anos de execução uma avaliação do projeto para saber as impressões que as pessoas têm do projeto, da ESEBA, das aulas de dança em si. E é realmente muito transformador e gratificante trabalhar com dança, pois podemos ver como um pouquinho de dança na vida das pessoas podem mudar completamente sua visão de mundo e sua qualidade de vida.

Além de coordenador do projeto, eu ainda atuo como professor do que estou chamando de Dança Fitness, onde a gente trabalha um pouco de funk, pagode baiano, axé, dentre outros ritmos brasileiros. Em cada edição tivemos uma diversidade enorme de danças oferecidas a depender das parcerias estabelecidas em cada uma.

Em 2019, tivemos duas oficinas diferentes de dança fitness, dança contemporânea, dança do ventre e danças urbanas.

Em 2023, que foi a edição mais completa de todas tivemos: dança fitness, ballet infantil, jazz infantil, sapateado juvenil, dança do ventre, K-Pop e dança circular.



Folder de Divulgação do Projeto Dança ESEBA em 2019.



Aula de dança fitness da professora Jessica Curtt no Dança Eseba 2019. Foto: Acervo Pessoal



Aula de danças urbanas com professor Tasciano no Dança Eseba 2019. Foto: Acervo Pessoal



Aula de danças do ventre com a professora Milane no Dança Eseba 2019. Foto: Acervo Pessoal



Aula de danças dança fitness comigo no Dança Eseba 2019. Foto: Acervo Pessoal

Aula de sapateado Juvenil e ballet infantil ministradas pela professoras Carol Mozetti e Camila Floro respectivamente em 2023. Foto: Acervo Pessoal



Aula de Dança do Ventre ministradas pela professora Milane Natália em 2023. Foto: Acervo Pessoal



Aulas de K-Pop (à esquerda) e Jazz Infantil (à direita) ministradas pela professoras Andressa Monique Camila Floro respectivamente em 2023.
Foto: Instagram do Projeto @movimentarte



Aulas de Dança Circular (à esquerda) e Dança Fitness (à direita) ministradas pelos professores Klenio e Bruno respectivamente em 2023. Foto: Instagram do Projeto @movimentarte

Na edição de 2023 tivemos ainda duas ações para o público que não estava participando diretamente das aulas. A primeira ação foi uma aula aberta onde cada professor/a ministrou um pouquinho do que acontecia nas suas aulas. Foi um momento muito interessante pois os participantes puderam entender como funciona cada dança e também levar outros convidados para aquele momento.

A segunda foi a Mostra de Danças, que aconteceu no anfiteatro da ESEBA como forma de finalização do projeto em novembro de 2023. A mostra contou com apresentação de todos os grupos que fizeram aula no projeto, além de um grupo de convidadas e de estudantes da ESEBA. O tema da mostra foi: "Movimentar a Dança que Habita em Nós" onde cada professor pode mostrar um pouco do que desenvolveu ao longo do projeto com seus alunos.

Aula aberta do projeto em outubro de 2023. Foto: Instagram do projeto @movimentarte



1° MOSTRA DE DANÇAS:

movimentar
- a dança que habita em nós -

17/11 às 19h
anfiteatro eseba/ufu
ingressos disponíveis na bio



Folder de divulgação
da Mostra de Danças
em 2023. Foto:
Instagram do projeto
@movimentarte



COREOGRÁFIAS:

Movimento

Andressa Monique; Bruno Gonzaga; Camila Floro; Carolina Mozeto e Milane Natália.

No mundo mágico das pelúcias

Clara Ferreira Toledo; Ela Sofia Melo Batista; Ináê Teodoro Szmyt; Luiza Biane Silva Soares; Maria Eduarda Fernandes Rech; Maria Tereza Moura Rocha; Merilah Da Paz Pio e Rebeca Bernandes França.

adquareLAS

Alice Gomes Cakoi Mendes; Alice Guimarães Crozatti; Ana Krychala Oliveira; Ana Luiza Souza Reis; Antonela Rodrigues Gomes de Oliveira; Emanuelle Sousa Roberto; Luiza Silva Britto; Maria Clara Gomes Cakoi Mendes e Valentina Rodrigues Gomes de Oliveira.

ESEBA DANCE

Alana Thomas santos; Ana Laura Gonçalves Silva Faria; Ana Vitória de Souza Marques Andrade; Lorena Muniz Franco de Oliveira; Luanny Vitória Obali Vidal e Maria Luiza Simões de Faria.

Zum Zum

Ana Luiza Santos Reges; Helena Matos Carvalho; Maisa Queiroz Santos e Maria Matos Carvalho.

Danças Urbanas

Ana Júlia e Juliana Fernandes.

Liberdade: Vento e vida

Ana Clara Nascimento; Clara Alcântara; Doris Serafim; Milane Natália e Vivianne Tannus.

É sensacional

Bruno Gonzaga; Isabel Sampaio Balduíno Santana; Maria Júlia Martins Chieregato; Simone Aparecida Teodoro Cassiano; Solange Barbalho de Mesquita Almada e Vickele Sobreira.

Rainha de Copas

Andressa Monique; Carla Martins Silva; Isabella Cruz de Oliveira; Isadora Monteiro Diniz; Isadora Vieira Costa; Laura Rodrigues Sousa; Maria Fernanda Xavier e Thuany Narazeth Alves Pereira.

AGRADECIMENTOS

Aos nossos professores e professoras pela disposição, dedicação, responsabilidade e entusiasmo com o projeto.

As famílias por acreditarem, confiarem e apoiarem nosso trabalho.

As nossas bailarinas e bailarinos por toda dedicação e, principalmente, pela superação de cada desafio proposto.

A nossa escola, Eseba/UFU, por apoiar e disponibilizar espaço para as aulas.

Por fim, a todos e todas que, direta ou indiretamente, participaram e colaboraram para abrilhantar nosso projeto.

Folder com o roteiro da Mostra de Dança em 2023 distribuídos aos convidados.

Fonte: acervo pessoal. Criação: Camila Floro

Público
encantado
com a
Mostra.
Foto: Malu
Teodoro





Artistas convidadas
Juliana Fernandes e Ana
Júlia Nicomedes. Foto:
Malu Teodoro



Grupo de Dança do
Ventre na Mostra de
Dança em 2023. Foto:
Malu Teodoro



Publico na Mostra
de Dança em 2023.
Foto: Malu Teodoro



Grupo de Dança Fitness na Mostra de Dança em 2023.
Foto: Malu Teodoro



Grupo de K-Pop na Mostra de Dança em 2023. Foto: Malu Teodoro



Coreografia Movimentar com todos os professores do projeto na Mostra de Dança em 2023. Foto: Malu Teodoro



Grupo Ballet Infantil na
Mostra de Dança em 2023.
Foto: Malu Teodoro



Grupo Jazz Infantil na
Mostra de Dança em 2023.
Foto: Malu Teodoro



Grupo de convidadas na
Mostra de Dança em 2023.
Foto: Malu Teodoro



Grupo Sapateado Juvenil na
Mostra de Dança em 2023.
Foto: Malu Teodoro



Finalização da Mostra de
Dança com todos os grupos
que dançaram. Foto: Malu
Teodoro

Em 2024, a última edição tivemos oficinas de: Pagode Baiano anos 1990 e 2000, Dança do Ventre: Véu Movimentos Iniciais, K-Pop, Sapateado Adulto, Dança de salão: forró e samba, Dança Moderna e Hip-Hop Kids.



Oficina de "Dança do Vento: Véu Movimentos Iniciais" em 2024. Foto: E. Lacerda



Oficina de "Pagode Baiano anos 90 e 2000" em 2024. Foto: Milane Natália



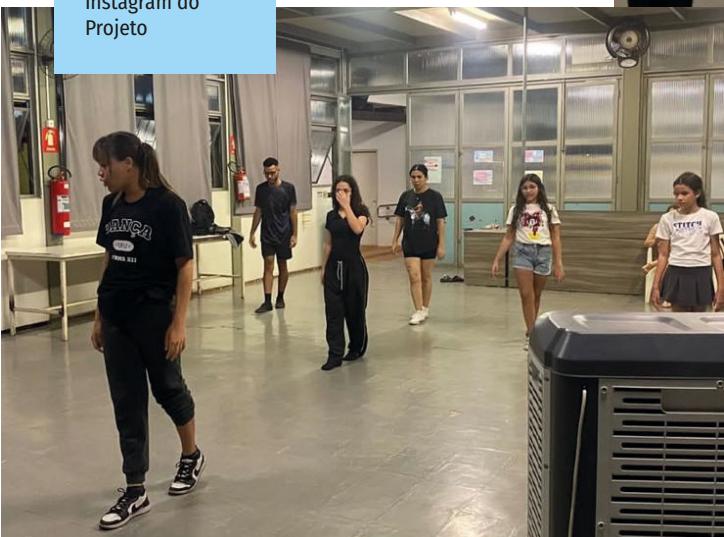
Oficina de "Hip-Hop Kids" em 2024. Reprodução: Instagram do Projeto



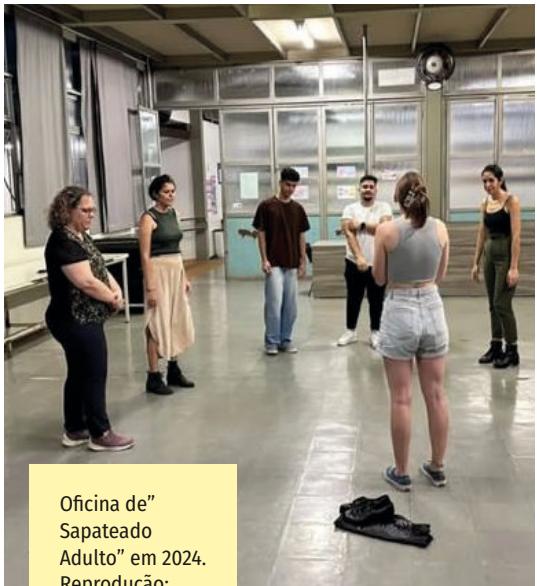
Oficina de "Dança de Salão" em 2024.
Reprodução: Instagram do Projeto



Oficina de "K-Pop" em 2024.
Reprodução: Instagram do Projeto



Oficina de "Dança Moderna" em 2024.
Reprodução: Instagram do Projeto



Oficina de"
Sapateado
Adulto" em 2024.
Reprodução:
Instagram do
Projeto

Folder com o roteiro da Mostra de Dança em 2024 distribuídos aos convidados. Fonte: acervo pessoal.



Em 2024, também realizamos a segunda mostra de dança do projeto que desta vez aconteceu no Cine-Teatro Nininha Rocha em novembro de 2024, que teve o tema: "Dança, o movimento da vida", onde contamos com alguns grupos convidados e grupos que continuaram o movimento das danças do projeto de 2023.



Folder de divulgação
da mostra de Dança do
Projeto no ano de 2024.



Algumas imagens das coreografias apresentadas na Mostra de Dança no Cineteatro Nininha Rocha em 2024. Foto: acervo pessoal.



Professores Produtores da Mostra de Dança em 2024. Da direita para esquerda: Bruno, Milane Natália, Andressa Monique e Carol Mozeto. Foto: do autor

O trabalho com esse projeto foi talvez o mais prazeroso de toda minha carreira aqui na ESEBA. Apesar de amar todo este projeto é impossível negar o quanto trabalhoso ele é de fato. Fiz uma tabela para tentar demonstrar através de alguns números como o projeto é grande e consequentemente, quanto trabalho tivemos para fazê-lo acontecer.

Segue, na tabela 7, um resumo com os números de vagas e inscritos em cada edição do projeto.

Tabela 7: Números principais dos projetos Dança ESEBA em suas 3 Edições.

Projeto de Extensão Dança ESEBA				
	Dança ESEBA- 2019	Dança ESEBA- MOVimentARTE 2023	Dança ESEBA- MOVimentARTE 2024	Total
Coordenação	Bruno G Teodoro, Milane Natália e Daniel Costa	Bruno G Teodoro, Milane Natália e Camila Floro	Bruno Gonzaga Teodoro e Milane Natália	XXXXXXXXXXXX
Número de vagas oferecidas	100	140	160	400
Número de Modalidades oferecidas	5	7	8	20
Número de Inscritos	360	463	120	943
Horas de aulas oferecidas	90	284	20	394
Horas de organização de mostra/aulas abertas	10	30	20	60
Comunidade Externa	55%	69%	52%	XXXXXXXXXXXX
Comunidade UFU	45%	31%	48%	XXXXXXXXXXXX

Foto: do autor.

Este projeto é fruto de muito trabalho coletivo. Apesar da coordenação, sempre contei com professores voluntários. Tanto da ESEBA quanto estudantes de graduação dos cursos de Dança, Teatro e Educação Física no projeto além da minha esposa Milane Natália, que sempre esteve presente desde as edições no Dança IFSP. Sem a parceria de tantas pessoas, nada seria possível.

Sempre ao final do projeto, fazemos uma avaliação dos participantes para saber como o projeto impactou sua vida de alguma forma e destacarei aqui algumas avaliações que considero muito relevantes:

Quando perguntamos:

este projeto impactou de alguma maneira sua vida? Se sim, de que forma?

“Sim. Principalmente a minha auto-estima, e me ajudou muito em meu processo de controle da ansiedade. Me fez sentir viva novamente.” A. (participante em 2019)

“Sim, muito. Como era uma vontade gigantesca para a **XXXX** fazer o ballet eu não tinha condições financeiras para arcar aulas de ballet particulares, com o projeto de vocês isso possível. Muito bom ter esses projetos para que crianças que tenham pouca oportunidade possa conhecer.” (participante em 2023)

“Sim. Contribuiu para eu praticar uma atividade física de forma gratuita além de beneficiar o corpo com movimento e desacelerar a mente.” S.O.G. (participante em 2019)

“Sim. Me ajudou a lidar com a ansiedade e saber q mesmo na dança, há espaço para ser vc mesma, sem pressão de ser perfeita.” T.F. (participante em 2023)

“Sim, o projeto de uma certa forma me fez descobrir a paixão pela dança, que era uma paixão que eu não conhecia, me fez acreditar que eu sou capaz de dançar e me tirou do sedentarismo completo”. L.P. (participante em 2019)

“Sim, a entrega final foi um **ESPETÁCULO** maravilhoso a junção de todas as atividades de dança com integração entre os professores foi excelente. adoramos tudo. Foram quase 6 meses de desafios, aprendizados, renuncia e no final deu tudo certo fantástico.” (participante em 2023)

“Sim, conheci ótimas pessoas e tive bons momentos de lazer e aprendizado.”
B.H.J. (participante em 2019)

“Sim, a partir das aulas consegui somar mais horas de exercícios físicos na minha semana e diminuir os efeitos de problemas relacionados ao estresse e aumento de pressão arterial. Além do aspecto de socialização que contribui de maneira muito significativa para a diminuição dos impactos da rotina estressante que estava alimentando em minha vida.” (participante em 2023)

A partir destas falas sobre o projeto, vejo da importância que a extensão pode exercer na vida da comunidade. Importâncias de diferentes aspectos e fico muito feliz que de certa forma pudemos proporcionar a partir de uma prática que impacta também meu cotidiano de maneira prazerosa.

6.5 Formação Inicial de acadêmicos de licenciatura

A partir de minha chegada na ESEBA, percebo que há uma preocupação essencial aqui que não havia no IFSP, que é a formação inicial de professores através de estágios e outros programas que colocam os estudantes da graduação em contato direto com o colégio.

Talvez pelo fato da própria portaria (Portaria n. 959, de 27 de setembro de 2013) de criação dos colégios de aplicação vinculados às Universidades Federais dizer em seu Artigo 2º o seguinte:

“Para efeito desta Portaria, consideram-se Colégios de Aplicação, as unidades de educação básica que têm como finalidade desenvolver, de forma indissociável, atividades de ensino, pesquisa e extensão com foco nas inovações pedagógicas e na formação docente.”

Então a formação inicial é legalmente o objetivo principal da existência dos colégios de aplicação.

Além disso, temos uma proximidade física com o campus da Educação Física. Ficamos literalmente do lado deste campus o que nos aproxima tanto da estrutura física do campus como dos/as professores/as do curso de licenciatura em Educação Física, o que facilita muito o intercâmbio de estudantes/acadêmicos com relação aos estágios curriculares e com os programas de formação inicial tais como PIBID e residência pedagógica.

Assim, logo que cheguei em 2017, já tinha nas salas que dava aula 3 estagiários curriculares para supervisionar. Esta era uma nova função, que praticamente não tinha feito no IFSP e aprendia a gostar muito desta função de contribuir com a prática de quem está na graduação para se formar como professor.

A supervisão e orientação dos/as acadêmicos pra mim é sempre uma via de mão dupla e o aprendizado é sempre mútuo. Eu aprendo muito com toda supervisão que realizo.

Ao longo desse 8 anos na ESEBA orientei muitos estagiários curriculares, além dos programas de formação inicial tais como o PIBID e a Residência Pedagógica.

Tive a oportunidade de ser supervisor do PIBID em dois editais diferentes: de 2020 a 2022 e agora novamente de 2025 à 2027.

Segue abaixo as orientações que realizei na ESEBA até agora.

Tabela 8: Orientações/supervisões realizadas na ESEBA

	Tipo de Orientação	Ano da Orientação	Título do Trabalho	Aluno(a) Orientado(a)
1	Estágio Curricular	2017	Estágio Educação Infantil	Mariana Luiz de Melo
2	Estágio Curricular	2017	Estágio Educação Infantil	Elizeu Bezerra Caputo Junior
3	Estágio Curricular	2017	Estágio Ensino Fundamental	Lorraine Gomes Rezende
4	Bolsas de Graduação	2018	Programa Saúde na Escola: Avaliação e Prevenção	Gabriel Teixeira Prezoto
5	Iniciação Científica	2019	O estudo das metodologias ativas no ensino da Educação Física Escolar	Lorraine Gomes Rezende

	Tipo de Orientação	Ano da Orientação	Título do Trabalho	Aluno(a) Orientado(a)
6	Iniciação Científica	2020	Qualidade de Vida na Escola: Atividade Física, Nutrição e Estratégias Pedagógicas entre escolas de diferentes contextos	Gabriel Teixeira Prezoto
7	PIBID	2020	Programa Institucional de Iniciação a Docência	Maria Vitoria Paranaíba Borges
8	PIBID	2020	Programa Institucional de Iniciação a Docência	Izabela Iwanow de Souza
9	Estágio Curricular	2021	Estágio Ensino Fundamental	Eliseu Bezerra Caputo Junior
10	Iniciação Científica	2021	Qualidade de Vida na Escola: como a pandemia de COVID-19 pode impactar a percepção de estudantes em diferentes contextos	Gabriel Teixeira Prezoto
11	Iniciação Científica - Ensino Fundamental	2021	Qualidade de Vida na Escola: como a pandemia de COVID-19 pode impactar a percepção de estudantes em diferentes contextos	Henry Lemes Vicenzi
12	PIBID	2021	Programa Institucional de Iniciação a Docência	Guilherme Neres Soares
13	PIBID	2021	Programa Institucional de Iniciação a Docência	Isadora Fernandes
14	PIBID	2021	Programa Institucional de Iniciação a Docência	Karen Cristina Rezende
15	PIBID	2021	Programa Institucional de Iniciação a Docência	Renara Soares Ferreira Silva
16	PIBID	2021	Programa Institucional de Iniciação a Docência	Tainara Marques Ferreira
17	PIBID	2021	Programa Institucional de Iniciação a Docência	Victoria Oliveira Modesto
18	PIBID	2021	Programa Institucional de Iniciação a Docência	Yasmim de Paula Gama

	Tipo de Orientação	Ano da Orientação	Título do Trabalho	Aluno(a) Orientado(a)
19	PIBID	2021	Programa Institucional de Iniciação a Docência	Yasmin dos Santos Almeida
20	PIBID	2021	Programa Institucional de Iniciação a Docência	Erick Jhonatan C. Silva
21	Residência Pedagógica	2021	Programa Residência Pedagógica	Sandy Prata
22	PIBID	2022	Programa Institucional de Iniciação a Docência	Steffany Cardoso da Costa
23	Estágio Curricular	2023	Estágio Pedagogia: Corpo e Movimento	Ana Laura Mendonça Pereira
24	Estágio Curricular	2023	Estágio Pedagogia: Corpo e Movimento	Bianca de Sousa Cardoso
25	Estágio Curricular	2023	Estágio Educação Infantil	Luiza Helena da Silva e Silva
26	Estágio Curricular	2024	Estágio Educação Infantil	Alexandre Rafael de Oliveira
27	Estágio Curricular	2024	Estágio Educação Infantil	Djalma Ramos da Silva
28	Estágio Curricular	2024	Estágio Educação Infantil	Murilo Soares Braga
29	Estágio Curricular	2024	Estágio Educação Infantil	Isabella Canedo Tavares
30	Estágio Curricular	2024	Estágio Educação Infantil	Julia Fe erreira de Souza
31	Estágio Curricular	2024	Estágio Educação Infantil	Luiz Felipe Marcelino Duarte
32	Estágio Curricular	2024	Estágio Educação Infantil	Rafael Alves Melo
33	Estágio Curricular	2025	Estágio Ensino Fundamental	Isabella Canedo Tavares
34	Estágio Curricular	2025	Estágio Ensino Fundamental	Angelo José Palmieri
35	Estágio Curricular	2025	Estágio Ensino Fundamental	Cássio Gozuen Veiga
36	Estágio Curricular	2025	Estágio Ensino Fundamental	Júlio César Nogueira
37	Estágio Curricular	2025	Estágio Ensino Fundamental	Thiago Alves de Sousa
38	Estágio Curricular	2025	Estágio Ensino Fundamental	Vinícius Ferrari Martins
39	Estágio Curricular	2025	Estágio Educação Infantil	Julia Emelyn Brito Mendonça
40	PIBID	2025	Programa Institucional de Iniciação a Docência	Isabella Canedo Tavares

	Tipo de Orientação	Ano da Orientação	Título do Trabalho	Aluno(a) Orientado(a)
41	PIBID	2025	Programa Institucional de Iniciação a Docência	Angelo José Palmieri
42	PIBID	2025	Programa Institucional de Iniciação a Docência	Cássio Gozuen Veiga
43	PIBID	2025	Programa Institucional de Iniciação a Docência	Júlio César Nogueira
44	PIBID	2025	Programa Institucional de Iniciação a Docência	Thiago Alves de Sousa
45	PIBID	2025	Programa Institucional de Iniciação a Docência	Vinícius Ferrari Martins
46	PIBID	2025	Programa Institucional de Iniciação a Docência	Mariana Lemes Caldeira
47	PIBID	2025	Programa Institucional de Iniciação a Docência	Grazielle Santos Trindade
48	PIBID	2025	Programa Institucional de Iniciação a Docência	Julia Mendes
49	PIBID	2025	Programa Institucional de Iniciação a Docência	Jhonatha Ferreira de Abreu
50	PIBID	2025	Programa Institucional de Iniciação a Docência	João Victor Oliveira da Silva

Aqui há uma intersecção latente entre o ensino e a pesquisa onde a nossa própria prática docente é objeto de pesquisa. Assim publicamos vários artigos completos, resumos e resumos expandidos feitos a partir das práticas vivenciadas na sala de aula e na orientação do estágio/pibid/residência pedagógica.

Estas publicações tem uma relação direta com as metodologias, tipos de aulas ou alguma reflexão crítica acerca da nossa própria ação pedagógica como docente.

Assim, este é um processo que é muito importante para a ESEBA e também para os estudantes em formação, pois eles podem trazer os conhecimentos adquiridos

na licenciatura, aplicá-los na escola sob a supervisão de um professor da ESEBA e depois fazer reflexões que transformam em produções científicas de variadas formas. Por outro lado, eles também retroalimentam os conhecimentos adquiridos com a prática docente na escola e levam estes conhecimentos aos professores da licenciatura de tal modo que haja uma aproximação do conhecimento ensinado na Universidade com a realidade escolar.

Esta é uma frente de trabalho que considero fundamental na ESEBA, já que como colégio de aplicação devemos ser o principal campo de aproximação entre a Universidade e a escola e ainda, que produzamos conhecimento com inovação pedagógica.

Além disso, os acadêmicos têm oportunidade de vivenciar o ensino em uma escola com muitas inovações pedagógicas e estas inovações pode influenciar positivamente a futura prática docente quando saírem da universidade.

Ao final do estágio geralmente fazemos uma avaliação mútua onde avaliamos os estagiários/pibidianos assim como somos avaliados por eles/elas.

Destaco aqui algumas avaliações que considero interessantes, quando perguntamos:

“Como você acha que a sua experiência de estágio com o professor-supervisor contribuiu para a sua atuação como futuro professor? Compartilhe aqui alguns recursos que você consegue identificar...”

“O professor-supervisor me ensinou muito a importância de se ter uma rotina e um diálogo com os alunos e como é necessária uma roda de conversa no final de cada aula, para que os alunos possam assimilar o que foi trabalhado. Também aprendi a como lidar com os conflitos nas aulas, e a como explorar os materiais pedagógicos. Para mim foi uma experiência muito válida e pude viver o que era o proposto e muito mais. E me identifiquei muito com a didática do professor Bruno.” (Estagiária em 2024)

“Antes de fazer um estágio ficava meio perdido para lidar com crianças na área escolar, porem percebi nesse estágio que existe uma “linguagem” na área do ensino e acredito que com o professor Bruno ele me fez começar a entender essa linguagem.” (Estagiário em 2024)

“Essa atuação foi fundamental para o início da minha formação, ainda não tinha prática no ambiente escolar e pouca prática com a licenciatura, então tudo ainda é muito novo e começar agora a ser introduzida já na realidade do meu futuro trabalho foi uma oportunidade gigante. Conseguí compreender as faixas etárias que tenho mais facilidade em trabalhar, entendi como funciona as turmas cicladas, consegui entender como lidar com as crianças e as dinâmicas de aula, como montar um planejamento (essa parte ainda estou aprendendo) e também já vivenciei um dos meus maiores medos que é “sair da minha zona de conforto” com a dança, então começar isso logo cedo acho que vai ser fundamental para uma formação com 100% de aproveitamento na faculdade. Porque ouvimos muitas teorias nas aulas da faculdade, mas viver na prática é totalmente diferente.” (Pibidiana em 2025)

“Desde a própria observação das aulas como os supervisores atuam até as conversas nos intervalos ou durante as próprias aulas. A experiência contribui não só para minha atuação como futuro professor, mas também como estudante e profissional em qualquer campo da Educação Física que eu possa vir a trabalhar.” (Pibidiano em 2025)

6.6 Gestão

Minha atuação na gestão na ESEBA se restringiu à coordenação de área e a participações em comissões.

Destaco aqui a participação como coordenador da área de Educação Física no ano de 2020. A coordenação geralmente já não é tranquila, mas naquele ano enfrentamos todas as incertezas com relação à Pandemia de Covid-19 e todas as tentativas iniciais com o Ensino Remoto Emergencial, o que dificultou ainda mais.

Consegui também membro de comissões de representação da ESEBA tais como o Conselho Municipal de Educação, no ano de 2018 e Conselho Superior de Extensão da UFU (CONSEX) em 2019. Além das comissões internas tais como PPP em 2022, Comissão Articulação Família Escola (CAFÉ), dentre outras.

Tabela 8: Principais Publicações acadêmicas da carreira docente (de 2010 à 2025)

	Tipo de Produção	Ano da Produção	Título da Produção	Autores Principais
1	Artigos em Periódicos	2013	Hydrogen peroxide production regulates the mitochondrial function in insulin resistant muscle cells: Effect of catalase overexpression. <i>Biochimica et Biophysica Acta. Molecular Basis of Disease</i> , v. 1832, p. S0925-4439(13)0	Igor Haixibara, Bruno G Teodoro, Leonardo Silveira
2	Artigos em Periódicos	2014	Melatonin prevents mitochondrial dysfunction and insulin resistance in rat skeletal muscle. <i>Journal of Pineal Research</i> , v. 57, p. n/a-n/a.	Bruno G Teodoro, Elaine Vieira
3	Artigos em Periódicos	2014	Body energy metabolism and oxidative stress in mice supplemented with conjugated linoleic acid (CLA) associated to oleic acid. <i>Free Radical Biology & Medicine</i> , v. 75, p. S21	Flávia Baraldi, Bruno G Teodoro, Luciane Alberici
4	Artigos em Periódicos	2015	Creatine supplementation prevents fatty liver in rats fed choline-deficient diet: a burden of one-carbon and fatty acid metabolism. <i>Journal of Nutritional Biochemistry</i> , v. n, p. n/a, 2015	Rafael Demenice, Bruno G Teodoro
5	Artigos em Periódicos	2015	Effect of exercise training on liver antioxidant enzymes in STZ-diabetic rats. <i>Life Sciences (1973)</i> , v. 126, p. XX.	Tanes Lima, Bruno G Teodoro
6	Artigos em Periódicos	2015	Attenuation of Ca homeostasis, oxidative stress, and mitochondrial dysfunctions in diabetic rats heart: insulin therapy or aerobic exercise?. <i>Journal of Applied Physiology (1985)</i> , v. s/n, p. jap.00915.2014-sn	Márcia da Silva, Bruno G Teodoro
7	Artigos em Periódicos	2015	The combination of conjugated linoleic acid (CLA) and extra virgin olive oil increases mitochondrial and body metabolism and prevents CLA-associated insulin resistance and liver hypertrophy in C57BL/6 mice. <i>Journal of Nutritional Biochemistry</i> , v. 119, p. 147-154	Flavia Baraldi, Bruno G Teodoro

	Tipo de Produção	Ano da Produção	Título da Produção	Autores Principais
8	Capítulo de Livro	2015	Ácidos Graxos no Estresse Oxidativo e Nitrosoativo. In: Hirabara SM; Gorjão R; Lambertucci RH; Vinolo MAR. (Org.). Ácidos Graxos na Saúde e na Doença. 1ed. Curitiba, PR, Brasil: Editora CRV,	Bruno G Teodoro, Leonardo R Silveira
9	Artigos em Periódicos	2016	Long-chain acyl-CoA synthetase 6 regulates lipid synthesis and mitochondrial oxidative capacity in human and rat skeletal muscle. <i>Journal of Physiology (London. Print)</i> , v. 595, p. 677-693, 2016	Bruno G Teodoro, Luciane Alberici
10	Artigos em Periódicos	2017	Triacsin C reduces lipid droplet formation and induces mitochondrial biogenesis in primary rat hepatocytes. <i>JOURNAL OF BIOENERGETICS AND BIOMEMBRANES</i> , v. X, p. 00-00	Felipe Zuccoloto, Bruno G Teodoro, Luciane C Alberici
11	Artigos em Periódicos	2017	Attenuation of obesity and insulin resistance by fish oil supplementation is associated with improved skeletal muscle mitochondrial function in mice fed a high-fat diet. <i>JOURNAL OF NUTRITIONAL BIOCHEMISTRY</i>	Amanda Martins, Bruno G Teodoro, Leonardo R Silveira
12	Artigos em Periódicos	2018	Effects of intermittent dietary supplementation with conjugated linoleic acid and fish oil (EPA/DHA) on body metabolism and mitochondrial energetics in mice. <i>JOURNAL OF NUTRITIONAL BIOCHEMISTRY</i> , v. 60, p. 16-23.	Camila Rosignolli, Bruno G Teodoro, Luciane C Alberici
13	Artigos em Periódicos	2021	The MicroRNA miR-696 is regulated by SNARK and reduces mitochondrial activity in mouse skeletal muscle through Pgc1 α inhibition. <i>Molecular Metabolism</i> , v. 51, p. 10126-xx.	Andre L queiroz, Bruno G Teodoro, Leonardo R Silveira
14	Trabalho completo publicado em Anais de Eventos	2021	O HIP HOP COMO CONTEÚDO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: VIVENCIANDO EXPERIÊNCIAS NO PIBID. In: XII Encontro Mineiro de Investigação na Escola, 2021, Ituiutaba. XII Encontro Mineiro de Investigação na Escola. Uberlândia: http://www.ppgecm.ufu.br/encontro-mineiro-sobre-investigacao-na-escola ,	Bruno G Teodoro, Marina Antunes
15	Trabalho completo publicado em Anais de Eventos	2021	ESTRATÉGIA DE ENSINO DE JOGOS E BRINCADEIRAS NO PIBID EDUCAÇÃO FÍSICA. In: XII Encontro Mineiro de Investigação na Escola, 2021, Ituiutaba. XII Encontro Mineiro de Investigação na Escola. Uberlândia: http://www.ppgecm.ufu.br/encontro-mineiro-sobre-investigacao-na-escola , 2021. v. II. p. 1-8.	Bruno G Teodoro

	Tipo de Produção	Ano da Produção	Título da Produção	Autores Principais
16	Trabalho completo publicado em Anais de Eventos	2021	ELABORAÇÃO DE ESTRATÉGIA DE ENSINO DE GINÁSTICA NO ENSINO REMOTO: RELATO DE EXPERIÊNCIA. In: XII Encontro Mineiro de Investigação na Escola, 2021, Ituiutaba. XII Encontro Mineiro de Investigação na Escola. Uberlândia: http://www.ppgecm.ufu.br/encontro-mineiro-sobre-investigacao-na-escola , 2021. v. II. p. 1-8.	Bruno G Teodoro
17	Resumo publicado em Anais de Eventos	2021	ELABORAÇÃO DE UMA ESTRATÉGIA DE ENSINO DE JOGOS E BRINCADEIRAS NO PIBID EDUCAÇÃO FÍSICA. In: XV Semana Científica do PET Educação Física: Ciência Salvam Vidas, 2021, Uberlandia. XV Semana Científica do PET Educação Física: Ciência Salvam Vidas. Uberlandia: https://peteducaufu.wixsite.com/semanacientifica/anais ,	Bruno G Teodoro
18	Resumo publicado em Anais de Eventos	2021	CAPACIDADES FÍSICAS: ESTRATÉGIA DE ENSINO NO PIBID EDUCAÇÃO FÍSICA. In: XV Semana Científica do PET Educação Física: Ciência Salvam Vidas, 2021, Uberlandia. XV Semana Científica do PET Educação Física: Ciência Salvam Vidas. Uberlândia: https://peteducaufu.wixsite.com/semanacientifica/anais , 2021. v. 1. p. 37-37.	Bruno G Teodoro
19	Resumo publicado em Anais de Eventos	2021	PIBID Educação Física na ESEBA: desafios e possibilidades no ensino remoto'. In: I Seminário PROVIFOR-UFU: Educação, Tecnologias e Metodologias para o Ensino Remoto Emergencial, 2020, Uberlandia. Anais I PROVIFOR-UFU: Educação, Tecnologias e Metodologias para o Ensino Remoto Emergencial. Uberlândia: https://seminarioproviforufu.com/ , 2020. v. 1. p. 70-71.	Bruno G Teodoro, Solange S. Rodovalho
20	Capítulo de Livro	2023	SOLTA O PANCADÃO: (DES)CONSTRUINDO A VISÃO DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE AS DANÇAS URBANAS NO BRASIL E NO MUNDO. In: Adilson Tadeu Basquerote. (Org.). A educação enquanto fenômeno social: Perspectivas de evolução e tendências 7. 1ed. Ponta Grossa: Atena Editora.	Sandy Prata e Bruno G Teodoro

	Tipo de Produção	Ano da Produção	Título da Produção	Autores Principais
21	Trabalho completo publicado em Anais de Eventos	2023	TURMAS CICLADAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: EXPERIÊNCIA DE UM COLÉGIO DE APLICAÇÃO UNIVERSITÁRIO. In: Ciências do Esporte / Educação Física, Soberania Popular no Brasil e na América Latina: Redirecionando as forças democráticas nas águas do Dragão do Mar, 2023, Fortaleza, CE. Anais do XXIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e do X Congresso Internacional de Ciências do Esporte.	Bruno G Teodoro, Cleber Casagrande, Sumaia Barbosa, Robson Félix, Vickele Sobreira, Tiago Alves
22	Trabalho completo publicado em Anais de Eventos	2023	LINGUAGEM E/EM MOVIMENTO: PERCEPÇÕES NA EDUCAÇÃO FÍSICA. In: Ciências do Esporte / Educação Física, Soberania Popular no Brasil e na América Latina: Redirecionando as forças democráticas nas águas do Dragão do Mar, 2023, Fortaleza, CE. Anais do XXIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e do X Congresso Internacional de Ciências do Esporte. v. 2. p. 61-66.	Bruno G Teodoro, Cleber Casagrande, Sumaia Barbosa, Robson Félix, Vickele Sobreira, Tiago Alves
23	Livro Didático	2024	Educação Física 1º Ano do Ensino Fundamental - aluno. 1. ed. Nossa Valores, 2024. v. único. 48p	Bruno G Teodoro, Cleber Casagrande, Sumaia Barbosa, Robson Félix, Debora Casagrande, Tiago Alves
24	Livro Didático	2024	Educação Física 2º Ano do Ensino Fundamental - aluno. 1. ed. Nossa Valores, 2024. v. único. 48p	Bruno G Teodoro, Cleber Casagrande, Sumaia Barbosa, Robson Félix, Debora Casagrande, Tiago Alves
25	Livro Didático	2024	Educação Física 3º Ano do Ensino Fundamental - aluno. 1. ed. Nossa Valores, 2024. v. único. 48p	Bruno G Teodoro, Cleber Casagrande, Sumaia Barbosa, Robson Félix, Debora Casagrande, Tiago Alves
26	Livro Didático	2024	Educação Física 4º Ano do Ensino Fundamental - aluno. 1. ed. Nossa Valores, 2024. v. único. 48p	Bruno G Teodoro, Cleber Casagrande, Sumaia Barbosa, Robson Félix, Debora Casagrande, Tiago Alves

	Tipos de Produção	Ano da Produção	Título da Produção	Autores Principais
27	Livro Didático	2024	Educação Física 5º Ano do Ensino Fundamental - aluno. 1. ed. Nossa Valores, 2024. v. único. 48p	Bruno G Teodoro, Cleber Casagrande, Sumaia Barbosa, Robson Félix, Debora Casagrande, Tiago Alves
28	Livro Didático	2024	Educação Física 1º Ano do Ensino Fundamental - Manual do Educador. 1. ed. Nossa Valores, 2024. v. único. 96p	Bruno G Teodoro, Cleber Casagrande, Sumaia Barbosa, Robson Félix, Debora Casagrande, Tiago Alves
29	Livro Didático	2024	Educação Física 2º Ano do Ensino Fundamental - Manual do Educador. 1. ed. Nossa Valores, 2024. v. único. 96p	Bruno G Teodoro, Cleber Casagrande, Sumaia Barbosa, Robson Félix, Debora Casagrande, Tiago Alves
30	Livro Didático	2024	Educação Física 3º Ano do Ensino Fundamental - Manual do Educador. 1. ed. Nossa Valores, 2024. v. único. 96p	Bruno G Teodoro, Cleber Casagrande, Sumaia Barbosa, Robson Félix, Debora Casagrande, Tiago Alves
31	Livro Didático	2024	Educação Física 4º Ano do Ensino Fundamental - Manual do Educador. 1. ed. Nossa Valores, 2024. v. único. 96p	Bruno G Teodoro, Cleber Casagrande, Sumaia Barbosa, Robson Félix, Debora Casagrande, Tiago Alves
32	Livro Didático	2024	Educação Física 5º Ano do Ensino Fundamental - Manual do Educador. 1. ed. Nossa Valores, 2024. v. único. 96p	Bruno G Teodoro, Cleber Casagrande, Sumaia Barbosa, Robson Félix, Debora Casagrande, Tiago Alves
33	Resumo Expandido publicado em anais de evento	2025	A MATERIALIZAÇÃO DO TEMA ESPORTE NA PROPOSTA CURRICULAR DA EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEBA. XIV Encontro Mineiro de Investigação na Escola	Bruno G Teodoro, Cassio Gozuen

	Tipos de Produção	Ano da Produção	Título da Produção	Autores Principais
34	Resumo Expandido publicado em anais de evento	2025	LUTAS NO ENSINO FUNDAMENTAL: EXPERIÊNCIA DO FESTIVAL DE LUTAS NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. XIV Encontro Mineiro de Investigação na Escola	Thiago Alves, Mariana Caldeira, Bruno G Teodoro
35	Trabalho completo publicado em Anais de Eventos	2025	ANÁLISE DA MATERIALIZAÇÃO DAS TEORIAS CRÍTICAS NOS PARÂMETROS CURRICULARES DA EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEBA. XXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CONBRACE)	Cássio Gozuen Veiga; Júlio César Nogueira Bastos Martins; Vinícius Ferrari Martins; Angelo José Palmieri de Moraes; Bruno Gonzaga Teodoro; Marina Ferreira de Souza Antunes
36	Livro Didático	2025	Educação Física 6º Ano do Ensino Fundamental - Manual do Professor. 1. ed. Nossa Valores, 2024. v. único. 120p	Bruno G Teodoro, Cleber Casagrande, Sumaia Barbosa, Robson Félix, Debora Casagrande, Vickele Sobreira
37	Livro Didático	2025	Educação Física 7º Ano do Ensino Fundamental - Manual do Professor. 1. ed. Nossa Valores, 2024. v. único. 120p	Bruno G Teodoro, Cleber Casagrande, Sumaia Barbosa, Robson Félix, Debora Casagrande, Vickele Sobreira
38	Livro Didático	2025	Educação Física 8º Ano do Ensino Fundamental - aluno. 1. ed. Nossa Valores, 2024. v. único. 48p	Bruno G Teodoro, Cleber Casagrande, Sumaia Barbosa, Robson Félix, Debora Casagrande, Vickele Sobreira
39	Livro Didático	2025	Educação Física 9º Ano do Ensino Fundamental - aluno. 1. ed. Nossa Valores, 2024. v. único. 48p	Bruno G Teodoro, Cleber Casagrande, Sumaia Barbosa, Robson Félix, Debora Casagrande, Vickele Sobreira

7 Conclusão

Como concluir as memórias de uma trajetória profissional? Sinto muita dificuldade de falar de mim mesmo sem parecer estar enaltecedo meu próprio ego.

Tentei explicitar aqui que tudo que vivi como ser humano fez parte de tudo que produzi enquanto professor nesses 15 anos de carreira na ESEBA e no IFSP. Pois somos seres únicos. Não existe um Bruno professor e outro Bruno pai, marido e filho. Existe um ser, que apesar de errante, é tentante em acreditar em uma humanidade melhor. Sem preconceitos, sem machismo, sem homofobia. Uma sociedade melhor para que possamos viver.

Por isso trago uma foto que tirei em um muro aqui em Uberlândia na época que estava extremamente “bitolado” nas minhas produções acadêmicas.



Entendo que caminhei um jornada nesta carreira de docente federal em que pude ter o privilégio de expandir minha mente e conhecimentos em todas as áreas da vida. Me considero um ser mais progressista, mais empático e menos preconceituoso e machista do que há 15 anos atrás. Quero expressar que não devemos ter medo de viver a vida, enfrentar o racismo, o machismo e a homofobia, mas sobretudo não devemos temer a felicidade. Pois a alegria é revolucionária, como canta Daniela Mercury em “Música de Rua”:

Alegria agora
Agora e amanhã
Alegria agora e depois
E depois e depois de amanhã
Essa alegria é minha fala
Que declara a revolução
Revolução
Dessa arte que arde
De um povo que invade
Essas ruas de clave e sol
E de multidão
E a gente dança
A gente dança a nossa dança
A gente dança
A nossa dança a gente dança
Azul é a cor de um país
E cantando ele diz
Que é feliz e chora

Finalizo este memorial depositando esperança em continuar sendo um eterno aprendiz e de ficar sempre com a pureza da resposta das crianças, como cantava Gonzaguinha em “O que é o que é”.

Eu fico com a pureza
Da resposta das crianças
É a vida, é bonita
E é bonita
No gogó!
Viver
E não ter a vergonha
De ser feliz
Cantar e cantar e cantar
A beleza de ser
Um eterno aprendiz
Ah meu Deus!
Eu sei, eu sei
Que a vida devia ser
Bem melhor e será
Mas isso não impede
Que eu repita
É bonita, é bonita
E é bonita
Viver
E não ter a vergonha
De ser feliz
Cantar e cantar e cantar
A beleza de ser
Um eterno aprendiz
Ah meu Deus!

Eu sei, eu sei
Que a vida devia ser
Bem melhor e será
Mas isso não impede
Que eu repita
É bonita, é bonita
E é bonita
E a vida
E a vida o que é?
Diga lá, meu irmão
Ela é a batida de um coração
Ela é uma doce ilusão, ê ô!
Mas e a vida
Ela é maravilha ou é sofrimento?
Ela é alegria ou lamento?
O que é? O que é?
Meu irmão
Há quem fale
Que a vida da gente
É um nada no mundo
É uma gota, é um tempo
Que nem dá um segundo
Há quem fale
Que é um divino
Mistério profundo
É o sopro do criador
Numa atitude repleta de amor

Você diz que é luta e prazer
Ele diz que a vida é viver
Ela diz que melhor é morrer
Pois amada não é
E o verbo é sofrer
Eu só sei que confio na moça
E na moça eu ponho a força da fé
Somos nós que fazemos a vida
Como der, ou puder, ou quiser
Sempre desejada
Por mais que esteja errada
Ninguém quer a morte
Só saúde e sorte
E a pergunta roda
E a cabeça agita
Eu fico com a pureza
Da resposta das crianças
É a vida, é bonita
E é bonita
Viver
E não ter a vergonha
De ser feliz
Cantar e cantar e cantar
A beleza de ser
Um eterno aprendiz

Referências

AGÊNCIA BRASIL. Para especialistas, o Brasil deve diversificar financiamento em P&D. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-07/para-especialistas-o-brasil-deve-diversificar-financiamento-em-pd>. Acesso em: 10 jun. 2025.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO RIO DE JANEIRO (ALERJ). Projeto de Lei nº 263, de 2017. Dispõe sobre restrições para a realização de bailes funk no estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://alerjln1.alerj.rj.gov.br/scpro1116.nsf/5c9c4e51f9c8df98832578e4004b62e6/b3e9a8a7e7e43f5483258180006ca949?OpenDocument>. Acesso em: 18 jun. 2025.

ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. **Capoeira: a history of an Afro-Brazilian martial art.** London: Routledge, 2005.

BRASIL. Decreto n. 847, de 11 de outubro de 1890. Código Penal dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1890. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br>. Acesso em: 10 jun. 2025.

BRASIL. Portaria n. 959, de 27 de setembro de 2013. Estabelece as diretrizes e normas gerais para o funcionamento dos Colégios de Aplicação vinculados às Universidades Federais. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 30 set. 2013. Disponível em: <https://nditestepaginas.ufsc.br/files/2013/10/Portaria-959-de-27-de-setembro-de-2013.pdf>. Acesso em: 16 set. 2025.

CAVALCANTI, Marina. **Funk e resistência cultural:** disputas pela cultura nas periferias brasileiras. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

DAMASIO, Antonio R. **O erro de Descartes:** emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA – ESEBA/UFU. **Parâmetros Curriculares da ESEBA (PCE): Área Educação Física.** Uberlândia: Escola de Educação Básica, Universidade Federal de Uberlândia, 2017. Disponível em: https://eseba.ufu.br/system/files/conteudo/pce_educacao_fisica_2017_0.pdf. Acesso em: 28 ago. 2025.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro.** 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

GONZAGUINHA. O que é, o que é. Intérprete: Gonzaguinha. *In: Plural*. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1982. 1 disco sonoro, faixa 1.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Dossiê de registro da Roda de Capoeira como patrimônio cultural do Brasil.** Brasília, 2008. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br>. Acesso em: 10 jun. 2025.

MERCURY, Daniela. Música de rua. *In: Música de Rua*. Rio de Janeiro: Epic Records, 1994. 1 disco sonoro, faixa 1.

NIEMAN, David. **Exercício e saúde:** teste e prescrição de exercícios. São Paulo: Manole, 1994.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. Confira as atrações da Virada Cultural 2010. Prefeitura da Cidade de São Paulo, 27 abr. 2010. Disponível em: <https://prefeitura.sp.gov.br/web/comunicacao/w/noticias/115404>. Acesso em: 24 ago. 2025.

ROLLING STONE BRASIL. Virada Cultural 2010: programação conta com Living Colour e Céu. 27 abr. 2010. Disponível em: <https://rollingstone.com.br/noticia/virada-cultural-2010-programacao-conta-com-living-colour-buena-vista-social-club-e-abba-the-show/>. Acesso em: 24 ago. 2025.

SANTOS, Antônio Bispo. Nego Bispo é convidado para o evento: Aquilombar o Antropoceno, Contra-colonizar a Ecologia: confluências entre Malcom Ferdinand e Antonio Bispo. Moderação de Ana Sanches – USP, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/7RCuzE6b83k> . Acesso em 21 de agosto de 2025.

SANTOS, Pedro Henrique dos. Criminalização do funk: repressão e resistência cultural nas periferias. **Revista Brasileira de Cultura e Sociedade**, v. 12, n. 3, p. 45-60, 2021.

SCIMAGO. Country Rankings. Disponível em: <https://www.scimagojr.com/countryrank.php>. Acesso em: 10 jun. 2025.

VARELA, Francisco J.; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. **The Embodied Mind**: Cognitive Science and Human Experience. 2. ed. Cambridge: MIT Press, 2017.